

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
RELAÇÕES DE PODER, LINGUAGENS E HISTÓRIA INTELECTUAL

DISSERTAÇÃO

A MULHER NO MEIO DAS TREVAS

Como se pensa sobre criminosos nazistas? - Um estudo sobre dois livros de Gitta

Sereny

Nathara Marriel Mariano

Seropédica
Dezembro de 2023

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
RELAÇÕES DE PODER, LINGUAGENS E HISTÓRIA INTELLECTUAL

A MULHER NO MEIO DAS TREVAS

**Como se pensa sobre criminosos nazistas? - Um estudo sobre dois livros de Gitta
Sereny**

Nathara Marriel Mariano

Orientador: Prof. Dr. Luis Edmundo de Souza Moraes

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História, no Curso de Pós-Graduação em História, Área de concentração: Relações de Poder e Cultura, Linha de Pesquisa: Relações de Poder, Linguagens e História Intelectual

*O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001
This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Finance Code 001*

Seropédica,
Dezembro de 2023

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M333m Mariano, Nathara Marriel, 1996-
A mulher no meio das trevas: Como se pensa
criminosos nazistas? - Um estudo sobre dois livros de
Gitta Sereny / Nathara Marriel Mariano. - Rio de
Janeiro, 2024.
115 f.

Orientador: Luis Edmundo de Souza Moraes.
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Programa de Pós Graduação em
História, 2024.

1. Criminosos Nazistas. 2. Gitta Sereny. 3. Franz
Stangl. 4. Albert Speer. I. Moraes, Luis Edmundo de
Souza, ---, orient. II Universidade Federal Rural do
Rio de Janeiro. Programa de Pós Graduação em História
III. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



ATA Nº 307 / 2024 - PPHR (12.28.01.00.00.49)

Nº do Protocolo: 23083.008771/2024-53

Seropédica-RJ, 23 de fevereiro de 2024.

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ATA Nº 8

Aos nove dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte e quatro, às 14h00, por videoconferência, instalou-se a banca examinadora de dissertação de mestrado do(a) aluno(a) NATHARA MARRIEL MARIANO, sob a orientação do(s) professor(es) LUIS EDMUNDO DE SOUZA MORAES. A banca examinadora foi composta pelos professores/pesquisadores LUIS EDMUNDO DE SOUZA MORAES - Orientador e presidente, FABIO KOIFMAN - UFRRJ e MICHEL GHERMAN - UFRJ. Como suplentes o professor João Paulo Macedo e Castro - UNIRIO e a professora Roberta Sampaio Guimarães - UFRJ.. A dissertação intitulada A mulher no meio das trevas: Como se pensa criminosos nazistas? - Um estudo sobre dois livros de Gitta Sereny, foi iniciada as 14h00 e teve a duração de 120 minutos de apresentação.

O (a) Candidato (a), após avaliado pela banca examinadora obteve o resultado:

APROVADO (a), devendo o (a) Candidato (a) entregar a versão final em até 60 dias à sua coordenação de curso (de acordo com a Deliberação Nº 84 de 22 de agosto de 2017).

APROVADO (a) COM RESSALVA, devendo o (a) Candidato (a) satisfazer, no prazo estipulado pela banca, as exigências constantes da Folha de Modificações de Dissertação de Mestrado anexa à presente ata. Após, entregar a versão final em até 60 dias à sua coordenação de curso (de acordo com a Deliberação Nº 84 de 22 de agosto de 2017).

REPROVADO (a).

Seropédica 09 de fevereiro de 2024.

Dr. MICHEL GHERMAN, UFRJ Examinador Externo à Instituição

Dr. FABIO KOIFMAN, UFRRJ Examinador Interno

Dr. LUIS EDMUNDO DE SOUZA MORAES, UFRRJ Presidente

NATHARA MARRIEL MARIANO Mestrando

OBSERVAÇÃO: Esta ata é documento administrativo de uso exclusivo da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação e NÃO pode ser utilizada a título de comprovação de Grau pelo candidato, que deve seguir o trâmite institucional para emissão de Diploma, Histórico Escolar e demais declarações

(Assinado digitalmente em 25/02/2024 23:54)
FABIO KOIFMAN
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptHRI (12.28.01.00.00.86)
Matrícula: 1775134

(Assinado digitalmente em 27/02/2024 10:06)
LUIS EDMUNDO DE SOUZA MORAES
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptHRI (12.28.01.00.00.86)
Matrícula: 1353338

(Assinado digitalmente em 28/02/2024 12:41)

(Assinado digitalmente em 23/02/2024 10:06)

MICHEL GHERMAN
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 071.100.427-74

NATHARA MARRIEL MARIANO
DISCENTE
Matrícula: 20221000430

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrj.br/public/documentos/index.jsp>
informando seu número: **307**, ano: **2024**, tipo: **ATA**, data de emissão: **23/02/2024** e o código
de verificação: **6855a898e6**

À memória de minha amada avó, Izoridia Quirino, que se foi enquanto eu realizava esta pesquisa.

E a todos os meus antepassados, que enfrentaram os piores horrores que podem ser proporcionados a um ser humano. Vocês vivem em mim, e essa vitória é nossa.

AGRADECIMENTOS

Concluir esta pesquisa foi um processo tão desafiador que por muitas vezes eu tive certeza de que não conseguiria terminar. Foram dois anos de dedicação exclusiva a este trabalho, de um esforço inimaginável para vencer tudo aquilo que me impedia de chegar ao final, e aqui estou eu, terminando uma dissertação. Entretanto, como tudo que realizei até aqui, não concluo este trabalho sozinha! Mais uma vez, trago comigo um universo de amores e afetos, que me moldaram e sustentaram para que eu pudesse chegar a este momento, e por isso serei eternamente grata.

Agradeço a Deus por sua infinita bondade em me abençoar e me proporcionar forças para concluir esse árduo trabalho. Agradeço imensamente a Santa Anastácia e à Nossa Senhora Aparecida, as santas que não me deixaram esmorecer, e mantiveram a minha fé inabalável para que eu tivesse a certeza, em todos os momentos, que não estive sozinha nem por um minuto.

Agradeço à minha mãe, Maria Jacira, sempre tão presente e tão resiliente, que me apoiou e acreditou em mim mesmo quando eu mesma não acreditava que conseguiria. Sem ela esse trabalho não existiria, pois eu teria desistido antes da metade. Seu suporte e seu amor são o coração dessa pesquisa. Serei eternamente grata por tudo que fez por mim, e por sempre me auxiliar a ser um ser humano melhor. Ao meu pai, Juarez Mariano, que vibrou de felicidade em cada passo dado nessa caminhada, obrigada por nunca desacreditar do meu talento e da minha capacidade, seu amor me faz acreditar que sou capaz de realizar até o que não acreditava ser possível.

À minha amada avó, Izoridia Quirino, que faleceu enquanto eu desenvolvia esse trabalho, e a quem dedico esta dissertação. Depois de sua partida eu achei que não teria forças para continuar escrevendo esta pesquisa, achei que tudo havia perdido o sentido. Porém, lembrei de todas as vezes que ela ficou feliz por cada pequeno passo que eu realizava, e hoje, sei que ela estaria orgulhosa de ver este trabalho pronto. Eu te amo vó, fiz isso por nós!

À minha tia Cláudia Maria, que é a pessoa que mais torce por mim nesse mundo. Obrigada por comemorar comigo durante cada pequena vitória, por vibrar comigo em cada realização, e principalmente, por acreditar que eu era capaz de concluir esta pesquisa. Sem esse apoio eu não seria nada! Ao meu primo, Arthur Mariano, que sempre torceu por mim, e a quem eu recorri todas as vezes que precisei de ajuda com a dissertação, e não foram poucas. Agora, além de um primo muito amado, ele também será um amigo de profissão, um historiador incrível, pelo qual eu terei muito orgulho.

Agradeço também aos meus amigos, as pessoas mais amorosas que o universo teve a bondade de colocar no meu caminho. Às minhas fiéis companheiras, Mariana Salustiano e Yasmin Esteves, por terem torcido por mim desde a graduação, e acompanhado cada minuto do mestrado. Obrigada por todas as vezes que ouviram minhas reclamações, meus lamentos e minhas frustrações, e por todas as vezes que seguraram minha mão e disseram que ficaria tudo bem, e realmente ficou. Ao meu amado Gabriel Rodrigues, por ter feito meu segundo ano de mestrado ser suportável, sem a sua amizade eu teria colapsado incontáveis vezes, e certamente não chegaria a este ponto! Ao Renato Azevedo, por ter acreditado na potência do meu trabalho, e ter me dado forças não apenas para ingressar no mestrado, mas também para seguir nele. Sua amizade foi crucial para que esse resultado fosse possível.

Ao Hélio Muguet e Julliane Guedes, por terem acreditado em uma ideia que parecia tão absurda, mas que acabou se tornando esta pesquisa. Obrigada por lerem incontáveis vezes os meus textos, e terem me dito o que eu precisava para continuar. Vocês não fazem

ideia do quanto foram importantes nessa caminhada, e em todas as outras áreas da minha vida, e por isso nunca cansarei de agradecer. Ao Daniel Oliveira, que participou de todas as fases desta caminhada, desde o ingresso no mestrado até todas as aulas que assistimos juntos, você coloriu essa caminhada meu amigo, obrigada por todas as vezes que nos lamentamos juntos, mas seguimos estudado e alcançando nossos objetivos.

Ao Pedro Félix, que mesmo de longe ouviu todos os meus apelos e minhas frustrações. Obrigada por me ajudar nas fases difíceis, por ler com tanta atenção e tanto empenho cada parte desse trabalho. E principalmente, obrigada por acreditar nessa ideia, você é um historiador incrível, e um amigo melhor. Ao Guilherme Gründling, que tão generosamente se propôs a ler meu trabalho e auxiliar com possíveis correções. Guilherme me acompanha desde a graduação, obrigada pela sua bondade em me auxiliar em um momento tão sensível.

Ao meu orientador Luís Edmundo Moraes, com quem aprendi muito do que precisava para concluir essa dissertação. Obrigada por toda a confiança depositada em mim, por todas as correções e broncas quando eu estava errada, e por lapidar o que era apenas uma ideia sem sentido. Sua bondade e experiência me moldaram para ser a pesquisadora que sou hoje, e se esse trabalho existe, eu devo grande parte ao senhor. Obrigada por todo tempo, trabalho e empenho que dedicou comigo, serei eternamente grata por tudo que aprendi e vivi com um orientador tão humano. Edmundo é um exemplo de profissionalismo e empatia, por isso, é e sempre será um prazer e uma honra ser sua orientanda.

À minha psicóloga Cristiane Magela, que me ajudou durante a graduação e no processo de mestrado. Sem a minha queria Cris eu não teria chegado até aqui, arrisco dizer que sem a sua ajuda eu não teria chegado nem ao mestrado. Com todo o seu profissionalismo e afeto, ela me ajudou a confiar no meu trabalho, e principalmente, a confiar em mim. Obrigada Cris, essa conclusão é também mérito seu e do seu longo empenho para que eu me tornasse uma pessoa melhor.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Agradeço a todos que me auxiliaram nessa difícil caminhada, seja de forma espiritual, mental ou emocional. Todos possuem um lugar no meu coração e na minha história. O amor que recebi, e recebo, fez com que essa conclusão fosse possível, e fez com que eu não desistisse no caminho, por mim, mas também por vocês. Espero que esse seja apenas mais um capítulo de uma vida inteira, e que todos estejam comigo até depois do fim. Nos vemos no próximo episódio!

Entre outras coisas, você vai descobrir que não é a primeira pessoa a ficar confusa e assustada, e até enojada, pelo comportamento humano. Você não está de maneira nenhuma sozinho nesse terreno, e se sentirá estimulado e entusiasmado quando souber disso. Muitos homens, muitos mesmo, enfrentaram os mesmos problemas morais e espirituais que você está enfrentando agora. Felizmente, alguns deles guardaram um registro de seus problemas. Você aprenderá com eles, se quiser. Da mesma forma que, algum dia, se você tiver alguma coisa a oferecer, alguém irá aprender alguma coisa de você. É um belo arranjo recíproco. E não é instrução. É história. É poesia.

J. D. Salinger. *O apanhador no campo de centeio*, p 160.

RESUMO

MARIANO, Nathara Marriel. A mulher no meio das trevas: Como se pensa sobre criminosos nazistas – Um estudo sobre dois livros de Gitta Sereny. 2023. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de História e Relações Internacionais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2023.

Esta pesquisa tem por objetivo analisar como a jornalista Gitta Sereny pensa criminosos nazistas em seus escritos. Para que isso seja possível faz-se uso de dois livros da autora, um sobre o nazista Franz Stangl, lançado em 1974 e outro sobre o nazista Albert Speer, lançado em 1995. A pesquisa observa, analisa e compreende como a autora reflete sobre esses criminosos envolvidos com o Holocausto, com os quais teve contato direto, e como a autora constrói uma forma específica de pensamento sobre esses indivíduos. Com esta análise conseguimos observar principalmente a tentativa da autora de representar seus objetos como seres humanos comuns, e afastá-los do estigma monstruoso colocado em participantes de crimes de genocídio. Assim, nossa observação da obra nos oferece um panorama da representação desses indivíduos e nos mostra a tentativa da autora de humanizar seus entrevistados.

ABSTRACT

MARIANO, Nathara Marriel. *The woman into the darkness: How we can think about nazi criminals: A study of two books by Gitta Sereny*. 2023. Dissertation (Masters in History). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de História e Relações Internacionais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2023.

This research aims to analyze how journalist Gitta Sereny thinks about Nazi criminals in her writings. To make this possible, two books by the author are used, one about the Nazi Franz Stangl, released in 1974 and the other about the Nazi Albert Speer, released in 1995. The research observes, analyzes and understands how the author reflects on the criminals involved in the Holocaust, with whom she had direct contact, and how the author constructs a specific way of thinking about these individuals. With this analysis, we were able to observe mainly the author's attempt to represent her objects as ordinary human beings, and to distance them from the monstrous stigma placed on participants in genocide crimes. Thus, our observation of the work offers us an overview of the representation of these individuals and shows us the author's attempt to humanize her interviewees.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	
GITTA SERENY E SEUS LIVROS SOBRE CRIMINOSOS NAZISTAS	27
1.1. Gitta Sereny	27
1.2. Os livros como são, um resumo	39
CAPÍTULO II	
OS LIVROS: PROCEDIMENTOS EM COMPARAÇÃO	50
2.1. Estrutura temática dos livros.....	53
2.2. O problema da compreensão	57
2.3. Contrapondo os entrevistados	71
2.4. A inclusão de pessoas	78
2.5. A relação da autora com os criminosos	71
CAPÍTULO III	
O PENSAMENTO DE GITTA SERENY: UMA ANÁLISE	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
FONTES	106
JORNAIS E FONTES ELETRÔNICAS	107
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	110

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem por objetivo analisar a forma que a jornalista Gitta Sereny pensa criminosos nazistas. Para realizar tal tarefa, nos debruçaremos sobre dois escritos de Sereny, o primeiro intitulado *No meio das trevas – Da eutanásia ao assassinato em massa: um exame de consciência*¹, de 1974, e o segundo sendo *Albert Speer – Sua luta com a verdade*², de 1995. Consideramos que esses dois escritos sobre pessoas envolvidas com os crimes cometidos durante o Terceiro Reich podem nos oferecer um retrato sobre a forma de enxergar, compreender e buscar sentido nas ações desses indivíduos.

Sendo assim, a pretensão principal da pesquisa é analisar esses escritos, em medida comparativa, com o intuito de tentar perceber as semelhanças e diferenças entre eles com relação à forma de buscar sentido aos atos desses criminosos. Então, o foco foi pensado para girar em torno das formas de analisar, e compreender, as ações dos criminosos nazistas presentes nos escritos de Sereny, e para isso, tomaremos como objeto os livros sobre Franz Stangl e Albert Speer. Utilizaremos essa comparação para entender quais os questionamentos, análises e explicações estão presentes na escrita sobre esses indivíduos, e para observar as similaridades e diferenças na forma de tratar, entender e de caracterizá-los.

Acreditamos que tomar escritos sobre esses indivíduos como objeto de pesquisa advém da necessidade de refletir sobre como esses escritos são pensados, e como os autores desses livros lidam com seus objetos. Assim, nossa busca está em perceber se há um padrão nesse tipo de trabalho da autora, ou se toda a lógica de escrita muda conforme o objeto de análise se altera. Neste sentido, algumas perguntas são suscitadas sobre esse assunto, e o questionamento que norteou a análise foi: ao compararmos os livros escritos pela jornalista Gitta Sereny sobre criminosos nazistas, é possível encontrar uma explicação para como pessoas comuns cometeram crimes monstruosos?

Esta pesquisa é um desdobramento de um estudo que teve início com o projeto monográfico desenvolvido durante alguns anos no decorrer da graduação em História, cursada na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, e apresentado no ano de 2022. A pesquisa monográfica intitulada *A construção da imagem de Franz Stangl em “No meio das*

¹ - SERENY, G. *No Meio das Trevas - Da eutanásia ao assassinato em massa: um exame de consciência*. Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, 1981.

² - SERENY, G. *Albert Speer - Sua luta com a verdade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

trevas” da autora Gitta Sereny, em 1974³, nos permitiu que analisássemos a forma que a autora constrói a imagem de Franz Stangl no livro *No meio das trevas*. A pesquisa para realização da monografia acabou sendo frutífera, pois propiciou observar alguns pontos importantes na construção da imagem de Stangl pela autora. Um deles gira em torno da percepção de que Sereny se dedica à construção da personagem de Stangl, assim consegue trazer detalhes da vida do entrevistado, como sua infância, seus traumas, bem como as pessoas amadas por ele e as que o amaram. Além disso, o que de mais importante foi possível concluir é a busca da autora por reconstruir uma imagem *comum* da figura de Stangl, colocando-o como um homem como qualquer outro, e afastando-o da monstruosidade.

Por isso, ao final da pesquisa, optamos por continuar explorando os escritos de Gitta Sereny, visto que autora possui mais de um livro a respeito de indivíduos envolvidos com os crimes relacionados ao Holocausto. Bem como por ter passado grande parte de sua vida envolvida com indivíduos relacionado a este evento.⁴ Assim, considerando que acreditamos ser necessário expandir o conhecimento sobre pessoas envolvidas em crimes de genocídio pelo viés intelectual da autora, optamos por continuar a explorar os escritos da autora.

Um dos pontos que merece ser ressaltado, como grande incentivador para que essa pesquisa seja realizada, é o quase que total esquecimento acadêmico de Gitta Sereny. Nossas pesquisas apontam para o fato de a autora nunca ter sido objeto de um estudo sistemático, e seus livros apenas são citados em alguns estudos que trabalhem com os mesmos indivíduos que ela aborda. Não há um estudo que tente compreender o pensamento da autora, e em como ela compreendia pessoas envolvidas com crimes de genocídio. Perspectiva essa que acreditamos ser algo que necessite de uma análise histórica, já que ela esteve em contato direto com pessoas envolvidas com os crimes do Holocausto, formando não apenas pensamentos e opiniões sobre elas, mas também reproduzindo isso para o mundo.

Não apenas o esquecimento acadêmico de Sereny nos é importante. Também devemos perceber a problemática que se apresenta em torno do estudo das produções de intelectuais mulheres. As questões em torno da perspectiva de gênero se mostram importantes para a fundamentação pertinente desta pesquisa. Colocamos como centro a

³ - MARIANO, Nathara M. *A construção da imagem de Franz Stangl em “No meio das trevas” da autora Gitta Sereny, em 1974*. Seropédica: UFRRJ, 2022.

⁴ - Essa afirmação é baseada não apenas nos trabalhos literários de Gitta Sereny, mas também em toda sua produção jornalística que, por muitas vezes, lidou com pessoas relacionadas aos crimes relativos ao Holocausto. Fato esse que também será explorado no decorrer da pesquisa.

produção intelectual de uma mulher, apontando para a necessidade de adentrarmos em discussões atreladas ao gênero para compreender o contexto e a problemática que envolve a produção do pensamento intelectual da autora.

Devemos ter ciência que, como defende Joan Scott, o gênero se trata de todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas não é determinado por ele (SCOTT, 1990, p. 76). Assim, a historiadora defende que, com a virada dos historiadores para outros temas de estudo, o uso do “gênero” ficou atrelado às áreas que envolvem as relações entre os sexos (SCOTT, 1990, p. 76). O conceito de gênero, portanto, era utilizado especificamente para lidar com estudos relacionados às mulheres, e essa realidade apenas mudará com reflexões muito posteriores como as de Thomas Laqueur, que defende que o sexo só é explicável se analisado juntamente com as lutas sobre gênero e poder (SOIHET & PEDRO, 2007, p. 292). Essa breve reflexão se faz importante pois lidaremos durante a pesquisa com a questão do gênero e como o poder se exerce sobre essa perspectiva, e utilizaremos como objetos de análise livros produzidos por uma mulher, o que adiciona mais peso sobre a questão do poder.

Tomar escritos de uma mulher como objeto principal de estudo se faz relevante em uma tentativa pensar sobre o reconhecimento tardio da intelectualidade de mulheres na produção historiográfica. Falar sobre mulher na história é uma tentativa de reparar essa exclusão, em um ambiente que sempre esteve sob o domínio de homens (SOIHET & PEDRO, 2007, pp. 281-282). A historiadora Maria da Glória de Oliveira faz uma importante reflexão para tentar compreender essa invisibilidade das mulheres como intelectuais, e sobre como esse silêncio corrobora com a pouca centralidade de obras produzidas por mulheres (OLIVEIRA, 2018, p. 107). Oliveira argumenta que as produções de mulheres não possuem nenhum privilégio de produção em nenhuma área da historiografia, e dessa forma permanece “como o ‘outro’ silenciado pelos cânones e pela memória disciplinar” (OLIVEIRA, 2018, p. 108). Ainda de acordo com Oliveira, as mulheres ocupam uma posição marginal no campo da história intelectual (OLIVEIRA, 2018, p. 108), corroborando para que suas produções sejam, muitas vezes, lançadas ao ostracismo histórico e conseqüentemente que não haja interesse em nenhum tipo de aprofundamento sobre essa intelectualidade.

Lidar com o trabalho intelectual de uma mulher é também lidar com essa trajetória de exclusão e esquecimento da qual essa intelectualidade é acompanhada. Tomar como fonte escritos de uma mulher para produzir um trabalho historiográfico é, sobretudo, simbólico, pois quando eclodiu a necessidade acadêmica de inclusão das mulheres como objeto de

estudo, o campo das ciências humanas que mais tardiamente se apropriou dessa categoria de pesquisa sobre as mulheres foi o campo da história (SOIHET & PEDRO, 2007, p. 284). Alguns historiadores homens colocam a história das mulheres em nichos separados, lançando a responsabilidade de produção de estudos sobre as mulheres apenas para as feministas (SOIHET & PEDRO, 2007, p. 289), o que escancara a misoginia presente na academia quando renega a importância histórica das mulheres e lança suas histórias a um patamar de importância menor que as histórias sobre homens e feitas por homens.

Portanto, a reflexão sobre a produção historiográfica sobre mulheres não é de menor importância para esta pesquisa, principalmente quando tratamos sobre essa intelectualidade que foi negligenciada durante tantos anos. Tomar os livros de Gitta Sereny como fonte principal de análise pode ser relevante para lidar com o ostracismo acadêmico ligado à produção da autora, mas também como uma forma de contribuir para atenuar essa fronteira invisível criada com relação ao estudo da produção intelectual de mulheres.

Além disso, acreditamos que a potência intelectual de Sereny está no fato de que ela faz parte de uma mudança na forma de pensar criminosos nazistas, pois os coloca como objeto principal de análise na tentativa de compreendê-los. Os livros abordam membros do NSDAP⁵, que participaram ou sabiam do genocídio ocorrido durante os anos de domínio nazista e que foram julgados e condenados por seus crimes.

Isso se faz relevante pois, no imediato pós Segunda Guerra Mundial, os criminosos que de alguma forma participaram do assassinato sistemático de pessoas durante a guerra, foram vistos de uma forma muito específica por pessoas que tratavam sobre eles. Esses indivíduos eram tratados com afastamento da natureza humana, como uma espécie desconhecida à racionalidade, a imagem e semelhança da monstruosidade proporcionada pelos nazistas. Essas pessoas eram tidas como impossíveis de entender, ou de serem analisadas. Isso fica muito claro nas palavras de Primo Levi, quando discorre sobre a impossibilidade de entender essa categoria de criminosos, pois seus atos estavam além da compreensão humana, incapacitando a percepção dos acontecimentos partindo desses indivíduos (LEVI, 1987, p. 4).

Entretanto, com o passar dos anos, o campo de estudo sobre criminosos nazistas se consolidou, e se tornou extremamente importante, tanto na historiografia quanto em outras áreas de estudo das ciências sociais. Nesse sentido, é essencial observar o campo

⁵ - “*Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei*” - Partido Nacional - Socialista dos Trabalhadores Alemães.

historiográfico com o qual estamos trabalhando, pois estamos lidando com um arcabouço abrangente de fontes e de historiadores que se propuseram a escrever sobre a temática.

O historiador Raul Hilberg é um dos autores indispensáveis para pensar não apenas criminosos nazistas, mas vários assuntos ligados ao Holocausto, já que Hilberg é um dos grandes precursores dos estudos sobre o tema. Em seu livro *Perpetrators, victims, bystanders – The Jewish catastrophe: 1933 – 1945*⁶, o autor apresenta uma forma de análise de grande proporção, na qual nenhuma organização solitária foi responsável pela tragédia dos judeus (HILBERG, 1992, p. IX), mas sim um conjunto muito extenso, burocratizado e que contou com participação de um incontável número de pessoas. Hilberg nos apresenta uma forma de olhar para esses criminosos em conjunto, em um cenário no qual não eram apenas suas vontades que determinavam as formas de agir.

Dentro do mesmo livro citado, o historiador dedica um capítulo inteiro à reflexão sobre a figura de Adolf Hitler. Hilberg disserta sobre parte da vida de Hitler, como que delimitando uma linha biográfica de forma cronológica. Assim, a trajetória se inicia com o nascimento e a infância de Hitler, passando por sua juventude, a carreira militar e a criação do NSDAP, a tentativa de golpe, a escrita do livro *Mein Kampf*, a chegada à Chancelaria e ao comando do Terceiro Reich.

O ponto crucial para Hilberg está em refletir sobre Hitler e sua trajetória de ódio aos judeus, bem como o papel crucial do *Führer* na decisão de aniquilação dos judeus europeus. O autor afirma que, apesar de muitas atitudes serem tomadas sem o consentimento do líder (HILBERG, 1992, p. 12), as decisões tomadas por ele sempre devem ser enxergadas à luz de seu antissemitismo. É de Hitler que advém as leis que excluem os judeus da sociedade e as ordens de medidas contra os mesmos (HILBERG, 1992, p. 12). Sendo assim, ao traçar o caminho entre a história dele e o genocídio perpetrado no corpo do povo judeu, o autor afirma que apesar da Solução Final⁷ não ser viável, ela era a vontade de Hitler (HILBERG, 1992, p. 16). Sendo assim, Hilberg o considera como o grande arquiteto da catástrofe judaica (HILBERG, 1992, p. 16), e enxerga o massacre como uma decisão tomada pelo líder do Terceiro Reich (HILBERG, 1992, p. 18). Essa reflexão de Hilberg se faz importante ao nos

⁶ - HILBERG, R. *Perpetrators victims bystanders: the Jewish catastrophe*. New York: Collins Publishers, Inc, 1992.

⁷ - A chamada “Solução Final” é o assassinato em massa deliberado e planejado dos judeus da Europa. Fonte: United States Holocaust Memorial Museum. “The “Final Solution””. Holocaust Encyclopedia. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/the-final-solution>. Acesso em: 19/08/2021.

ajudar na compreensão dos diferentes caminhos que estudos sobre pessoas envolvidas com os crimes do Holocausto podem tomar.

Ao refletirmos sobre escritos dedicados a figuras específicas do Terceiro Reich, Adolf Hitler é, sem dúvidas, o criminoso nazista que reúne o maior arcabouço de pesquisas dedicadas a sua reflexão. Segundo a historiadora Marcela Silva, que realizou um mapeamento detalhado sobre as obras de historiadores que se propõem a escrever sobre ele, foram encontradas 11 biografias que o têm como objeto principal⁸ (SILVA, 2019, p. 11). Dentre esses escritos, os mais conhecidos foram realizados pelo historiador Ian Kershaw, que se dedicou a escrever sobre Hitler cinco vezes.

A importância de abordar as biografias de Adolf Hitler está em percebermos que, por muito tempo, a produção historiográfica dedicada a criminosos nazistas possuía um foco principal que girava em torno da preocupação em tentar reconstruir a trajetória de vida desses indivíduos. Apesar do volume significativo de trabalhos biográficos sobre esses criminosos, os historiadores não possuíam, até esse momento, a expectativa de construir uma análise sistemática sobre eles. Essa reflexão é relevante para que possamos definir o cenário de produção que existia e o motivo de acreditarmos que Gitta Sereny traz uma produção intelectual diferente.

Ian Kershaw é uma figura de proa no estudo sobre criminosos nazistas. Kershaw se dedicou a escrever especialmente sobre a figura do ditador Adolf Hitler em cinco diferentes livros ao longo de sua carreira, sendo eles: *The 'Hitler Myth': Image and Reality in the Third Reich*⁹, *Hitler – Um perfil do poder*¹⁰, *Hitler 1889–1936: Hubris*¹¹, *Hitler 1936–1945: Nemesis*¹² e *Hitler, the Germans and the Final Solution*¹³. Dentre todas as obras importantes de Kershaw, dedicamos lugar reservado ao livro *Hitler – Um perfil do poder*, pois o historiador realiza um relevante trabalho na busca de uma explicação para ascensão de Adolf Hitler ao poder, pois nada na figura de Hitler sugeria que chegaria a algum lugar (KERSHAW, 1993, p. 10).

⁸ - Ver SILVA, M. O. *O retrato de Adolf Hitler na biografia Hitler: A study in tyranny escrita por Alan Bullock, em 1952*. Seropédica: UFRRJ, 2019.

⁹ - KERSHAW, I. *The 'Hitler Myth': Image and Reality in the Third Reich*. New York: Oxford University Press, 1987.

¹⁰ - KERSHAW, I. *Hitler: Um perfil do poder*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

¹¹ - KERSHAW, I. *Hitler 1889–1936: Hubris*. Penguin Books, 1998.

¹² - KERSHAW, I. *Hitler 1936–1945: Nemesis*. New York: W.W. Norton & Company, Inc, 2000.

¹³ - KERSHAW, I. *Hitler, the Germans, and the Final Solution*. London: Yale University Press, 2008.

O grande questionamento para Kershaw é como Hitler conseguiu ser o homem mais importante da Europa, mas, além disso, ele se propõe a entender a extensão e relevância do poder do ditador, partindo do princípio que o poder pessoal de Hitler não foi uma fantasia, mas por muitas vezes foi interpretado de forma errada (KERSHAW, 1993, p. 16). Assim, Kershaw defende que a análise do poder de Hitler não começa e termina nele, mas as condições nas quais os eventos ocorreram, bem como as ações externas, também são fatores relevantes.

O historiador Joachim Fest é um dos autores citados no levantamento de Marcela Silva como sendo um dos importantes biógrafos de Hitler. O livro *The Face of the Third Reich*¹⁴, de 1963, foi o início das análises de Fest sobre criminosos nazistas em específico. Nele, o historiador tenta refletir sobre a estrutura do Terceiro Reich partindo das pessoas que o compunham. Fest começa traçando a trajetória de Hitler desde antes de seu nascimento até a sua morte, passando pelas origens de seu antissemitismo e suas decisões dentro no período de guerra, e tudo isso atrelado a um panorama do contexto vivido pela Alemanha nos anos de ascensão de Hitler e a como isso possibilitou a chegada dele ao poder.

Além disso, o primeiro livro de Fest faz o esforço de tentar compreender o lugar dos homens que formavam a cúpula nazista. Então, o historiador dedica espaço a demonstrar o lugar de importância ocupado por cada um desses homens, trazendo as histórias de vida e características deles, quando importante para compreender seu lugar na estrutura, tendo sempre em vista a relação deles com Hitler. Com isso, Fest constrói um panorama da essência presente na cúpula nacional-socialista e em como tudo isso se relaciona com a figura principal, que é Hitler. O autor o enxerga como protagonista do movimento nacional-socialista (FEST J. , 1979, p. 11), e acredita não ser possível pensar o movimento e a ideologia sem pensar em seu líder (FEST J. , 1979, p. 10).

Além disso, Joachim Fest também se dedicou a refletir sobre outras figuras relacionadas ao Terceiro Reich. Um dos indivíduos que foi alvo de sua atenção foi Albert Speer, que aparece como parte da composição das reflexões presentes no livro *The Face of the Third Reich*, e em dois outros livros dedicados exclusivamente a Speer. O primeiro deles foi *Speer: The Final Verdict*¹⁵, lançado em 2001, considerado pelo próprio autor como uma biografia. Nele Fest deixa explícita a dificuldade de escrever sobre uma figura tão ambígua

¹⁴ - FEST, J. *The Face of the Third Reich*. Penguin Books, 1979.

¹⁵ - FEST, J. *Speer: The Final Verdict*. Florida: Harcourt Inc, 2001.

como essa e traça um caminho cronológico desde o nascimento até sua morte, além de realizar reflexões sobre figuras como Speer.

O segundo livro *Conversas com Albert Speer*¹⁶, lançado originalmente em 2005, é o resultado de anotações feitas por Joachim Fest sobre conversas que manteve com Speer enquanto o auxiliava na escrita de seu livro de memórias.¹⁷ Neste livro, Fest faz questão de manter todas as possíveis incoerências presentes nas falas do entrevistado, dado que ele acredita que a incoerência faz parte de sua natureza (FEST J. , 2001, p. 8). Desta forma, as anotações não contam com uma ordem cronológica exata, mas sim têm a expectativa de demonstrar o que ele falava, tratando-se de um grande resumo de conversas do tempo em que os dois estiveram juntos, sempre refletindo sobre a trajetória de Speer.

O historiador alemão Peter Longerich também se dedicou a refletir individualmente sobre criminosos nazistas, e a explicação para tal interesse, na concepção dele, está em tentar explicar o que mantinha o aparato nazista unido, acreditando que para responder esse questionamento devemos olhar para os homens que compunham a cúpula nazista (LONGERICH, 2013, p. 11). Por isso, ele se dedicou a escrever sobre três grandes nomes do alto escalão nazista, Heinrich Himmler, Joseph Goebbels e Adolf Hitler.

O livro *Heinrich Himmler - Uma Biografia*¹⁸, que teve sua primeira versão lançada em 2007, foi a primeira incursão de Peter Longerich no campo de estudos sobre pessoas envolvidas com os crimes do Terceiro Reich. O autor se propõe a refletir sobre como alguém tão banal quanto Heinrich Himmler conseguiu chegar aos cargos de *Reichsführer-SS*¹⁹, chefe da Polícia alemã, ministro do Interior do Reich e comandante do Exército de Reserva. Ao fazer essa reflexão, o autor tem a expectativa de desvendar os motivos por trás dos feitos de Himmler, e afirma querer ultrapassar os limites de uma biografia comum analisando toda a vida de seu objeto de estudo, incluindo as áreas que não têm relação direta com a política (LONGERICH, 2013, p. 10). O resultado da busca é uma obra robusta, que conta com quase mil páginas e abarca na forma de narrativa a trajetória da vida de Himmler com histórias que foram possíveis de serem acessadas.

*Joseph Goebbels - Uma biografia*²⁰, de 2010, é o segundo livro biográfico proposto por Peter Longerich, e nele o historiador tenta pensar a trajetória de ascensão de Joseph

¹⁶ - FEST, J. *Conversas com Albert Speer*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

¹⁷ - Joachim Fest afirma que foi convidado por Wolf Jobst Siedler, editor da Editora Ullstein, para auxiliar Albert Speer na escrita de seu livro de memórias como um “editor-interrogador” (FEST J. , 2012, p. 6).

¹⁸ - LONGERICH, P. *Heinrich Himmler - Uma biografia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

¹⁹ - Não há equivalência possível com as patentes do Exército brasileiro.

²⁰ - LONGERICH, P. *Joseph Goebbels: uma biografia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

Goebbels, um homem que não possuía origem aristocrática, mas que chegou ao cargo de Ministro da Propaganda do Reich e Gauleiter²¹ de Berlim (LONGERICH, 2014, p. 18). O autor afirma que é importante que possamos compreender, através da propaganda de Goebbels, como tantos alemães se vincularam ao nazismo, ao mesmo tempo em que faz o esforço de desconstruir o autorretrato de uma genialidade propagandística que o ministro havia proposto de si. A principal fonte utilizada por Longerich são os diários escritos pelo próprio Goebbels, colocados em análise minuciosa na expectativa de ultrapassar a personalidade narcisista dele (LONGERICH, 2014, p. 19) e conseguir utilizar a fonte para além da figura do propagandista, tentando entender também o funcionamento do interior do Terceiro Reich.

Peter Longerich também se debruçou sobre a figura de Hitler em seu livro *Hitler: A life*²², de 2015, no qual o historiador exprime o pensamento sobre sua concentração de poder e como isso deriva de consequências externas e atitudes do ditador. O autor acredita que as estruturas do Terceiro Reich são impensáveis sem Hitler, entretanto, a ditadura não se resume a ele. Por isso, dispensa uma análise estrutural que liga Hitler principalmente a seu carisma (LONGERICH, 2019, p. 20), e propõe o pensamento a respeito do ditador como autônomo. A biografia proposta pelo historiador abordou em mais uma análise de trajetória de vida a particularidade da personalidade hitleriana, e utilizou desse marcador para construir a carreira política do *Führer*.

O historiador brasileiro Felipe Cittolin Abal dedicou-se a estudar dois criminosos nazistas encontrados no Brasil: Franz Stangl, objeto também de Gitta Sereny, e Gustav Wagner, em seu *Visitantes indesejados: os pedidos de extradição de Franz Stangl e Gustav Wagner em uma análise histórico jurídica*.²³ Abal propõe um panorama do lugar no qual esses criminosos estão inseridos, como participação no programa de eutanásia nazista e o trabalho em campos de extermínio. Também se preocupa em realizar um retrato biográfico de Stangl e Wagner, construindo a trajetória de vida de ambos desde o nascimento, bem como suas participações na estrutura do Terceiro Reich e suas vidas no pós-guerra.

É interessante ressaltar que a principal fonte de informação sobre Franz Stangl utilizada pelo historiador é o livro *No meio das trevas – Da eutanásia ao assassinato em*

²¹ - Um *Gauleiter* é um chefe regional do partido dentro do Reich, segundo o historiador Raul Hilberg (HILBERG, 2016, p. 39).

²² - LONGERICH, P. Hitler - A life. Oxford University Press, 2019.

²³ - ABAL, F. C. *Visitantes indesejados: Os pedidos de extradição de Franz Stangl e Gustav Wagner em uma análise histórico jurídica*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2012.

massa: um exame de consciência da autora Gitta Sereny, o qual também utilizamos na presente pesquisa. Entretanto, o ponto crucial para Abal não é refletir sobre esses criminosos, mas sim realizar uma comparação jurídica dos pedidos de extradição de Stangl e Wagner, esse indeferido pela justiça do Brasil, e aquele que foi deferido pela justiça e possibilitou que Stangl fosse extraditado para a Alemanha, e então julgado por seus crimes.

Desta forma, quando olhamos para os autores citados, nos deparamos com um arcabouço potente sobre o estudo de criminosos nazistas. A aproximação entre esses historiadores está na centralidade que esses criminosos ocupam em todas as produções citadas. Entretanto, todos os autores se preocuparam em produzir o perfil biográfico de cada um, e não uma reflexão sobre eles como indivíduos. Além disso, o panorama sobre o campo historiográfico de produção sobre criminosos nazistas nos direciona para a compreensão de que análises que se preocupem em tomá-los como objetos principais são inexistentes. Assim, podemos perceber todo um campo historiográfico fundamentado em explicar o papel deles dentro do aparelho nazista, bem como em traçar suas trajetórias de vida, porém sem a intenção de dar sentido para essas trajetórias, ações e escolhas.

É importante a imersão nessa historiografia, visto que a autora abordada na pesquisa propõe uma perspectiva de análise que foge de uma produção biográfica similar as anteriores. Isso pois, a autora também coloca os criminosos nazistas como principal objeto de análise, porém com o intuito de refletir sobre suas vidas não apenas como trajetórias, mas sim sobre as ações que os levaram ao crime. Portanto, a vemos adentrando no campo de estudos sobre esses criminosos trazendo uma outra perspectiva de análise e um objetivo diferente. Assim, o campo historiográfico direciona o nosso olhar para como podemos enxergar e compreender os escritos de Gitta Sereny, e, principalmente, compõem ferramentas primordiais para nos ajudar a responder nosso questionamento sobre as similaridades analíticas das obras.

É importante que possamos dedicar espaço à explicação de alguns conceitos que ajudam a fundamentar a presente pesquisa. Utilizaremos a linha de pensamento da filósofa Hannah Arendt como aporte teórico para compreendermos como lidar com a classe de criminosos que está sendo analisada. Isso é relevante sob a perspectiva que Gitta Sereny é contemporânea de Arendt, e o livro da filósofa sobre Adolf Eichmann consta nas referências

bibliográficas de algumas edições dos livros dela. Desta forma, é inegável que a autora tinha conhecimento dos conceitos cunhados por Hannah Arendt, e isso nos auxilia a compreender o campo conceitual no qual a intelectualidade de Sereny se desenvolve, além de ajudar a entender as escolhas feitas por ela para os livros.

Hannah Arendt, em seu livro sobre Adolf Eichmann, desenvolve amplamente a conceitualização de *banalidade do mal*. O caso do julgamento de Eichmann é o momento em que Arendt se depara com a incapacidade jurídica de julgar de maneira competente criminosos como esse. Isso ocasionado pela inexistência de leis que promovessem embasamento para julgar praticantes de crimes contra a humanidade.

Segundo Arendt, existe uma “inadequação do sistema legal dominante e dos conceitos jurídicos para lidar com os fatos de massacres administrativos” (ARENDR, 1999, p. 317), tornando todo o julgamento uma questão mais complexa que o comum, fazendo com que a figura de Eichmann ganhe proeminência; uma vez que é olhando para ele e para suas escolhas que talvez seja possível chegar a uma reflexão sobre o criminoso em si e seu julgamento. Por isso, é importante para a autora entender melhor a figura de Eichmann, e ao acompanhar o julgamento dele em Jerusalém, a filósofa afirma que todos podiam perceber que ali não estava um “monstro” (ARENDR, 1999, p. 67), e esse é um passo extremamente importante para enxergá-lo como simples e banal.

A questão da obediência de Adolf Eichmann ocupa lugar central no desenvolvimento do pensamento de Hannah Arendt, dado que a filósofa acredita que aquilo que move Eichmann é sua necessidade por obedecer, e aquilo que pesa em sua consciência é o que lhe foi ordenado, mas não pôde ser cumprido, independente da tarefa (CORREIA, 2013, p. 73). Eichmann era leal às leis e às ordens, era o tipo de burocrata que acreditava no valor daquilo que o ordenavam e sentia orgulho por realizar seu trabalho bem-feito (TIZZO, 2017, p. 27), não importando se esse trabalho envolvia o deslocamento para a morte de milhares de pessoas.

Além disso, o regime nazista acaba invertendo os valores morais que existiam até aquele momento, e assim, convertendo o mal em norma (TIZZO, 2017, p. 28). Este é um ponto crucial para Arendt, pois esse é o maior desafio moral e legal do processo, e de todo o caso Eichmann: compreender que as leis e as normas do Estado totalitário nazista invertem toda a lógica moral, que era nutrida como universal até aquele momento. Isso fica evidente quando Arendt afirma que:

A acusação tinha por base a premissa de que o acusado, como toda “pessoa normal”, devia ter consciência da natureza de seus atos, e Eichmann era efetivamente normal enquanto “não era uma exceção no regime “nazista”. No entanto, nas condições do Terceiro Reich, só se podia esperar que apenas as “exceções” agissem “normalmente”. O cerne dessa questão, tão simples, criou um dilema para os juízes. Dilema que eles não souberam nem resolver, nem evitar (ARENDDT, 1999, p. 38).

Com tudo isso, Arendt acredita que Eichmann era o retrato da obediência, forjado pela burocracia, que intencionalmente exclui toda a iniciativa individual e propicia que o assassinato de milhões possa funcionar como uma máquina (ARENDDT, 2004, p. 319 apud TIZZO, 2017, p. 35).

A filósofa embasa sua argumentação em torno da defesa de que Eichmann não era “burro e sim dotado de uma incapacidade de refletir sobre os atos por ele praticados” (ARENDDT, 1999, p. 311). Essa incapacidade de reflexão já havia sido mencionada pela autora em seu livro *Origens do totalitarismo*, como resultado de um mundo dotado da força auto coerciva da lógica ou da ideologia (CORREIA, 2013, p. 74). Com a inversão da perspectiva moral defendida por Arendt, bem como a burocratização de todas as tarefas, incluindo o assassinato em massa, essa reflexão sobre os atos fica cada vez mais distante e menos relevante para os criminosos.

Com isso, homens comuns e normais acabam formando as engrenagens necessárias para que a máquina de massacre nazista funcionasse da forma mais eficiente e imparcial possível. Sendo assim, segundo o pensamento de Jorge Grespan a respeito da concepção de Arendt, aquele que perpetua o mal não precisa ser sádico, monstruoso ou perverso (GRESPLAN, 2013, p. 155 apud TIZZO, 2017, p. 27). O que não quer dizer que exista “um Eichmann em cada um de nós” (ARENDDT, 2010, p. 130 apud CORREIA, 2013, p. 73), mas que ele é uma pessoa comum, que não possui nenhum atributo distintivo que o diferenciase de qualquer outra pessoa, a não ser sua capacidade de organizar, negociar e obedecer (CORREIA, 2013, p. 73).

É de extrema relevância ressaltar que o mal cometido não é visto por Arendt como banal, e sim é a forma de expressar como quem perpetra esses crimes enxerga esses atos com banalidade (TIZZO, 2017, p. 7). Arendt estabelece uma reflexão de que a banalidade do mal não é uma questão metafísica, e sim uma questão política e histórica, que está dentro da condição humana (TIZZO, 2017, p. 28). Desta forma, Arendt está lidando com uma categoria nova de criminosos, aqueles que praticam o mal de forma banal e não conhecem a

culpa (AGUIAR, 2020, p. 6). Aqueles que, como Eichmann, perpetram o mal sem motivo e sem reflexão, que mesmo sem um pretexto são capazes de cometer um mal infinito (CORREIA, 2013, p. 76).

Quando Hannah Arendt teoriza sobre o conceito de *banalidade do mal*, a filósofa contrapõe o pensamento sobre o mal presente na concepção de Immanuel Kant, e a concepção do mal radical.²⁴ Porém, o mal demonstrado por Hannah Arendt rompe a barreira do mal radical de Kant quando se afasta da perspectiva de tentação, uma vez que esse mal é desenraizado de questões místicas e religiosas. O mal ao qual Arendt se refere tem como ponto de partida a negação da decisão na realização de uma ação, ou seja, o indivíduo desiste de deliberar sobre aquilo que se faz, e acaba por obedecer a qualquer ordem com a mesma competência de uma escolha pessoal. A filósofa demonstra isso com veemência quando afirma que:

E assim como a lei de países civilizados pressupõe que a voz da consciência de todo mundo dita “Não matarás”, mesmo que o desejo e os pendores do homem natural sejam às vezes assassinos, assim a lei da terra de Hitler ditava à consciência de todos: “Matarás”, embora os organizadores dos massacres soubessem muito bem que o assassinato era contra os desejos e os pendores normais da maioria das pessoas. No Terceiro Reich, o Mal perdera a qualidade pela qual a maioria das pessoas o reconhecem — a qualidade da tentação. Muitos alemães e muitos nazistas, provavelmente a esmagadora maioria deles, deve ter sido tentada a *não* matar, a *não* roubar, a *não* deixar seus vizinhos partirem para a destruição (pois eles sabiam que os judeus estavam sendo transportados para a destruição, é claro, embora muitos possam não ter sabido dos detalhes terríveis), e a *não* se tornarem cúmplices de todos esses crimes tirando proveito deles. Mas Deus sabe como eles tinham aprendido a resistir à tentação (ARENDR, 1999, p. 167).

Assim, pode-se compreender que o mal ao qual Hannah Arendt está se referindo não possui uma natureza lógica implantada, não tem origem em motivações passionais ou apenas preconceitos. Esse mal é cometido por pessoas comuns e banais, muitas vezes sem nenhuma motivação para cometer tais atrocidades. Isso mudou a perspectiva que se tinha sobre o mal, e o tornou algo mais nebuloso, relacionado ao eximir da responsabilidade de escolha.

²⁴ - Está relacionado a capacidade de discernir o bem e o mal, e mesmo sabendo o que é moralmente correto, deliberar pelo mal. Ver: CORREIA, A. Arendt e Kant: banalidade do mal e mal radical. *Argumentos*(9), 2013.

E é nesse ponto que o conceito sobre *banalidade do mal* de Arendt se conecta com a pesquisa, pois pode-se perceber que, ao olhar para Franz Stangl e Albert Speer, Sereny enxerga que ambos possuem a característica de terem renunciado à tomada de decisão pessoal em detrimento de interesses do Estado, tendo sido parte atuante em um regime que ceifou a vida de milhões de pessoas. Esse fato foi notado ao analisar os momentos em que a autora discorre sobre as questões de responsabilidade de ambos os criminosos. Além disso, o conceito se entrelaça ainda mais com a pesquisa quando Gitta Sereny afirma que:

[...]Todos guardavam entre si a semelhança de índoles primitivas e de inteligências limitadas, e nenhum deles acrescentou nada a nosso entendimento - não sobre os processos que podem ter causado esses tipos de crimes, mas sobre as razões ou os meios que os podem ter levado, como homens e mulheres individualmente considerados, a sua prática. Quando, em dado momento de 1968, percebi que esse era o motivo de minha frustração, resolvi tentar achar um criminoso, se possível menos primitivo e pelo menos com algo semelhante à consciência moral, que, se abordado não como monstro, mas como ser humano, pudesse ser capaz de explicar seu próprio e catastrófico fracasso moral (SERENY, 2007, p. 118).

Desta forma, pode-se perceber que, mesmo sem utilizar do conceito de *banalidade do mal* de forma explícita, ou trabalhá-lo em seu texto, Gitta Sereny gira em torno daquilo que o conceito representa. A escolha da autora por pensar a figura de um criminoso nazista não como um monstro, mas como um indivíduo *comum*, é o que possibilita que, mesmo de forma orgânica, a autora se aproxime do conceito de Hannah Arendt.

O pensamento em torno de repensar as análises a respeito das atrocidades nazistas também é importante para o desenvolvimento da pesquisa, dado que, como foi dito anteriormente, os crimes perpetrados pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial foram tratados no pós-guerra como atos incompatíveis com a humanidade. Ou seja, atitudes incompreensíveis que estavam além do entendimento humano. Daniel Feierstein seguirá a linha de pensamento do que ele acredita ser uma “conceitualização demoníaca do perpetrador” (FEIERSTEIN, 2008, p. 10), e isso, conforme o autor, é uma medida para afastar a ideia de que qualquer pessoa poderia estar no lugar de um genocida. O que, no limite, o autor nos apresenta, é uma ideia de que a capacidade de torturar ou de perpetrar crimes em desconhecidos está intimamente ligada a questão da autoridade e hierarquia

presente na sociedade (FEIERSTEIN, 2008, p. 11), principalmente dentro da máquina de guerra Nazista com um funcionamento moderno e burocratizado.

O argumento utilizado por Feierstein sobre a autoridade pode ser colocado em paralelo com o que afirma Katharina Von Kellenbach a respeito do mal coletivo, no qual a consciência pessoal é suprimida por uma coesão e identidade coletiva (KELLENBACH, 2013, p. 16), o que poderia levar pessoas a perpetrar crimes em nome do Estado. Desta forma, essas reflexões e conceitualizações nos ajudam a compreender como o campo de estudos sobre criminosos nazistas enxerga as atitudes desses indivíduos.

Além disso, outros conceitos são importantes para a fundamentação da análise. O historiador Ian Kershaw em seu livro *Hitler, Germans, and the Final Solution*²⁵ nos apresenta um panorama sobre a problemática da historicização do Nazismo, e procura argumentar sobre algum modo de escrever uma história social sem perder os aspectos principais do período (KERSHAW, 2008, p. 283). O ponto que nos é interessante na reflexão de Kershaw está presente na explicação da abordagem do que o autor chama de *everyday life*, que consiste na tentativa de entender o comportamento de pessoas comuns, e como isso é relevante para trazer mais profundidade sobre a consciência de problemas históricos com o passado (KERSHAW, 2008, p. 283).

Nesse ponto, o pensamento de Kershaw pode ser conectado com os estudos do historiador Christopher Browning, que consegue enxergar a importância e o crescimento do estudo histórico do *everyday life*²⁶, sobre as experiências de pessoas comuns (BROWNING C. , 2001, p. XVII). Porém, Browning eleva o conceito de pessoas comuns²⁷ ao estudo dos alemães implementados na polícia Nazista durante a Segunda Guerra Mundial. Assim o livro *Ordinary Men - Reserve police battalion 101 an the final solution in Poland*²⁸ é um exemplo do tipo de tratamento do historiador com criminosos nazistas, trazendo pessoas comuns, muitas vezes homens não tão jovens, que foram incorporados em batalhões policiais alemães e perpetraram crimes de genocídio.

Nesse sentido, essas reflexões nos ajudam a pensar, dentro desta pesquisa, o lugar-comum que um criminoso nazista pode ocupar numa sociedade. Assim, os autores nos oferecem caminhos para esse estudo de pessoas comuns, que podem ser uma potente

²⁵ - KERSHAW, I. *Hitler, the Germans, and the Final Solution*. London: Yale University Press, 2008.

²⁶ - Estudo sobre o dia a dia durante os anos de vigência do Terceiro Reich.

²⁷ - Ver (BROWNING C. , 2000); (BROWNING C. , 2001).

²⁸ - BROWNING, C. *Ordinary Men - Reserve police battalion 101 an the final solution in Poland*. London: PENGUIN BOOKS, 2001.

ferramenta para pensar escritos que tenham o objetivo de representar esses criminosos nazistas como pessoas comuns.

Conforme afirmou Certeau, “transformamos em documentos aquilo que era outra coisa, assim, não aceitamos dados, os constituímos” (CERTEAU, 1982, p. 73). Portanto, o fato de não se tratar de uma autora que produz historiografia acrescenta à realização do trabalho a dimensão de se tratar de uma fonte de outra natureza. Assim, durante o percurso da pesquisa, tivemos a expectativa de lidar com os escritos de uma intelectual que não está presente no campo da história, analisando suas escolhas na produção dos livros, bem como comparando os escritos em busca de semelhanças e divergências.

O historiador francês Roger Chartier nos auxilia na compreensão do significado de história intelectual. Utilizando das ideias de Robert Darnton, o autor apresenta esse modelo de história como sendo “o estudo dos pensamentos informais, das correntes de opinião e das tendências literárias” (DARNTON, R. apud CHARTIER, 2002, pp. 24,25).

Assim, a pesquisa utiliza dessa ideia, considerando que a tarefa incumbida ao historiador em seu trabalho está relacionada a reconstruir variações, e tomar as leituras como práticas concretas e como procedimentos de interpretação (CHARTIER, 1998, p. 12). Desta forma, seguiremos em uma análise da história intelectual guiada pela expectativa de fazer funcionar uma análise entre os livros e seus contextos, tentando sempre não cair em uma análise apenas *internalista* das obras ou apenas externa do meio,²⁹ tal qual defende François Dosse.

Portanto, utilizaremos os escritos para construir um estudo historiográfico que terá como ponto central entender os questionamentos, preocupações e formas de refletir sobre as ações de criminosos nazistas. Para isso, partiremos dos livros selecionados e nos guiando na imersão dos textos contaremos com o tipo de análise proposto pela história comparada. Por isso, para compreender o que gostaríamos, selecionamos um “duplo campo de observação” (BARROS, 2007, p. 2), partindo do princípio de que observamos dois livros de uma intelectual, e observamos esses livros em medida comparativa, tentando responder nosso questionamento sobre possíveis convergências de questionamentos e preocupações. Como base para a comparação utilizaremos o mapeamento de ambos os livros, realizado previamente, para a comparação das escolhas que a autora realiza para compor os livros.

²⁹ - DOSSE, François. Histoire intellectuelle. In: C. Delacroix, F. Dosse, P. Garcia e N. Offens-tadt (coord.). *Historiographies* (Tome 1): Concepts et débats. Paris: Editora Gallimard, 2010.

Para a realização desta análise, a dissertação foi dividida em três capítulos. O primeiro foi dividido em três partes com as funções de: apresentar um resumo da trajetória de vida da autora, discutir um ponto importante de sua vida, e a relevância da relação com seu padrasto, Ludwig Von Mises. Além disso, a última parte do primeiro capítulo nos proporciona um resumo dos livros, traçando o contexto histórico de produção dos escritos e um breve panorama das edições.

O segundo capítulo traz a análise comparativa dos livros de forma sistemática. Dividido em cinco partes, são alvos de análise: a estrutura temática dos livros, as ações incorporadas pela autora nos escritos, bem como sua relação com os criminosos. Neste ponto o objetivo foi analisar as ações realizadas pela autora dentro das obras, trazendo fragmentos de ambos os textos, em medida comparativa, na tentativa de compreender as motivações da autora e o que cada ação significa. O capítulo traz o cerne da pesquisa e traça o caminho que guia até uma resposta para a pergunta principal.

O terceiro e último capítulo se encarrega de compreender o pensamento de Gitta Sereny a respeito de seus entrevistados, bem como de trazer as impressões que suas ações trazem. A importância desse capítulo está na junção das informações reunidas nos capítulos anteriores em conexão com possíveis aportes teóricos para compreender a forma de pensar da autora. Nele reunimos aquilo que a autora quis demonstrar com as escolhas que realizou no decorrer das obras.

CAPÍTULO I

GITTA SERENY E SEUS LIVROS SOBRE CRIMINOSOS NAZISTAS

1.1. Gitta Sereny

Gitta Sereny foi muitas coisas durante sua vida: uma jornalista renomada, uma intelectual em busca de respostas para questões extremamente sensíveis, uma escritora reconhecida e com livros traduzidos ao redor do mundo. Mas não devemos esquecer que ela foi uma das poucas intelectuais que analisou de perto pessoas envolvidas com crimes perpetrados durante o Holocausto. E é esse ímpeto, por compreender pessoas envolvidas com os crimes do Terceiro Reich, que move nosso interesse pela autora no percurso deste trabalho.

Filha do recém desmantelamento do Império Austro-Húngaro, apesar de considerar Viena sua casa, nasceu na Hungria³⁰ no dia 13 de março de 1921. Seu pai também era húngaro (SERENY, 2007, p. 23), porém Sereny o perdeu aos 2 anos de idade. Assim, foi criada apenas pela mãe durante grande parte de sua vida. Ainda bem cedo foi posta para seguir o sonho de seu pai, que desejava que sua filha tivesse uma educação inglesa.³¹ Por isso, passou parte da sua infância em um internato na Inglaterra (SERENY, 2007, p. 23).

Em suas memórias presentes no livro *O trauma alemão: experiências e reflexões, 1938 – 2000*³², a autora nos conta que aos 11 anos de idade teve seu primeiro contato com o Nazismo, mesmo que sem saber. Foi com o uniforme do internato inglês que Sereny se pegou assistindo ao Congresso do Partido Nazista, em 1934 (SERENY, 2007, p. 23). Ela afirma ainda se lembra da áurea de euforia que sentiu no discurso. Aos 14 anos foi estudar na *Max Reinhardt Drama School*, em Viena, onde presenciaria a anexação da Áustria, conhecida como *Anchluss*³³, e dois dias depois teria seu segundo contato com o Nazismo, porém dessa vez assistindo a um discurso do próprio Hitler (SERENY, 2007, p. 27).

³⁰ - SERENY, Gitta. My Journey to Speer, 29 de set. 1992. Disponível em: <<https://www.independent.co.uk/arts-entertainment/my-journey-to-speer-1603539.html>> Acesso em 29/11/2022

³¹ - *Ibidem*.

³² - SERENY, G. *O trauma alemão: Experiências e reflexões, 1938 - 2000*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

³³ - United States Holocaust Memorial Museum. “Annexation of Austria”. Holocaust Encyclopedia. Disponível em: <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/photo/annexation-of-austria>>. Acesso em: 08/11/2022

Suas memórias sobre seu tempo na Áustria, sobretudo em Viena, demonstram o lado emocional da conexão que ela possuía com o lugar. Ela afirma lembrar de cada detalhe, como o cheiro das flores e a sensação de felicidade por viver nesta cidade (SERENY, 2007, p. 29). Entretanto, além das memórias felizes que possuía de Viena, também havia lugar para as lembranças do momento de mudança após o *Anschluss*. Este foi um tempo em que as suásticas começaram a aparecer na escola, aqueles que corriam real perigo naquele momento tomaram consciência de sua situação, e que iniciaram os desaparecimentos de pessoas, como seu professor (SERENY, 2007, p. 30). Por conta de todo esse cenário de mudança, em maio de 1938, Sereny foi com sua mãe e seu padrasto, Ludwig von Mises, para a Suíça. Isso aconteceu após uma ameaça à sua mãe feita por um diplomata alemão, o qual afirmou que ela corria perigo de ser capturada como refém pelos nazistas em consequência de sua relação com Mises (SERENY, 2007, p. 30).

Após a chegada à Suíça, Sereny se viu em um colégio de aperfeiçoamento para moças, que não demorou a ser tomado pelo ímpeto nazista de exclusão de pessoas judias (SERENY, 2007, p. 31). Com o tempo e com a evolução dos diálogos com sua amiga Elfie da escola de teatro, a adolescente se convenceu que aquele não era seu lugar (SERENY, 2007, p. 31), e assim decidiu fugir para Londres. Ela chegou à Londres com a pretensão de ingressar em alguma companhia de teatro, porém, por conta de sua idade seus planos foram frustrados.

O que ocorre após a frustração de suas expectativas é um pouco nebuloso, porém a autora afirma que, ainda em 1938, foi morar em Paris (SERENY, 2007, p. 32), recebeu autorização para assistir aulas em Sorbonne, iniciou um curso de datilografia e foi aceita como aluna de uma atriz parisiense (SERENY, 2007, p. 32)³⁴.

Foi em Paris que Sereny presenciou o início da guerra em 1939. Enquanto estava em um seminário, ela e os demais presentes ouviram pelo rádio a declaração de guerra da França e da Grã-Bretanha contra a Alemanha (SERENY, 2007, p. 33). A autora lembra-se da solicitação do prefeito para que os alunos do seminário fossem ajudar na colheita da uva, e destaca momentos alegres enquanto desempenhavam sua primeira tarefa no cenário de guerra (SERENY, 2007, p. 33). Logo depois, sua mãe e seu padrasto exigiram sua volta para a Suíça, porém Sereny se recusou (SERENY, 2007, p. 33). Assim, após cortarem sua mesada

³⁴ - É interessante demonstrar que há uma discordância entre a versão apresentada por Sereny e a versão de sua mãe, Margit Von Mises, visto que esta afirma que partiu dela a decisão de mandar a filha para a França, com a expectativa de que ela aprendesse um novo idioma, em 1938 (MISES M. V., 1976, p. 40).

para tentar forçá-la a retornar, sem nenhum sucesso, eles acabaram permitindo que ela permanecesse em Paris, e nos meses seguintes a volta para a Suíça ficou cada vez mais incerta, principalmente com a ocupação da França em 1940. Em meio a uma França ocupada, ela trabalhou como enfermeira voluntária em uma instituição de caridade que cuidava de crianças (SERENY, 2007, p. 34). Por necessidade do instituto que trabalhava, acabou virando uma intérprete para diálogos com alemães quando era preciso.

A autora nos proporciona a descrição de alguns dos atos de resistência que foram possíveis nesse contexto de guerra, como a recuperação feita por ela e um amigo de documentos do Ministério de Relações Exteriores, guardados no *Château de Villandry*, mesmo lugar no qual as crianças eram cuidadas (SERENY, 2007, p. 34). Além disso, a autora afirma que mantiveram em segurança, e escondidos, alguns aviadores britânicos que haviam sido derrubados, entretanto que não era possível muito mais atos de resistência. Suas memórias durante esses primeiros momentos de guerra deixam nítidas, desde o início do conflito, a necessidade que possuía em resistir à dominação Nazista, dentro das suas possibilidades,

Por ironia do destino foi um oficial alemão que, segundo a autora, salvou-a de ser presa. O oficial em questão era um aristocrata que ajudava a conseguir suprimentos para as crianças, e acabou por se tornar um amigo de Sereny. Em dado momento, ela resolve ajudar um jovem aviador britânico, e ao disfarçá-lo e tentar levá-lo a um lugar seguro, ela foi abordada pelos alemães (SERENY, 2007, p. 36). Um salvo conduto, conseguido com o oficial alemão que se tornou um amigo, juntamente com seu passaporte húngaro, fizeram com que ela fosse liberada, porém, estava longe de estar segura.

Por conta desse ato, um dia, poucas horas antes do amanhecer, o oficial pediu para chamá-la e a avisou que ela seria presa pela manhã, e ofereceu-se para levá-la dali (SERENY, 2007, p. 36). O oficial alemão a ajudou com dinheiro, assim ela pegou um trem para Paris, conseguiu ajuda de conhecidos e cruzou a pé da França para a Espanha (SERENY, 2007, p. 37), e depois foi para os Estados Unidos, onde sua mãe já morava há alguns anos.

Apesar das condições nas quais havia deixado a França, Sereny afirmava sentir uma culpa imensa por estar segura na América.³⁵ Foram três anos vivendo nos Estados Unidos,

³⁵ - SERENY, Gitta. "My Journey to Speer", 29 de set. 1992. Disponível em: < <https://www.independent.co.uk/arts-entertainment/my-journey-to-speer-1603539.html> > Acesso em 29/11/2022

os três anos nos quais a guerra consumiu a Europa, e o local onde considerava sua casa. Ela alegou que a única maneira de lidar com a culpa e saudade que sentia da Europa era se envolver com coisas relacionadas a sua vida lá, e continuar lutando e resistindo.³⁶

Assim, mesmo estando em outro continente, a autora se dedicou a causa da guerra, e no primeiro um ano e meio que passou nos Estados Unidos, ela viajou o país e passou por cerca de vinte estados oferecendo palestras em escolas e universidades falando sobre a guerra e as crianças envolvidas nela. Posteriormente, ela trabalhou no *Office of War Information*³⁷ e ali se dedicou a escrever material de propaganda antinazista e participar de transmissões, via Inglaterra, para as tropas alemãs.³⁸ Fica claro em muitos momentos de seus escritos que nunca deixou de pensar em sua volta para a Europa. Esse retorno aconteceu quatro meses antes do final da guerra, como oficial de bem-estar infantil da Administração de Assistência e Reabilitação das Nações Unidas, conhecida pela sigla UNRRA.

Por meio da UNRRA, Sereny trabalhou em Dachau, Bergen-Belsen e Buchenwald³⁹, retirando crianças desses lugares e levando para hospitais. Ao começar a compreender a profundidade e complexidade do que os nazistas tinham causado, afirmou que sentiu a necessidade de saber mais sobre isso.⁴⁰ Foi nesse momento em que um amigo seu conseguiu um passe para que ela visse os julgamentos de Nuremberg, iniciando assim, sem saber, uma jornada que duraria até o fim da vida da autora: analisar criminosos nazistas.

Sereny se casou em 1948 com o fotógrafo da revista *Vogue* dos Estados Unidos, Don Honeyman, com quem teve dois filhos. Em 1958 decidiram se estabelecer em Londres para trabalhar e oferecer um lar para as crianças.⁴¹ A essa altura ela já havia escrito seu primeiro livro, um romance chamado *The Medallion*⁴², cuja história foi sobre um menino sequestrado na América e levado para uma Viena ocupada por quatro poderes.⁴³ Foi nesse momento que a autora afirma ter decidido que escrever seria sua vida, assim ela passou toda a sua trajetória

³⁶ - SERENY, Gitta. “My Journey to Speer”, 29 de set. 1992. Disponível em: < <https://www.independent.co.uk/arts-entertainment/my-journey-to-speer-1603539.html> > Acesso em 29/11/2022

³⁷ - Tradução nossa: Escritório de informações de guerra.

³⁸ - SERENY, Gitta. “My Journey to Speer”, 29 de set. 1992. Disponível em: < <https://www.independent.co.uk/arts-entertainment/my-journey-to-speer-1603539.html> > Acesso em 29/11/2022

³⁹ - *Ibidem*.

⁴⁰ - *Ibidem*.

⁴¹ - *Ibidem*.

⁴² - SERENY, G. *The Medallion*. London: Victor Gollancz, 1957.

⁴³ - SERENY, Gitta. “My Journey to Speer”, 29 de set. 1992. Disponível em: < <https://www.independent.co.uk/arts-entertainment/my-journey-to-speer-1603539.html> > Acesso em 29/11/2022

entre escrever livros sobre aquilo que a movia e sua vida jornalística escrevendo artigos para jornais de diferentes países.

Depois de seu primeiro romance a autora lançou outros seis livros, dois deles foram. *Por que as crianças matam – A história de Mary Bell*⁴⁴, de 1972, e *Gritos no vazio – A história de Mary Bell*⁴⁵, de 1998, ambos sobre Mary Bell, uma criança de 11 anos acusada de assassinar outras duas crianças. O livro *No meio das trevas – Da eutanásia ao assassinato em massa: um exame de consciência* foi lançado em 1974, e é resultado de conversas de Sereny com o ex-comandante de campos de extermínio Franz Stangl. Em 1984 lançou o livro *The invisible children: Child Prostitution in America, West Germany and Great Britain*⁴⁶, que trata sobre a prostituição infantil nos Estados Unidos, Alemanha e Reino Unido.

Albert Speer – sua luta com a verdade foi lançado em 1995, e foi vencedor do prêmio Tait Black⁴⁷ e do Duff Cooper Award⁴⁸ (SERENY, 2002, pp. 309-310), no mesmo ano de seu lançamento. Seu último livro foi lançado em 2002 e intitulado *O trauma alemão – Experiências e reflexões – 1938 - 2000*⁴⁹, no qual a autora reúne várias reflexões sobre a guerra e o pós-guerra. Esses livros podem ser considerados como parte de um tipo de análise que marcou sua carreira. Sua produção após o primeiro livro sobre Mary Bell passa a girar em torno de pessoas envolvidas em casos de brutalidade chocante e membros do Terceiro Reich.

Gitta Sereny produziu em seu livro um resumo do impacto que todo o cenário de guerra e resistência vividos por ela influenciaram na carreira jornalística, que resolveu trilhar motivada pelo fato de que:

[...] assim como a muitos outros escritores de minha geração – a qual foi testemunha de duas das mais catastróficas ditaduras da História – foi saber

⁴⁴ - SERENY, G. *Por que crianças matam : a história de Mary Bell*. São Paulo: Vestigio, 2019.

⁴⁵ - SERENY, G. *Gritos no vazio - A história de Mary Bell*. São Paulo: Gutenberg, 2002.

⁴⁶ - SERENY, G. *The invisible children: Child Prostitution in America, West Germany and Great Britain*. Knopf, 1985.

⁴⁷ - O James Tait Black Prize foi criado em 1919 e é um dos prêmios literários mais antigos da Grã – Bretanha. O prêmio reconhece os melhores livros de ficção e biografia do ano. Fonte: The university of Edinburgh, site referente à universidade de Edinburgh. Disponível em: < <https://www.ed.ac.uk/events/james-tait-black/about> >. Acesso 09/03/2023.

⁴⁸ - The Pol Roger Duff Cooper Prize é administrado pelo Duff Cooper Memorial Fund, fundado em 1956. O prêmio é concedido a uma obra não ficcional publicada em inglês e no ano do prêmio. Fonte: The pol Roger Duff Cooper Prize, site em inglês sobre a premiação. Disponível em: <<https://duffcooperprize.org/>>. Acesso 09/09/2023.

⁴⁹ - SERENY, G. *O trauma alemão: Experiências e reflexões, 1938 - 2000*. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2007.

por que os seres humanos são levados, amiúde e tão prontamente, a abraçar a violência e a amoralidade (SERENY, 2001, p. 12).

Esse pode ser levado como um dos grandes motivadores de Sereny para a busca por compreender como indivíduos se transformam criminosos. Para além disso, em outro momento, ao refletir sobre a figura de Albert Speer, a autora faz uma afirmação relevante quando diz que:

De uma geração mais jovem do que ele, eu me tornara, naquele meio tempo, uma escritora, com dois interesses precípuos, ambos sem dúvida pelo resultado das experiências por que passei durante a guerra: crianças-problema e o fenômeno do Terceiro Reich (SERENY, 2001, p. 22).

As afirmações e reflexões feitas pela autora embasam toda sua trajetória de envolvimento com criminosos nazistas, bem como com o problema de crianças e violências perpetradas por elas ou com elas. Ou seja, pode-se traçar uma linha direta de relação com todas as experiências pessoais vividas pela autora, e contadas por ela em suas reflexões presentes em livros e artigos de jornais, com a escolha de seus objetos de estudo ao longo de sua trajetória jornalística. Conhecer a trajetória de Gitta Sereny é importante para compreendermos que o interesse da autora é fruto não apenas de uma curiosidade jornalística ou acadêmica, mas encontra lugar em uma necessidade dela em compreender fenômenos com os quais sua geração precisou lidar.

Corroborando sua busca por esses fenômenos do Terceiro Reich, Gitta Sereny foi uma das poucas jornalistas que esteve de frente com Nazistas do alto escalão. Esteve do outro lado da mesa na qual se sentava criminoso Franz Stangl, ex-comandante de Sobibor e Treblinka, dentro do presídio de *Dusseldorf*. Além de ter criado, como a própria autora afirma, uma amizade com Albert Speer, durante todos os anos nos quais nutriu conversas com o arquiteto de Hitler, considerado por muitos o segundo homem mais importante do Terceiro Reich.⁵⁰

É importante ressaltar que durante a sua carreira, se dividiu entre a produção de livros autorais e a escrita de artigos em jornais em diferentes países. Compreender essa dinâmica

⁵⁰ - SERENY, Gitta. "My Journey to Speer", 29 de set. 1992. Disponível em: < <https://www.independent.co.uk/arts-entertainment/my-journey-to-speer-1603539.html> > Acesso em 29/11/2022

de trabalho é importante para proporcionar uma imersão em seu pensamento sobre figuras relacionadas ao regime nazista. Porém, com esses artigos também podemos dimensionar outras questões relevantes para a autora, bem como sua linha de pensamento sobre aquilo que ela escreve.

No ano de 1971, a autora publicou no jornal alemão *Die Zeit* suas entrevistas com o criminoso Franz Stangl. As publicações aconteceram durante três sextas-feiras de outubro, do dia 8 ao dia 22 e se intitulavam, *Bekenntnisse eines Biedermanns*⁵¹, *Ich war gefangen in der Falle*⁵² e *Es war Dantes Inferno*.⁵³ Nelas, a autora expõe um panorama geral de suas conversas com Stangl em um formato apenas de perguntas e respostas, que serão a base do livro *No meio das trevas – Da eutanásia ao assassinato em massa: um exame de consciência*. O livro lançado em 1974, apesar de ter essas entrevistas como base principal, será muito diferente do artigo lançado no jornal, dado que será um livro repleto de intervenções, bem como a presença de outros indivíduos falando sobre Stangl e sobre o período de guerra.

Em 1992 e 1993, a autora publicará no jornal alemão *Die Zeit* e também no inglês *The Independent*, artigos sobre o caso de John Demjanjuk, um criminoso de guerra que foi confundido com Ivan, “O terrível”, carrasco no campo de extermínio de Treblinka. A autora é extremamente crítica ao processo de julgamento em seus artigos intitulados *Why Nazi trials must end: The story behind the likely acquittal of John Demjanjuk provides powerful reasons to abandon war-crimes cases, says Gitta Sereny*⁵⁴, no jornal *The Independent*, e *Die falsche Schuld*⁵⁵, e *Der falsche Mann*⁵⁶ no alemão *Die Zeit*. Nos artigos, Sereny mostra sua descrença no processo de reconhecimento de criminosos de guerra, e o quanto o frágil reconhecimento

⁵¹ - Tradução nossa: “Confissões de um homem honesto”. Fonte: SERENY, Gitta. “Bekenntnisse eines Biedermanns”. *Die Zeit*, 8 de out. 1971. Disponível em: < <https://www.zeit.de/1971/41/bekenntnisse-eines-biedermanns/komplettansicht> > Acesso em 29/11/2022

⁵² - Tradução nossa: “Eu estava preso”. Fonte: SERENY, Gitta. “Ich war gefangen in der Falle”. *Die Zeit*, 15 de out. 1971. Disponível em: < <https://www.zeit.de/1971/42/ich-war-gefangen-in-der-falle/komplettansicht> > Acesso em 29/11/2022

⁵³ - Tradução nossa: “Era o Inferno de Dante”. Fonte: SERENY, Gitta. “Es war Dantes Inferno”. *Die Zeit*, 22 de out. 1971. Disponível em: < <https://www.zeit.de/1971/43/es-war-dantes-inferno/komplettansicht> > Acesso em 29/11/2022

⁵⁴ - Tradução nossa: “Porque julgamentos nazistas devem acabar: A história por trás da provável absolvição de John Demjanjuk fornece poderosas razões para abandonar os casos de crimes de guerra, diz Gitta Sereny”. Fonte: SERENY, Gitta. “Why Nazi trials must end: The story behind the likely acquittal of John Demjanjuk provides powerful reasons to abandon war-crimes cases, says Gitta Sereny”. *The Independent*, 20 de ago. 1992. Disponível em: < <https://www.independent.co.uk/voices/why-nazi-trials-must-end-the-story-behind-the-likely-acquittal-of-john-demjanjuk-provides-powerful-reasons-to-abandon-warcrimes-cases-says-gitta-sereny-1541676.html> > Acesso em 29/11/2022

⁵⁵ - Tradução nossa: “A culpa errada”. Fonte: SERENY, Gitta. “Die falsche Schuld”. *Die Zeit*, 23 de out. 1992. Disponível em: < <https://www.zeit.de/1992/44/die-falsche-schuld/komplettansicht> > Acesso em 29/11/2022

⁵⁶ - Tradução nossa: “O homem errado”. Fonte: SERENY, Gitta. “Der falsche Mann”. *Die Zeit*, 6 de ago. 1993. Disponível em: < <https://www.zeit.de/1993/32/der-falsche-mann/komplettansicht> > Acesso em 29/11/2022

dos indivíduos pode ser prejudicial para os processos. Ao fim do processo fica provado que Demjanjuk não era Ivan, “O Terrível”, o que apenas corrobora com seu pensamento sobre a fragilidade do caso.

Ainda em 1992, a autora publicou dois artigos muito importantes no jornal *The Independent*. O primeiro em julho intitulado *A nazi Hunter run to Earth*⁵⁷, que vai tratar sobre a possibilidade de um nazista importante, Odilo Globocnik, ter escapado com vida de um atentado. A autora vai mostrar em detalhes o episódio da morte de Globocnik, os documentos suspeitos ou fraudulentos que afirmavam a fuga do nazista, e ao final vai demonstrar provas de que Globocnik estava morto. O segundo artigo é intitulado *The tales of a blind eyewitness: Leni Riefenstahl*⁵⁸ é uma entrevista com Leni Riefenstahl, a cinegrafista de Hitler. Neste artigo, a autora tenta compreender as motivações de Riefenstahl, sua relação com ele e como ela havia chegado a tal envolvimento com o Terceiro Reich.

No ano de 1995, Gitta Sereny produziu artigos para o jornal *The Independent* aos moldes de sua publicação sobre Franz Stangl no jornal *Die Zeit*, mas agora sobre Albert Speer. Assim, no dia 3 de setembro vai ser publicada a primeira parte do que será um resumo sobre Speer, intitulado *With Hitler on his conscience*.⁵⁹ Nesta primeira parte, Sereny se atém a explorar a relação de Speer com Hitler e em como o nazista se envolveu tão profundamente com os assuntos do Terceiro Reich. Na segunda e última parte do resumo, publicada em 9 de setembro, intitulado *Speer's battle with truth*⁶⁰, o principal para ela é a questão da culpa e os últimos anos de Speer dentro do regime. Fica claro nos dois resumos de todas as conversas entre eles que os pontos principais para a autora giram em torno da importância da figura de Hitler na vida de Speer e os questionamentos sobre a culpa presentes nesse indivíduo. Esses resumos são parte do que se tornará o livro dela intitulado *Albert Speer - sua luta com a verdade*.

⁵⁷ - Tradução nossa: “Um caçador de nazistas encontra” Fonte: SERENY, Gitta. “A nazi Hunter run to Earth. *The Independent*, 9 de jul. 1992. Disponível em: < <https://www.independent.co.uk/arts-entertainment/a-nazi-hunter-run-to-earth-1534130.html> > Acesso em 29/11/2022

⁵⁸ - Tradução nossa: “Relatos de uma testemunha ocular cega: Leni Riefenstahl”. Fonte: SERENY, Gitta. “A nazi Hunter run to Earth”. *The Independent*, 12 de set. 1992. Disponível em: < <https://www.independent.co.uk/arts-entertainment/the-tales-of-a-blind-eyewitness-leni-riefenstahl-1551184.html> > Acesso em 29/11/2022

⁵⁹ - Tradução nossa: “Com Hitler em sua consciência”. Fonte: SERENY, Gitta. “With Hitler on his conscience”, 9 de set. 1995. Disponível em: < <https://www.independent.co.uk/arts-entertainment/with-hitler-on-his-conscience-1599234.html> > Acesso em 29/11/2022

⁶⁰ - Tradução nossa: “Batalha de Speer com a verdade”. Fonte: SERENY, Gitta. “Speer's battle with truth”, 9 de set. 1995. Disponível em: < <https://www.independent.co.uk/arts-entertainment/speer-s-battle-with-truth-1600342.html> > Acesso em 29/11/2022

O último artigo da autora no jornal *The Independent* em 1995 é o que mais traz mais reflexões de si mesma para as páginas, entre todos os seus artigos em todos os jornais. Denominado *My Journey to Speer*⁶¹, o artigo é um pequeno perfil biográfico de Sereny, sua infância, adolescência e seus anos de guerra, até chegar a conhecer a figura de Albert Speer. Trata-se de um relato que vai compor a introdução de seu livro *O trauma alemão – Experiências e reflexões – 1938 - 2000*. Esse artigo publicado no jornal *The Independent* é um resumo da vida de Sereny, que abarca parte dos seus sentimentos com relação à guerra, a fuga da Europa, seu tempo nos Estados Unidos até seu envolvimento com criminosos de guerra.

Um pouco mais tarde, escreveu alguns artigos no jornal londrino *The Sunday Times*, por volta da primeira década dos anos 2000. Em 2004, temos um artigo falando sobre os julgamentos de Nuremberg⁶², os problemas que envolvem os julgamentos e os Estados Unidos e a conversa com toques de revelações que teve com Luise Jodl⁶³, esposa de um importante general de Hitler. Nesta conversa Luise Jodl relembrou a execução da pena de morte do marido e as mortes que precisou presenciar de pessoas do alto escalão nazista. Em setembro de 2003, escreveu novamente sobre Leni Riefenstahl⁶⁴, em uma tentativa de demonstrar a ingenuidade dela por conta de sua paixão por Hitler, mas que não necessariamente sabia do que acontecia durante o regime.

Seu último artigo sobre pessoas envolvidas com nazismo foi em 18 de maio de 2005⁶⁵, quando a autora escreve novamente sobre Albert Speer no qual fala sobre um documentário controverso sobre o mesmo, colocando-o como cúmplice de Hitler no genocídio. A autora argumentou que Speer não foi bem representado no documentário, e que algumas coisas deveriam ser melhor investigadas.

⁶¹ - Tradução nossa: “Minha jornada até Speer”. Fonte: SERENY, Gitta. “My Journey to Speer”, 29 de set. 1992. Disponível em: < <https://www.independent.co.uk/arts-entertainment/my-journey-to-speer-1603539.html> >. Acesso em 29/11/2022

⁶² - Tradução nossa: “Dentro das mentes dos nazistas de Nuremberg”. Fonte: SERENY, Gitta. “Inside the minds of the Nuremberg Nazis”, 7 de dez. 2004. Disponível em: < <https://www.thetimes.co.uk/article/inside-the-minds-of-the-nuremberg-nazis-pjph2qfgglr> >. Acesso em 02/12/2022

⁶³ - Esposa de Alfred Jodl (1890–1946) foi Chefe do Estado-Maior de Operações do Alto Comando das Forças Armadas. Fonte: United States Holocaust Memorial Museum. “Alfred Jodl” Holocaust Encyclopedia. Disponível em: <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/alfred-jodl>>. Acesso em: 24/03/2024.

⁶⁴ - Tradução nossa: “Ingênuo e “intoxicado por Hitler”, mas Leni Riefenstahl não era nazista”. Fonte: SERENY, Gitta. “Naive and “Intoxicated by Hitler”, but Leni Riefenstahl was not a nazi”, 11 de set. 2003. Disponível em: < <https://www.thetimes.co.uk/article/naive-and-intoxicated-by-hitler-but-leni-riefenstahl-was-not-a-nazi-z6r9bmg9bqw> >. Acesso em 02/12/2022

⁶⁵ - Tradução nossa: “Speer: arquiteto da mentira?”. Fonte: SERENY, Gitta. “Speer: architect of a lie?”, 18 de mai. 2005. Disponível em: < <https://www.thetimes.co.uk/article/speer-architect-of-a-lie-cxk0jldq7pb> >. Acesso em 02/12/2022

Desta forma, conseguimos perceber que não apenas os livros conectam Gitta Sereny às pessoas envolvidas com o Terceiro Reich, mas conseguimos pensar em uma trajetória atravessada por questionamentos e estudos sobre esses indivíduos. Assim, podemos compreender que estamos lidando com uma intelectual imersa nessa realidade e nesses questionamentos, fazendo com que seus livros sejam mais uma peça para entender como a jornalista pensa essas pessoas.

É importante dedicar espaço para destacar um ponto relevante da vida de Gitta Sereny, que é a sua relação com o seu padrasto, o economista Ludwig Von Mises. Sua relação com ele tem início quando, pouco antes do *Anschluss*, evento que como citado anteriormente foi presenciado por Sereny e sua mãe. Margit Von Mises, havia ficado noiva de Ludwig Von Mises, “um dos maiores economistas do país” (SERENY, 2007, p. 30), segundo Sereny. A autora argumenta que, após a anexação da Áustria, sua mãe sofreu ameaças de sequestro por seu relacionamento com Von Mises⁶⁶ (SERENY, 2007, p. 30), e por isso elas teriam saído de Viena. Entretanto, a versão contada pela mãe de Sereny nos mostra que a volta de Von Mises a Viena era perigosa já que seu apartamento havia sido invadido e o ódio por sua figura era nítido (MISES M. V., 1976, p. 35). Sendo assim, segundo a mãe de Sereny, foi ele quem enviou um telegrama pedindo para que ela e a filha fossem encontrá-lo em Geneva, na Suíça (MISES M. V., 1976, p. 35).

O espaço dedicado a relação de Sereny com Von Mises nos é relevante por tudo que o economista representa no plano político e intelectual. Ludwig Von Mises nasceu em Lemberg, quando a cidade ainda era parte do Império Austro-húngaro, em setembro de 1881 (FEIJO, 2000, p. 311). Intelectual formado pela Universidade de Viena, concluiu seu doutorado em 1906 na mesma instituição (PAI, 2017, p. 45), e no seu pós-doutorado se aproximou das ideias de Eugen von Böhm-Bawerk (PAI, 2017, p. 45), conhecido como o grande mestre da Escola Austríaca de Economia (FEIJO, 2000, p. 312). Mises começou a discutir lacunas encontradas na teoria bawerkiana em seminários que ele mesmo organizava e que contavam com economistas, sociólogos e cientistas políticos (FEIJO, 2000, p. 312), ganhando assim proeminência no campo intelectual e explorando o tema de seu primeiro

⁶⁶ - Gitta Sereny não detalha quais ameaças foram sofridas.

grande livro *Teoria da Moeda e do crédito*, de 1912, sobre a análise da moeda (FEIJO, 2000, p. 312).

Ludwing Von Mises trabalhou na Câmara Austríaca do Comércio, foi capitão de artilharia na cavalaria Austro-húngara durante a Primeira Guerra Mundial e foi o fundador do Instituto Austríaco para Pesquisa dos Ciclos Econômicos (PAI, 2017, p. 47). Em 1942 foi nomeado professor visitante da *Escuela Nacional de Economía da Universidad Nacional Autónoma de México*, e em 1945 foi nomeado Professor Visitante na Escola de Pós-Graduação de Administração da *New York University* (NYU) (PAI, 2017, p. 46).

Para além de um economista, Von Mises foi um intelectual que expressou seus ideais em diversos livros, o que possibilitou que ele se tornasse uma figura de grande influência no cenário do pensamento econômico. É importante refletirmos sobre o teor de seu pensamento intelectual, e para isso, podemos tomar como exemplo um de seus escritos presente no livro *Burocracia*, uma das mais relevantes obras do economista. A introdução do livro foi escrita pela primeira vez em 1944, quando já morava nos Estados Unidos da América, e a obra tem a expectativa de refletir sobre o funcionamento da burocracia estatal e os impactos dela na sociedade. Entretanto, desde a introdução já nos apresenta uma comparação entre a Alemanha nazista e a Rússia socialista ao atrelar a burocracia a uma política totalitária e afirmar que esse controle governamental não é compatível com a democracia (MISES L. V., 2015, p. 255).

Na perspectiva de Mises, o capitalismo e a defesa da propriedade privada são sinônimos de liberdade e soberania dos consumidores, já o socialismo é sinônimo de controle estatal de todas as esferas da vida do cidadão (MISES L. V., 2015, p. 257). Desta forma, o autor tece críticas ao pensamento de Karl Marx na tentativa de desconstruir a ideia de luta de classes e reafirmar a concepção do que, para ele, significa liberdade (MISES L. V., 2015, p. 256).

O economista deixa explícita sua total insatisfação com governos de esquerda, atrelando-os sempre as políticas totalitárias e controle burocrático por parte do Estado. É interessante perceber que, apesar do texto ser lançado em 1944, e ter provavelmente sido escrito nos anos anteriores, o autor não demonstra o mesmo empenho crítico contra ditadura totalitária alemã do Terceiro Reich, e demonstra estar bem mais preocupado com a situação da Rússia dominada por Stalin. Para Mises, o capitalismo é sinônimo de liberdade, e o socialismo é sinônimo de controle, por isso, não existe conciliação entre os dois sistemas nem um terceiro sistema possível, e aqueles que ficarem do lado do capitalismo devem

defender de maneira aberta a propriedade privada e a livre iniciativa (MISES L. V., 2015, p. 257). Nesse sentido, Mises é um intelectual que se coloca em defesa do capitalismo, e intitula os “progressistas” como defensores do totalitarismo, além de se autointitular “reacionário” (MISES L. V., 2015, p. 253).

O ponto que faz com que o conhecimento sobre a figura de Ludwig Von Mises seja valioso, gira em torno de sua relação com a sua enteada, Gitta Sereny. Sobre esta relação familiar nos basearemos no livro escrito por Margit Von Mises, lançado em 1976 e intitulado *My years with Ludwig Von Mises*⁶⁷, no qual destaca sua visão sobre seu marido em razão de acreditar ter sido a única pessoa a conhecê-lo verdadeiramente (MISES M. V., 1976, p. 7). A grande intenção da autora é demonstrar o lado íntimo e humano (MISES M. V., 1976, p. 7) de uma figura que ficou tão conhecida, que era tão reservado quanto sua vida pessoal. Sendo assim, o livro é uma trajetória sobre a intimidade e a vida de Ludwig von Mises a partir do momento em que conheceu sua esposa.

É significativo perceber a relação desenvolvida entre Sereny e Mises, pois ele a conheceu ainda pequena, tendo sido casado com a mãe da jornalista até o fim da sua vida. Em uma carta endereçadas à Margit Von Mises no ano de 1927, quando tinha apenas seis anos, é possível perceber uma relação de afeto sendo criada, visto que Von Mises escreve com aparente saudade sobre a criança.⁶⁸ O livro da senhora Mises ainda conta com fotos dos três durante as férias, e demonstra como a relação de Ludwig Von Mises com os filhos de Sereny era boa, além de ser nitidamente uma relação na qual as crianças o consideram como avô (MISES M. V., 1976, pp. 149, 169). Além disso, Sereny os visitava, levava os filhos e não há menção alguma a nenhum desentendimento ou rugas entre os familiares.

Assim, a ideia que podemos ter a respeito da relação entre Gitta Sereny e Ludwig Von Mises é aquela que está presente no livro escrito pela mãe da autora já que Sereny não cita o padrasto em nenhuma de suas obras. É importante que, ao pensar um livro que expressa a relação de uma família tendo sido pensado por alguém que está inserido nesse núcleo, possamos perceber que ali estão presentes escolhas para construir uma certa imagem, tanto da personagem principal como dos outros. Por isso, não é de menor relevância cogitarmos que a autora pode ter omitido informações, que seriam relevantes para a reflexão, por não ter a intenção de causar ranhuras na imagem de sua família.

⁶⁷ - MISES, M. V. *My years with Ludwig Von Mises*. New York: Arlington House Publishers, 1976.

⁶⁸ - Carta presente no livro escrito por Margit Von Mises (MISES M. V., 1976, p. 23)

Por isso, com as informações que possuímos, é possível inferir que apesar de Von Mises possuir um projeto intelectual que aparenta estar distante das concepções até aqui observadas de Sereny, essa relação não parece ter uma influência tão relevante na produção da autora. Isso também pode ser percebido por uma ausência da figura de Von Mises em seus livros de memória, o que pode significar a completa recusa ao pensamento intelectual do padrasto, ou a possível irrelevância de sua lógica para a autora. Portanto, ao que tudo indica, essa relação não exerce papel primordial no pensamento intelectual da autora.

1.2. Os livros como são, um resumo

Esta pesquisa tem como ponto central as similaridades e diferenças na forma de pensar criminosos nazistas, e para que isso possa ser realizado, optamos por analisar dois livros que tratam sobre esses indivíduos: *No meio das trevas – Da eutanásia ao assassinato em massa: um exame de consciência* e *Albert Speer: Sua luta com a verdade*, ambos de autoria de Gitta Sereny.

No primeiro livro, a autora aborda o papel desempenhado pelo ex-comandante de campos de extermínio Franz Stangl, enquanto no segundo ela discute a trajetória do ex-ministro do Terceiro Reich Albert Speer. Podemos destacar que os objetos principais são criminosos nazistas nos dois escritos, entretanto a abordagem será diferente em cada um deles. A importância disso está em compreendermos que os livros são distintos, porém são possíveis de serem comparados por possuírem a abordagem de indivíduos envolvidos com os crimes do Terceiro Reich.

Partindo do princípio de que os livros utilizados na pesquisa possuíram reedições ao redor do mundo, devemos delimitar quais versões serão utilizadas. A respeito do livro *No Meio das Trevas - Da eutanásia ao assassinato em massa: um exame de consciência*, utilizaremos a edição brasileira, lançada em 1981, impressa pela editora Otto Pierre Editores.⁶⁹ Com relação ao livro *Albert Speer – Sua luta com a verdade*, utilizaremos também a edição brasileira, lançada em 2001, impressa por Bertrand Brasil.⁷⁰

O livro sobre o ex-comandante de campos de extermínio, Franz Stangl, intitulado *No meio das trevas – Da eutanásia ao assassinato em massa: um exame de consciência*, tem

⁶⁹ - Esta é uma edição que conta com a tradução realizada da língua francesa por Eleonora Xavier Wandelei Pires, e é a única tradução para língua portuguesa do livro.

⁷⁰ - Esta é a segunda edição do livro lançada no Brasil, e conta com a tradução de Milton Chaves de Almeida.

como fonte principal uma série de entrevistas realizadas pela autora com ele. Essas entrevistas foram realizadas entre os dias 2 de abril de 1971 e 27 de junho do mesmo ano, e somam aproximadamente setenta horas de diálogos realizados no interior da prisão de Düsseldorf, na qual Stangl acabara de ser condenado à prisão perpétua por responsabilidade na morte de 900.000 pessoas (SERENY, 1981, p. 21). Franz Stangl acabou falecendo apenas dezenove horas depois de seu último encontro com Sereny, em decorrência de uma insuficiência cardíaca. Desta forma, os dezoito meses posteriores ao fim das entrevistas foram, para autora, o momento de preparação, pesquisas e conversas com pessoas que conheciam Stangl para compor seu livro, que teve seu lançamento em 1974.

Com Albert Speer a história é distinta. O primeiro contato da autora com ele foi através de uma carta, enviada por Speer à Sereny, agradecendo-a pelo artigo escrito para o *Sunday Times*. Neste artigo, a autora, em parceria com outro jornalista, refutaram os argumentos do negacionista britânico David Irving (SERENY, 2007, p. 309), o qual afirmava que Hitler não tinha conhecimento do massacre de judeus pelos nazistas.⁷¹ Após esse episódio, eles começaram a se comunicar por telefone, e como afirma a própria autora, conversaram por muitas horas por esse meio (SERENY, 2007, p. 311). Após conhecer um pouco mais Speer, e alguns convites dele para que o visitasse em sua casa em Heidelberg, ela conseguiu uma autorização da revista *Sunday Times* para produzir um perfil biográfico dele.

Segundo a autora, foi em uma das frias manhãs de primavera de fevereiro de 1978, em Heidelberg, na Alemanha, que serviu de plano de fundo para o primeiro encontro entre eles no interior da casa aristocrática da família dele. As conversas duraram aproximadamente duas semanas e meia, e depois mais quatro dias para que pudessem juntos examinar e corrigir o rascunho do perfil biográfico (SERENY, 2007, p. 314). O que seriam apenas conversas para esse pequeno artigo em uma revista se tornou uma relação que durou até a morte de Speer, pois eles nunca perderam o contato após o fim das conversas. Speer frequentemente telefonava para conversar com Sereny e com seu marido, Don Honeyman, o qual ele também conheceu em Heidelberg, dado que aquele foi o fotógrafo do artigo para a revista *Sunday*

⁷¹ - David Irving cultiva a reputação de negacionista do Holocausto desde os anos de 1980. Entre suas afirmações negacionistas estão a de que não havia uma política para o assassinato de judeus durante o Terceiro Reich, que as câmaras de gás não eram utilizadas para assassinatos e que Hitler não sabia dos massacres. Ele processou a Penguin Books e a intelectual Deborah Lipstadt por difamação quando ela afirmou que ele era um negacionista. Irving perdeu a batalha judicial contra Lipstadt e boa parte do dinheiro da venda de seus livros. Fonte: Southern Poverty Law Center, site que monitora atividades de grupos de ódio. Disponível em: <<https://www.splcenter.org/fighting-hate>>. Acesso 11/03/2023.

Times. Essa relação foi tão frutífera que eles pensavam em escrever um livro em parceria, tamanha a proximidade que ambos criaram.

Este livro nunca passou de um plano, pois em setembro de 1981 Speer faleceu em Londres de forma repentina. Já o livro de Sereny sobre ele foi pensado depois de sua morte, assim, os anos entre 1982 e 1990 foram cruciais em um trabalho de pesquisa para sua elaboração (SERENY, 2001, p. 58). Esses anos são importantes uma vez que não são poucos os textos que aparecem no livro. O escrito possui citações à diários, cartas e outros livros, assim como possui conversas com outros indivíduos do círculo social de Speer.

A conjuntura mundial que permeia as entrevistas de ambos os livros, e a escrita do livro sobre Franz Stangl, é o contexto de Guerra-Fria, fenômeno que teve início nos anos posteriores à Segunda Guerra Mundial e se estendeu até 1989, encerrando completamente seu processo em 1991 com o desmantelamento da União Soviética (BIAGI, 2001, p. 61). O fenômeno envolveu as superpotências em voga no momento, porém sem desencadear um conflito militar entre elas, por isso a terminologia “fria” é utilizada ao se referir ao evento (BIAGI, 2001, p. 62).

No contexto de guerra, foi construído um muro para dividir Berlim entre as duas potências principais em conflito, Estados Unidos da América e União Soviética. O muro dividiu a capital da Alemanha em parte ocidental, e parte oriental. A sua construção teve início em 13 de agosto de 1961 e esteve presente em Berlim por 28 anos até sua queda em 9 de novembro de 1989 (MUNHOZ, 2009, p. 50). Com isso, o momento na Europa Ocidental, no qual a vida da autora se encaixa, é um momento de fortíssima propaganda anticomunista e de um receio que paira sobre vários países dessa ameaça comunista sobre eles.

A relevância de analisarmos que ambos os livros são escritos nesse contexto está em entender a situação vivida pelos envolvidos naquele momento, um cenário ainda muito influenciado pelos resultados da Segunda Guerra Mundial, na qual os três personagens estão envolvidos. Além disso, vale ressaltar que as entrevistas com os Stangl e Speer acontecem no coração de onde esse conflito se desdobra, a Alemanha, ainda colhendo os frutos da guerra perdida e lidando com as consequências da queda do Terceiro Reich. Portanto, apesar de se tratar de um período imerso em um novo conflito entre potências mundiais, o cenário de produção ainda é muito influenciado pelas consequências da Segunda Guerra Mundial. Ou seja, autora lidou com esses indivíduos enquanto toda a conjuntura do local onde eles viveram colhia os frutos de um regime no qual eles estavam inseridos.

As pesquisas e a produção do livro sobre Albert Speer deram-se nos últimos anos da Guerra Fria. O ano de 1989, é o momento em as pesquisas para o livro são feitas, e é o ano do acontecimento histórico da queda do Muro de Berlim que, como citado anteriormente, dividia a capital alemã em dois Estados distintos. Além disso, um ano após a queda, mais precisamente em 3 de outubro de 1990, temos a reunificação alemã, conhecida como *Deutsche Wiedervereinigung*, e as eleições para um novo Chanceler da Alemanha, a qual foi vencida por Helmut Kohl (FERNANDES, 2014, p. 100). Então, essa produção se localiza em um momento menos influenciado pelas consequências geradas pela Segunda Guerra Mundial, e mais ligado a um processo de reestabelecimento da Alemanha.

Vale ressaltar que, temos a prisão de Klaus Barbie, conhecido pela alcunha de ‘O carniceiro de Lyon’, capturado na Bolívia em 1983.⁷² Barbie era chefe da Gestapo em Lyon, e ficou conhecido por interrogar e torturar suas vítimas, além de ser responsável pela deportação de crianças no sul da França.⁷³ Ele acabou sendo extraditado para a França e julgado em Lyon, e em 1987 foi condenado a prisão perpétua pelos crimes cometidos durante o regime nazista, porém faleceu em decorrência de câncer 4 anos depois.⁷⁴ A importância do fato está em percebermos que, durante toda a trajetória de escrita da autora, e até mesmo de sua trajetória de vida, pessoas envolvidas com os crimes perpetrados durante o regime nazista foram descobertas e levadas a julgamento. Assim, Sereny faz parte de uma geração que precisava lidar com pessoas envolvidas diretamente nesses crimes.

O livro sobre Stangl conta com 298 páginas, na edição em português, e é dividida em seis partes, com cada uma podendo conter subpartes. Além disso, o livro ainda possui agradecimentos, prefácio e epílogo, com no máximo três páginas cada um. A edição em português não possui notas e referências bibliográficas, entretanto as edições em língua inglesa e em italiano possuem, ao final, um espaço para as principais obras consultadas. Já o livro sobre Speer foi lançado no ano de 1995, e está incluído pela própria editora na categoria de biografia.

O primeiro ponto que chama atenção é seu tamanho, que conta com 1004 páginas, divididas em 26 capítulos, contando também com agradecimentos, prólogo e posfácio. O número de páginas chama a atenção pela sua diferença ao ser comparado com o livro sobre

⁷² - United States Holocaust Memorial Museum. “Klaus Barbie: O carniceiro de Lyon”. Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/nikolaus-klaus-barbie-the-butcher-of-lyon>. Acesso em: 19/01/2023

⁷³ - *Ibidem*.

⁷⁴ - *Ibidem*.

Stangl, assim, nos questionamos o que leva Sereny a construir um segundo livro maior que o primeiro. A parte interna do livro traz as opiniões do historiador Alan Bullock⁷⁵ e do advogado Telford Taylor⁷⁶ sobre o livro. O livro conta também, ao final, com notas e referências bibliográficas, ausentes no livro de Franz Stangl.

As divisões dos capítulos de ambos os livros também são relevantes de serem comparadas. O livro sobre Albert Speer conta com vinte e seis capítulos, cada um com um nome específico relacionado ao seu tema. Já o livro sobre Stangl, conta com seis capítulos intitulados de "partes", organizados em ordem crescente. Apesar das diferenças, a organização dos capítulos segue uma mesma lógica temporal, iniciando com a infância e a juventude do entrevistado e continuando deste ponto a cronologia da vida de cada um.

As questões principais abordadas nos capítulos são diferentes de acordo com o que faz mais sentido para a construção da trajetória de vida do objeto principal. Sendo assim, enquanto no livro sobre Speer a figura de Hitler ganha destaque em alguns capítulos, por ser importante para a construção da trajetória da personagem, no livro sobre Stangl os campos de extermínio é que ganham destaque, por terem sido o motivo de participação dele no regime. Assim, apesar de haver uma lógica cronológica na escrita dos dois livros, as questões principais de cada capítulo se alteram de acordo com a trajetória de vida de cada um dos entrevistados.

É importante enfatizar que no momento das conversas com Sereny, Speer já era um homem livre, havia cumprido todos os anos de sua condenação em Nuremberg e a alguns anos estava novamente na sociedade. Além disso, ele escreveu vários livros e participou de inúmeras entrevistas antes de conversar com a autora. Sendo assim, acreditamos que seus interesses nessas conversas são completamente diferentes dos interesses de Franz Stangl. Isso porque Stangl havia acabado de ser condenado a prisão perpétua e ainda estava em fase de recorrer a esta sentença. Desta forma o cenário é completamente diferente nos dois

⁷⁵ - Historiador inglês mais conhecido por seu livro *Hitler: A Study in Tyranny*, de 1952, que foi a primeira biografia abrangente de Adolf Hitler. Fonte: Penguin Random House, site da editora. Disponível em: < <https://www.penguinrandomhouse.com/authors/3727/alan-bullock/>>. Acesso 11/03/2023.

⁷⁶ - Após a conclusão do Tribunal Militar Internacional em Nuremberg, o general Telford Taylor foi designado para ser promotor-chefe dos "Processos Subsequentes de Nuremberg". Esses processos tinham como objetivo decidir se os nazistas do segundo escalão eram ou não culpados. No total, os Estados Unidos indiciaram 183 réus em 12 julgamentos subsequentes, resultando em 12 sentenças de morte, 8 de prisão perpétua e 77 de encarceramento. Fonte: United States Holocaust Memorial Museum. "Processos subsequentes de Nuremberg (Artigo resumido)". Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/subsequent-nuremberg-proceedings-abridged-article>. Acesso em: 11/03/2023.

escritos, o que sem dúvidas foi um fator que contribuiu para as diferenças na estrutura dos livros e dos relatos.

Em *No meio das trevas* temos um relato desde a infância de Stangl, sua relação com seus pais e outros familiares, sua chegada na polícia, a sua entrada para o partido nazista, sua participação dentro do regime e sua trajetória no pós-guerra. Foi com isso que Gitta Sereny construiu uma trajetória de vida de Franz Stangl. Porém, o livro não estaria completo sem outros indivíduos que são entrevistados ao longo de suas pesquisas e ajudam a preencher lacunas e compreender melhor alguns momentos da história.

O livro sobre Speer também abrange grande parte de sua vida, iniciando na sua infância, passando pela vida adulta, a entrada para o partido nazista, seu trabalho como arquiteto e posteriormente como ministro, seu tempo na prisão e sua ressocialização depois dos vinte anos em Spandau. A autora afirma que estava inclinada a tentar compreender “a propensão dos homens de Hitler para executarem os mais terríveis crimes segundo as ordens recebidas” (SERENY, 2001, p. 22). A infância de Speer e o fato de que ele não se sentia amado e acolhido pelos pais, são utilizados por Sereny como um fato extremamente importante para compreender o desenrolar da vida de Speer. Os amigos dele também são figuras muito presentes dado que sem eles é impossível compreender o desenrolar de sua trajetória. Os amigos mais importantes no livro de Speer são Rudolf Wolters⁷⁷ e Annemarie Kempf.⁷⁸

Sobre o livro a respeito de Speer, devemos ressaltar alguns pontos importantes para a composição do livro, como as cartas apresentadas. São inúmeras cartas, principalmente durante seu tempo na prisão de Spandau, no qual Speer conseguiu ajuda para enviar um número grande de cartas clandestinamente. Assim ele escrevia para os filhos dizendo que a prisão era a Espanha, e as cartas os cartões-postais da Espanha (SERENY, 2001, p. 77). Há também muitas cartas para os amigos, principalmente Rudolf Wolters, e foi assim que ele conseguiu escrever o que Sereny chama de *O rascunho de Spandau*, suas memórias que deram origem ao livro *Inside The Third Reich*.⁷⁹ As cartas são um artifício importante pois, demonstram muito dos sentimentos, principalmente dentro da prisão, suas angústias durante aqueles vinte anos, e o que se tornou importante para ele neste momento.

⁷⁷ - Rudolf Wolters e Albert Speer foram amigos desde a escola, aproximadamente 1924. Ambos eram arquitetos e desenvolveram uma amizade que foi crucial para o tempo que Speer passou em Spandau, e para os livros que escreveu após a prisão. (SERENY, 2001, p. 52)

⁷⁸ - Annemarie Kempf foi secretária de Speer desde que tinha 18 anos, o ajudou durante o julgamento em Nuremberg e manteve a amizade com Speer até seus últimos dias de vida. (SERENY, 2001, p. 33)

⁷⁹ - SPEER, Albert. *Inside The Third Reich – Memoirs by Albert Speer*. The Macmillan Company, 1970.

A filiação ao partido também deve ser tomada como ponto central dentro do livro sobre Speer, isso porque, é após sua filiação que ele conhece Hitler e se torna seu arquiteto. A importância disso está em Hitler ser uma figura central também dentro do livro visto que essa relação é muito abordada, e é construído pela autora um panorama sobre quem era Hitler para aquelas pessoas que estavam mais próximas dele. Em vários pontos de discussão, a autora aponta para o fato desse amor que Speer tinha por Hitler, e que a maioria das pessoas dessa cúpula mais próxima dele também tinham. Isso porque, segundo Sereny, ele possuía uma espécie de energia persuasiva, um certo tipo de envolvimento que atraía não só as pessoas para perto de si, mas conquistava o amor delas.

A relação de Hitler com as pessoas próximas a ele é muito explorada no livro, bem como a própria relação de Speer com ele, o qual chega a afirmar que ele e o *Führer* tinham sido melhores amigos (SERENY, 2001, p. 159). Um dos pontos importantes dessa relação são as divergências entre os dois nos últimos anos de guerra, pois Speer não acreditava mais em uma vitória, e Hitler continuava suas ordens de “terra arrasada”, o que levou Speer a cogitar mata-lo (SERENY, 2001, p. 669). No entanto, o próprio afirma que nunca poderia ter concretizado esse pensamento, isso por conta de todo sentimento potente que nutria por ele. O livro nos proporciona uma imersão no bunker de Hitler pouco antes de sua morte, em uma descrição do último encontro com Albert Speer, e sobre a os sentimentos dele com a recepção da notícia da morte do *Führer*.

Um fato chama atenção nos dois escritos, a presença de outras figuras que ajudam a construir a história do personagem principal. Por terem outros indivíduos contando a história de Stangl, isso auxilia no preenchimento de lacunas na história trajetória contada por ele, bem como nos auxiliam na compreensão de outros pontos de vista que não o do personagem principal. Assim, temos muitas inserções como a esposa de Stangl, Theresa Stangl, que participa de grande parte do livro e narra boa parte do pós-guerra do marido, bem como a vida de ambos no Brasil. Renata Stangl, filha de Franz Stangl, também aparece no livro, e nos fornece um relato na condição de filha sobre seu pai, construindo assim a relação de pai e filha no livro. Sendo assim, o livro é construído pelas conversas de Sereny com Stangl e por todas as outras pessoas que se dispuseram a colaborar com a escrita do livro, e a ajudar a autora a construir uma imagem para ele.

O mesmo acontece no livro sobre Speer, onde os depoimentos de seus familiares e conhecidos desempenham uma função crucial da composição do texto. A família, em especial Margret Weber, esposa de Speer, e Hilde, uma das filhas do casal, é muito presente,

seja em entrevistas ou em cartas. Os amigos que o ajudam e são leais a Speer enchem as páginas do livro com suas histórias, bem como com suas lembranças sobre cada momento da vida dele. Com isso, é construída uma sensação de que Speer sempre esteve amparado e nunca esteve sozinho. Sereny sugere que mesmo nos momentos em que se achava mais solitário, a lealdade dos amigos se mostrou presente. Pessoas da cúpula nazista também são destaque no livro, como por exemplo Joseph Goebbels, por meio de seus diários falando sobre momentos do regime, e Leni Riefenstahl em entrevista concedida a ela discorrendo sobre Hitler e sobre Speer.

Para o livro sobre Franz Stangl, cada mudança de fase do ex-comandante também é muito importante. Assim, acompanhamos a vida dele desde sua chegada ao cargo de policial no Linz na década de 1930, assim como sua chegada a superintendência de polícia no Instituto de Eutanásia de Hartheim⁸⁰, fase sobre a qual possuímos um relato sobre o funcionamento do “programa”, e sobre o que Stangl pensava sobre ele. É possível conhecer mais sobre o comando de Stangl nos campos de Sobibor, e posteriormente de Treblinka. Nesse momento há um panorama, muitas vezes narrado por outros indivíduos inseridos no livro, sobre como ele se portava no comando dos campos de extermínio, suas atribuições tais quais suas atitudes. O livro também abrange o pós-guerra de Franz Stangl, sua doença assim que saiu de Treblinka, sua prisão pelos Aliados, assim como sua fuga para Damasco, na Síria. Ainda contamos com o relato de como ele conseguiu um salvo-conduto da cruz vermelha para a chegada ao Brasil, e em como viveu sem problemas até o dia de sua prisão em 1967. Os processos de extradição e julgamento não ganham destaque no livro, entretanto a postura de Stangl dentro da prisão ganha muitas páginas e comentários da autora.

No caso de Speer, o cenário de imersão na guerra se mostra relevante para a composição do escrito, isso porque muitos temas relacionados a esse momento histórico são debatidos pela autora. Somos inseridos na guerra contra a Rússia, bem como há a discussão sobre o genocídio lituano e o uso das câmaras de gás. Nos confrontamos com o cenário catastrófico da invasão ao território russo, e todas as dificuldades que os alemães tiveram nesse momento crucial da guerra. Assim, vamos até os últimos dias da Alemanha na guerra, tomando conhecimento das ordens de Hitler até o final na tentativa de ainda conseguir a

⁸⁰ - A instituição foi um dos primeiros aparelhos de limpeza social do Estado alemão. Era localizada em Hartheim, perto de Linz, e era uma das seis instituições com o mesmo propósito: o assassinato sistemático de pessoas com comorbidades físicas e mentais. Foi uma das medidas eugênicas cunhadas na Alemanha Nazista. Fonte: United States Holocaust Memorial Museum. “Euthanasia program and Aktion T4” Holocaust Encyclopedia. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/euthanasia-program>. Acesso em: 24/03/2023.

vitória, e as inúmeras manobras de Speer contra suas ordens a fim de salvar o que ainda restava da Alemanha e preservar o seu povo.

O julgamento de Speer e seus vinte anos na prisão também são parte da composição do livro. Albert Speer foi preso e esteve entre os 21 dos principais acusados no julgamento de Nuremberg. Assim, cada capítulo do livro se inicia com uma parte, ou uma fala, do julgamento de Speer em Nuremberg. Então há uma imersão no julgamento, bem como na declaração de inocência de Speer e em sua afirmação de que não sabia dos assassinatos.

A autora dedica dois capítulos inteiros aos vinte anos que Speer esteve cumprindo pena em Spandau, e tudo que ele sentiu dentro da prisão. Parte importante desse momento gira em torno da relação de Speer com Georges Casalis⁸¹, que proporcionava sermões dentro da prisão, e acabou por se tornar um amigo de Speer e uma espécie de mentor espiritual em sua busca por se tornar um homem diferente. Sereny nos apresenta um retrato de um homem atormentado pela culpa, não apenas pelo que ocorreu no regime, mas por não estar perto de sua família e de seus amigos, e pela crença de que podia e deveria ter feito mais quando teve oportunidade. Esses capítulos demonstram como Speer lidou com os anos na prisão, e a sua necessidade de estar sempre testando coisas novas, como suas invenções arquitetônicas dentro do presídio e sua “caminhada ao redor do mundo”.⁸²

A saída de Speer de Spandau foi cheia de percalços dado que os 20 anos de prisão moldaram boa parte de suas características. Assim, sua saída em 1966 deixa clara a completa desconexão dele com sua família e com seus amigos. Mas, principalmente a relação conturbada e distante com seus filhos, que eram pequenos na época de sua prisão, e quase nunca tinham convivido com o pai mesmo antes disso. Então, ele dedica grande parte do seu tempo após Spandau produzindo seus livros que são grandes sucessos de venda (SERENY, 2001, p. 22). A busca pela espiritualidade também ganha destaque nesse momento após Spandau, isso muito influenciado pela questão da culpa e por todos os anos que ele esteve imerso em si mesmo na prisão.

Durante *No meio das trevas* vale ressaltar que, em muitos momentos ou partes do livro, o entrevistado não é o foco. Assim, a autora vai abrir discussões sobre inúmeros

⁸¹ - Foi um capelão protestante da comunidade francesa de Berlim desde a ocupação da Alemanha. Recebeu a tarefa de cuidar da saúde espiritual de sete prisioneiros de guerra de Spandau, em julho de 1947. (SERENY, 2001, p. 46)

⁸² - Em suas caminhadas diárias dentro da prisão, Speer decidiu, em 1954, simular a fantasia de que estivesse caminhando ao redor do mundo. Ele tinha a pretensão de percorrer aproximadamente 40 mil quilômetros, sendo ajudado, com a imaginação dos locais, por seu amigo Rudolf Wolters. Em sua última caminhada Speer tinha conseguido cobrir 31.936 quilômetros. (SERENY, 2001, pp. 885, 886)

aspectos sobre o regime nazista, como a discussão sobre os “Institutos de Eutanásia” serem o recurso embrionário utilizado pelos nazistas que se desdobrará nos assassinatos em massa nos campos de extermínio (SERENY, 1981, p. 77). A autora também visita o local dos campos de Sobibor e Treblinka e oferece uma descrição de como eram esses campos quando eles se tornaram símbolos da memória do genocídio ocorrido durante o Terceiro Reich.

Com isso, a autora faz uma reflexão sobre como deveriam ser esses lugares em seu período de funcionamento, e assim temos relatos sobre o horror que a autora afirma sentir, principalmente em Treblinka (SERENY, 1981, p. 127), que foi reconstruído para ser um monumento sobre os crimes ali cometidos. A história de algumas pessoas que sobreviveram ao período também ganhou as páginas do livro, com relatos de pessoas que estiveram em Treblinka, contando sobre o funcionamento dos campos e sobre o que viveram no período (SERENY, 1981, pp. 164 - 176). A relação da Igreja Católica com a ajuda aos criminosos nazistas que conseguiram fugir, também é abordada. A autora tenta construir um panorama sobre essa relação, e alguns nomes conhecidos aparecem como bispo Hudal⁸³, acusado por muitos de ajudar criminosos de guerra (SERENY, 1981, p. 250).

A questão da culpa de Stangl também se apresenta em boa parte do escrito sobre ele, mesmo em muitos momentos não estando em evidência, sempre é um tema recorrente. A autora acredita que, em vários momentos das entrevistas, Stangl tenta mudar partes das histórias que conta para parecer menos culpado. Ele afirma que seu trabalho era puramente administrativo (SERENY, 1981, p. 121), como uma forma de minimizar sua importância nos assassinatos em massa que aconteciam dentro dos campos. Entretanto, o livro é igualmente construído pelas tentativas de Sereny em mostrar a culpa e a brutalidade existente nas funções atribuídas a Stangl, mesmo que não diretamente. Ao final do livro o próprio Stangl assume uma parcela de culpa por suas ações (SERENY, 1981, p. 294) em uma fala um pouco ambígua, mas na qual conseguimos compreender um ato de assumir a responsabilidade.

Na construção da história de Speer, um dos questionamentos centrais que rondam todo o livro gira em torno de se ele sabia ou não dos assassinatos de judeus pelos nazistas. Como já dito, o livro é uma história de vida de Speer, e é muito clara a sua convivência com

⁸³ - Alois Hudal foi um bispo austríaco, reitor do Collegio Teutonico di Santa Maria dell’Anima, em Roma. Era inimigo do comunismo e do liberalismo, e para ele os ideais nazistas eram necessários e sagrados. Mostrou-se a favor até mesmo da higiene racial, ponto crucial de discordância entre o regime nazista e a Igreja católica. Foi autor de um livro sobre os fundamentos do nacional-socialismo e propôs sua conciliação com a igreja (BARRETO, 2012, pp. 421-422). Para além disso, foi citado por Franz Stangl como principal ajuda para escapar para o Brasil utilizando uma rota de fuga através de Roma (ABAL, 2012, p. 65).

a culpa pelos assassinatos dentro do regime do qual participou. Entretanto, a todo momento tenta provar que não sabia dos assassinatos, mas que o fato de não saber não o livra da culpa e principalmente da responsabilidade pelo que aconteceu. Sendo assim, a culpa e a responsabilização que Speer afirmava sentir pelos massacres são um pano de fundo para muitas das iniciativas que ele vai tomar durante sua vida.

Ao final do livro, a autora deixa uma fala um pouco ambígua na qual Speer afirmava saber dos assassinatos. O trecho está presente em uma resposta dele a uma carta da Câmara dos Deputados da África do Sul, que pedia sua ajuda para contrapor informações presentes em panfletos negacionistas. Ao final da resposta Speer afirma que, “contudo, considero, até hoje, que a minha maior culpa foi a minha aceitação tácita [*Billigung*] da perseguição e do assassinato de milhões de judeus” (SERENY, 2001, p. 972). A ambiguidade da frase está na palavra em alemão *Billigung*, que pode significar também, “desviar o olhar” e “fingir ignorar” (SERENY, 2001, p. 973). Entretanto, Speer não discorda da tradução da autora, afirmando que ambas as atitudes são graves.

CAPÍTULO II

OS LIVROS: PROCEDIMENTOS EM COMPARAÇÃO

Para iniciar uma análise mais específica sobre os escritos de Gitta Sereny, é necessário retomarmos a problemática em torno do pouco interesse por produções de intelectuais mulheres. É importante perceber que, o campo da história, bem como outras áreas das ciências humanas, também é um campo de hierarquia e poder (OLIVEIRA, 2018, p. 130), como defende a historiadora Maria da Glória de Oliveira. Essa compreensão é necessária para podermos alocar, na realidade da produção no campo da história intelectual, a pouca valorização da intelectualidade de mulheres, que é um reflexo dessa hierarquização que permanece colocando homens em um lugar de maior importância e preterindo produções de mulheres.

Ao falarmos da produção intelectual de Gitta Sereny, colocando essa produção em uma perspectiva de gênero, acreditamos ser relevante ressaltarmos que, historicamente as mulheres tiveram sua história negligenciada. Assim como suas interpretações sobre qualquer assunto, visto que considerava-se irrelevante tanto suas vivências como suas ideias (LERNER, 1986, p. 24). Deve-se ter em mente que, enquanto as mulheres foram impedidas de contribuir intelectualmente por serem mulheres, homens nunca foram excluídos por advento unicamente do seu gênero (LERNER, 1986, p. 24).

Pode-se notar a exclusão da intelectualidade das mulheres desde a antiguidade, quando foram impedidas de participar do desenvolvimento da ciência (LERNER, 1986, p. 277). Esse apagamento histórico das mulheres resulta em uma experiência distinta para cada gênero, a historiadora Gerda Lerner defende que essas diferenças de gênero advêm da história das mulheres ser expressivamente diferente da história dos homens (LERNER, 1986, p. 26). Esse processo de exclusão e subjugação da mulher apenas começa a se alterar no século XIX, e apenas para algumas (LERNER, 1986, p. 308), pois até então, a história feita sobre mulheres e por mulheres era tudo aquilo que fosse permitido por homens.

Assim, por conta do advento do patriarcado, que desde muito cedo subjugava a figura da mulher e renega sua intelectualidade, a experiência histórica entre homens e mulheres é distinta, e isso por sua vez é refletido na produção intelectual de mulheres, e faz com que essas produções sejam de naturezas diferentes. Nesse sentido, lidar com a particularidade do pensamento intelectual das mulheres é valioso para que seja possível entender as nuances dessa intelectualidade. Isso pode ser explicado à luz do pensamento da historiadora

Margareth Rago quando afirma que, a produção intelectual de mulheres expressa essa busca de uma nova linguagem, ou de um contradiscurso (RAGO, 1998, pp. 23-24). Esse ponto é também defendido por Gerda Lerner ao afirmar que, durante muito tempo, essas intelectuais mulheres vão trazer renovação para ideias criadas por homens e dialogar com seus pensamentos (LERNER, 1986, p. 309).

Assim, reforçamos como esse recorte de gênero é relevante para a reflexão a respeito das particularidades das obras analisadas, bem como essa renovação de pensamento. Compreender esse processo de exclusão e esquecimento pode ser um caminho para entendermos de forma pertinente o trabalho de Sereny, uma vez que os livros abordados na pesquisa trazem uma visão completamente diferente de toda a produção até os anos de 1960 a respeito de como é possível analisar criminosos nazistas. E não é irrelevante que essa nova forma de análise tenha sido primeiro executada por mulheres.⁸⁴ Portanto, o fato de que Gitta Sereny foi uma das primeiras mulheres a se propor a analisar criminosos nazistas é crucial para compreendermos o pioneirismo intelectual da autora, bem como a densidade presente na reflexão dela sobre esses indivíduos.

Um dos nossos pontos principais de reflexão gira em torno dos procedimentos realizados por Gitta Sereny no decorrer dos livros, isso porque conseguimos perceber como esses direcionam o olhar para aquilo que a autora quer construir no decorrer dos livros. Foi percebido que a construção dos livros é realizada parte com as histórias contadas pelo entrevistado, e parte sobre como a autora enxerga não apenas a história contada, mas o próprio indivíduo com quem está dialogando.

Contamos com o olhar da autora direcionado a perceber nuances nas histórias, e na sua forma de enxergar o outro: a escuta reflexiva sobre aquilo que se ouve, e a percepção de sentimentos do seu entrevistado. Sendo assim, os procedimentos que veremos nos livros são fruto de todos esses impulsos que movem a escrita da autora com a expectativa de compreender aqueles sobre quem escreve. Neste sentido, seus procedimentos podem ser considerados movimentos perceptíveis em ambos os livros na tentativa de compreender os indivíduos e suas ações, ou seja, dar sentido às suas histórias de vida.

Ao realizar um mapeamento prévio destes procedimentos, chegamos ao principal procedimento presente nos livros: os procedimentos de *compreensão*. Por isso, é de

⁸⁴ - Aqui nos referimos à filósofa alemã Hannah Arendt, a qual realizou uma reflexão sobre um criminoso nazista, em 1963, antes de Gitta Sereny. As reflexões de Arendt podem ser encontradas no livro *Eichmann em Jerusalém - um relato sobre a banalidade do mal*.

necessário dedicarmos espaço à explicação desse importante conceito utilizado dentro da pesquisa, que fomenta discussões vastas no campo das ciências sociais. O termo e sua relevância são explicados por Hannah Arendt, que se dedicou a falar sobre a relevância da tentativa de compreender. Em um primeiro momento a autora afirma que:

Repito: compreender não significa negar o ultrajante, subtrair o inaudito do que tem precedentes, ou explicar fenômenos por meio de analogias e generalidades tais que se deixa de sentir o impacto da realidade e o choque da experiência. Significa antes examinar e suportar conscientemente o fardo que os acontecimentos colocaram sobre nós - sem negar sua existência nem vergar humildemente a seu peso, como se tudo o que de fato aconteceu não pudesse ter acontecido de outra forma. Compreender significa, em suma, encarar a realidade, espontânea e atentamente, e resistir a ela - qualquer que seja, venha a ser ou possa ter sido (ARENDR, 2012, p. 21).

Além disso, o livro *Pensar sem corrimão: compreender 1953-1975*⁸⁵, traz a palestra da autora em um colóquio sobre a importância da compreensão, e adentra no tema de forma um pouco mais pessoal quando diz que:

Assim, pode até ter sido bom termos perdido o monopólio exercido por aqueles que Kant, certa vez, com muita ironia, chamou de “pensadores profissionais”. Podemos começar a nos preocupar com o que significa pensar para a atividade da ação. Agora devo admitir uma coisa: que estou, claro, principalmente interessada na compreensão. Essa é a mais pura verdade. E admito que há pessoas principalmente interessadas em fazer algo. Eu não estou. Posso muito bem viver sem fazer nada. Mas não posso viver sem tentar ao menos compreender aquilo que acontece (ARENDR, 2021, p. 526).

Desta forma, fica evidente a necessidade de entender tal conceito para que a análise proposta nesta pesquisa seja realizada. Por isso, incorporamos a linha de pensamento do sociólogo Max Weber, intelectual que lida com o tema da compreensão. Baseando-se nele, utilizamos o conceito como a evidência da compreensão⁸⁶, que pode assumir um caráter empático de revivência, ligado ao lado emocional daquele que faz o esforço de compreender.

⁸⁵ - ARENDR, H. *Pensar sem corrimão: compreender 1953-1975*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

⁸⁶ - “A evidência da compreensão pode ser: a) ou racional (e é então lógica ou matemática); b) ou de carácter empaticamente revivente (emocional, receptivo-artística)” (WEBER, 2010, p. 8).

A compreensão se deriva da melhor interpretação intelectual possível diante do que se revive, levando em consideração a empatia daquele que tenta compreender (WEBER, 2010, p. 10). Ou seja, no limite, o objetivo da compreensão é captar o sentido que existe em uma atividade ou uma relação (MENEZES & CRUSOÉ, 2022, p. 5). A relevância dessa discussão está em Weber defender que a evidência da compreensão pode ser de caráter racional⁸⁷ ou intuitivamente compreensivo⁸⁸.

Destarte, podemos reviver emocionalmente aqueles indivíduos e compreender empaticamente, bem como “calcular intelectualmente o seu efeito sobre a orientação” (WEBER, 2010, p. 11). A compreensão é originada da empatia, que faz com que seja possível que o investigador reconstrua o significado da atividade humana (MENEZES & CRUSOÉ, 2022, p. 6). A compreensão pode ser tanto atual, do sentido de uma ação, como a interpretação das expressões faciais e movimentos irracionais (WEBER, 2010, p. 14), ou pode ser explicativa, que está ligada à motivação daquilo que é produzido (WEBER, 2010, p. 15).

Portanto, utilizamos a *compreensão* tal qual o sentido defendido por Weber: a “apreensão interpretativa do sentido ou da conexão de sentido” (WEBER, 2010, p. 16). A importância dessa explicação está em acreditarmos, com base no mapeamento das obras da autora, que Gitta Sereny se propõe a compreender Franz Stangl e Albert Speer. A empatia defendida por Weber pode ser encontrada no esforço da autora para ouvir a história de criminosos e dar sentido para essas trajetórias. Com isso, é possível colocar os procedimentos propostos pela autora em ambos os livros à luz da reflexão de Weber, para assim podermos refletir sobre a compreensão proposta pela autora e analisar as obras de forma pertinente. Desta forma, a análise do sociólogo sobre a compreensão nos ajuda a entender as escolhas que a autora traz para os livros, e sobre quais ferramentas são utilizadas para compreender os entrevistados.

2.1. Estrutura temática dos livros

É relevante considerarmos e analisarmos a estrutura temática que os livros apresentam, uma vez que isso “aponta como o texto se organiza a fim de adquirir um caráter

⁸⁷ - “Lógico ou matemático” (WEBER, 2009, p. 4)

⁸⁸ - “Emocional, receptivo-artístico” (WEBER, 2009, p. 4).

de mensagem” (RODRIGUES, 2012, p. 166). Por isso, é relevante que essa estrutura encontre espaço na pesquisa para que a compreensão dos livros possa ser realizada de maneira apropriada. Assim, analisaremos os temas que aparecem nos livros, bem como em quais perspectivas esses temas se relacionam nas duas obras, e se essa estrutura possui alterações.

O livro *No Meio das Trevas - Da eutanásia ao assassinato em massa: um exame de consciência* é iniciado com os agradecimentos de Gitta Sereny. Um detalhe importante nesses agradecimentos é a total ausência do nome de Franz Stangl e de seus familiares na lista, bem como o nome de qualquer outro criminoso nazista que tenha dialogado com a autora. O prefácio e a primeira parte do primeiro capítulo são uma explicação sobre o livro e sobre o objetivo da autora com essa produção.

A história de Stangl é iniciada na infância, passando pela adolescência, e posteriormente já nos oferece o curso de sua vida até a chegada ao aparelho nazista. Vale ressaltar que, a entrada para o partido é um ponto de discussão no livro, pois Stangl afirma que não fazia parte verdadeiramente do partido, alegando que seu nome figurava na lista por uma medida de segurança. Entretanto, essa afirmação é questionada pela autora, mas acaba por ficar sem uma resposta final. Fato é que, a figuração do nome de Franz Stangl na lista do partido é um ponto importante, sendo nesse momento em que sua trajetória começa a ser traçada em relação com a sua posição dentro do aparelho nazista.

O ingresso no Instituto de Eutanásia nazista é um ponto de ruptura na história de Stangl já que é o momento em que ele se enxerga verdadeiramente como parte de todo aquele aparelho de assassinato, e isso produz um impacto relevante no decorrer de sua vida. Assim, após o ingresso no Instituto de Eutanásia, a história de vida de Stangl vai sendo construída em torno de sua participação no aparelho nazista, e assim chegando ao momento em que se torna comandante de Sobibor e depois de Treblinka.

Os dois anos após o final da guerra são tratados no livro, mas são relativamente nebulosos visto que são contados por Theresa Stangl, e não por ele. É apenas no sexto capítulo do livro que Sereny traz a fuga da família Stangl para o Brasil, bem como um panorama do seu processo de extradição e a sua morte. Ou seja, dentro do livro de Gitta Sereny, toda a vida de Franz Stangl depois de 1936 está pautada em sua inserção dentro da lógica do regime nazista, bem como as consequências de suas escolhas nesse período.

Albert Speer – Sua luta com a verdade também é iniciado com agradecimentos, e assim como o primeiro livro, Gitta Sereny não menciona o nome de Albert Speer na lista,

entretanto a autora faz referência a Hilde Speer, filha dele, Annemarie Kempf, amiga dele e Fritz Wolters, filho do amigo de Speer. No decorrer do capítulo seguinte é dedicado espaço para a explicação do livro, para como a autora chegou até Speer e quais os objetivos permeavam a produção do escrito. Em seguida passa-se para a infância de Speer, e como o desamor presente nessa fase da vida, principalmente proporcionado por sua mãe, pode ter sido um ponto crucial no desenvolvimento dele. Assim, até esse ponto da obra, a estrutura temática do livro é muito parecida com a estrutura presente no livro que trata sobre Franz Stangl.

Posteriormente, Sereny trata sobre o período em que Speer esteve na universidade e a sua entrada para o partido. Neste livro, o ingresso no partido também é um ponto relevante, e ainda mais importante que no livro sobre Stangl uma vez que, é a partir da entrada no partido que Speer conhece Hitler e inicia uma aproximação com ele, e esse é o ponto crucial que muda o rumo da vida de Speer.

Toda a história de vida de Albert Speer será contada de forma entrelaçada com os acontecimentos políticos na Europa e com a construção da imagem de Adolf Hitler. Essa imagem hitleriana é construída utilizando as pessoas que possuíam uma certa devoção por ele. Pessoas que demonstraram ter essa relação com ele ganharam espaço, como no caso de Leni Riefenstahl e Joseph Goebbels, e nas descrições de Speer e os relatos da relação dos dois.

No curso do livro, a história de Speer se confunde com os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial. Assim, sua trajetória de vida avança em meio a cenários como a invasão da Polônia, a guerra com a Rússia, os extermínios no leste da Europa e o início dos assassinatos em massa promovidos pelo aparelho nazista. A ascensão de Speer a ministro de armamentos tem como plano de fundo seu envolvimento com a escravização de pessoas para a construção de um foguete, a ausência dele como pai, o declínio de sua relação com Hitler por discordâncias quanto ao curso da guerra e o último encontro com o *Führer* no bunker em Berlim.

A prisão, o julgamento, os vinte anos na prisão de Spandau e sua ressocialização compõem os últimos cinco capítulos do livro, sendo dois deles dedicados exclusivamente ao período na prisão. O posfácio da obra é um fechamento para a trajetória de vida do entrevistado dado que, conta com a descrição da relação da autora com Speer e sobre a vida dele após as entrevistas, até sua morte repentina em 1981.

Portanto, pode-se notar alguns pontos com relação à estrutura temática nos dois livros analisados, o primeiro é que as estruturas são semelhantes até certo momento, no caso até a entrada de ambos no partido nazista. Após esse acontecimento, os temas acompanham o curso da vida de cada personagem. Ou seja, a autora parte do mesmo princípio em ambos os escritos, tentando reconstruir a vida desses criminosos visando entender como chegaram até aquele ponto. Porém, em certo momento, os questionamentos e temas começam a se relacionar com aquilo vivido pelo personagem principal da história.

Outro ponto importante é compreender a entrada no partido nazista como um momento de ruptura já que é nesse ponto que os caminhos temáticos vão se separar. Isso acontece pois, no livro sobre Franz Stangl, o foco é apenas na vida do personagem, tudo que compõe a obra, além disso, aparece para explicar questões relacionadas à trajetória de Stangl. Assim, o contexto que envolve o aparelho nazista, a guerra, entre outros, é apenas um plano de fundo sob o qual se desenvolve a história do entrevistado.

Já no livro sobre Albert Speer, a lógica é um pouco distinta visto que, a autora olha para o contexto de uma maneira mais ampla. Assim a história dele está totalmente entrelaçada com os acontecimentos que se desdobram na Europa no mesmo período. Além disso, a personagem de Speer é construída à luz de sua relação com Hitler, ou seja, a autora está preocupada em compreender a história de vida de Speer. Entretanto aquilo que acontece ao redor dele, enquanto sua vida é contada, também se mostra importante.

Ao passo que Stangl é um comandante de campos de extermínio, que está em situação de hierarquia mais elevada que os outros componentes nazistas do campo, Speer é o ministro de armamentos do Reich, considerado por alguns como o segundo homem mais importante da Alemanha naquele momento (SERENY, 2001, p. 197). A proximidade de Speer com a cúpula nazista, sua interferência em decisões importantes no percurso da guerra, e principalmente, sua relação com Adolf Hitler, faz com que, apesar de estarmos tratando de dois criminosos nazistas, as realidades vividas por ambos, bem como suas vidas, tem desenvolvimentos muito diferentes.

Por esse motivo, seria improvável construir a trajetória de vida de Stangl e Speer com uma estrutura temática idêntica, a alteração traz profundidade para as histórias. Vale ressaltar que as diferenças na estrutura temática dos livros não implicam em uma diferença na forma de análise da autora para com os criminosos, apenas indicam a adaptação dos temas conforme a pertinência de cada questionamento.

2.2. O problema da compreensão

Um dos procedimentos acionados pela autora no decorrer de ambos os livros são os de *compreensão*, ou seja, situações nas quais a autora demonstra nitidamente interesse por compreender a figura do seu entrevistado de forma mais abrangente. Esses procedimentos de compreensão tem o intuito de perceber o indivíduo para além de seu envolvimento com o Terceiro Reich. Além disso, essas intervenções ajudam a construir uma imagem daquilo que faz parte da vida privada⁸⁹ do entrevistado, mais próxima daquilo que é socialmente considerado como um homem *comum*.⁹⁰ Pensando nisso, a autora insere no texto ações, percepções e nuances, que auxiliam na construção da personagem principal.

Assim, os momentos dedicados a compreender os entrevistados ficam muito claros logo no início de ambos os livros no próprio texto de Sereny. No livro sobre Franz Stangl, a autora logo no início afirma que:

Eu tinha vindo com um fim totalmente diferente: para ouvi-lo falar realmente dele: da criança, do menino, do adolescente, do homem que ele havia sido; do seu pai, sua mãe, dos seus amigos, de sua mulher e de seus filhos; para saber, não o que ele tinha ou não tinha feito, mas o que ele amou e odiou, e o que sentia a respeito dos episódios de sua vida que o tinham levado ao lugar onde se encontrava nesse momento. (SERENY, 1981, p. 23)

Com relação ao livro sobre Albert Speer, a autora também faz uma afirmação parecida quando diz que:

[...] eu lhe disse que precisava saber de todas as coisas a respeito das quais ele não tinha escrito em seus livros ou a respeito do que ele ainda não tinha

⁸⁹ - Utilizamos aqui o conceito tal qual como estabelecido por Sofia Aboim quando afirma que “Por vezes, como sucede na tradição da economia liberal, o público restringe-se ao político, inclua-se nele, ou não, a esfera civil ou apenas o estado; o privado, por outro lado, é conotado com o mercado, com o interesse individual, com o não coletivo. Outras vezes, sobressai uma distinção mais vasta que opõe o político, a sociedade civil e o mercado à família, ao espaço doméstico, à intimidade. Outras vezes ainda, o privado é entendido como expressão do Eu, por oposição a uma ordem pública da interação”. Fonte: ABOIM, S. Do público e do privado: uma perspectiva de gênero sobre uma dicotomia moderna. *Revista Estudos Feministas*, 20, pp. 95-117, 2012.

⁹⁰ - Aqui utilizamos o termo “comum” como referência ao termo em inglês “*ordinary*”, empregado pelo historiador Christopher R. Browning. O historiador utiliza o termo para referir-se a homens de meia idade, que possuíam famílias e trabalhos, mas mesmo assim acabaram por fazer parte dos “esquadrões da morte” que agiram no leste europeu. Fonte: (BROWNING C. , 2001)

falado: da sua infância, dos seus pais, “desta casa, na qual você morou quando era criança”, etc.

[...] Pedi-lhe então que recuasse no tempo o máximo que pudesse e que me dissesse quem ele havia amado ou de quem ele não tinha gostado, ou a quem talvez ele tivesse até mesmo odiado e temido. (SERENY, 2001, p. 29)

O que podemos perceber com as falas da autora é a tentativa de resgatar aquilo que faz parte da vida privada do entrevistado, e os detalhes da trajetória de cada um deles. Isso corrobora com a afirmação dela de que está preocupada em “saber por que os seres humanos são levados, amiúde e tão prontamente, a abraçar a violência e a amoralidade” (SERENY, 2001, p. 12). Sereny não vai até essas pessoas com o intuito de ouvir sobre os crimes contra a humanidade perpetrados pelos nazistas, mas sim para tentar acessar aquilo que faz com que esses indivíduos se tornem criminosos envolvidos com a prática de genocídio.

Essas tentativas de *compreensão* não serão exatamente iguais em ambos os livros. Isso acontece, pois a autora aciona formas diferentes de lidar com a *compreensão* em cada livro, mesmo quando está realizando o mesmo procedimento. O que pode explicar, e fazer sentido, quando falamos dos diferentes procedimentos acionados, é o fato das escolhas de Sereny mudarem nos livros. Isso pode ocorrer por advento dos materiais de consulta serem diferentes, e serem utilizados de formas distintas pela autora, ou por uma mudança de olhar da própria autora.

O livro sobre Stangl conta apenas com as entrevistas dele naquele momento, e os depoimentos de outros indivíduos sobre ele, para reconstruir sua história. Enquanto o livro sobre Speer conta com versões que Speer apresenta sobre si em outros momentos de sua vida, através de cartas, muitas vezes entregues a Sereny pelo próprio Speer, e de seus livros, sendo possível assim observá-lo em outros momentos para além das conversas. Vale ressaltar que, consideramos que os materiais fornecidos por Speer podem ser lidos como expressão das expectativas do próprio Speer em enquadrar a sua história de um modo que atenda a seus interesses e não como documentos isentos. Porém elas são parte relevante da composição do livro, e por isso precisam ser objeto de reflexão. Por isso, ao mapear os livros e refletir sobre os procedimentos da autora, buscamos também refletir sobre as fontes acessadas por ela e o momento vivido pelo entrevistado uma vez que, acreditamos que isso tenha influência nas escolhas feitas pela autora.

Ao iniciar as análises pelo livro *No Meio das trevas*, olhando para os procedimentos de *compreensão* de Gitta Sereny, foi possível perceber que a maior parte deles advém da forma que a autora percebe Franz Stangl durante as entrevistas. Com isso, em muitos momentos a autora traz à tona estado emocional e sentimental de Stangl durante as entrevistas, os gestos dele e suas reações diante da história que contava.

A descrição desse estado emocional de Stangl é um dos principais procedimentos de *compreensão* utilizados pela autora durante o livro e que pode ser observado durante todo o decorrer de sua construção. Sereny comumente traz essa descrição emocional do entrevistado relacionada com as lembranças de momentos da vida dele. Ou seja, a autora está apresentando as reações emocionais, que são perceptíveis para ela durante o processo de Stangl relembrar sua história.

Isso é visível já no primeiro momento em que é descrito o sentimento dele com relação a sua história de vida. Nessa ocasião, após ele voltar de um breve intervalo nas entrevistas, no qual refletiu sobre a fala da autora que deixava claro o intuito dela em acessar lugares privados de sua história. Sereny diz que “antes mesmo de começarmos a falar de sua infância, seus olhos se encheram de lágrimas” (SERENY, 1981, p. 25).

Um pouco antes disso, após ser questionado sobre ter muitos amigos na adolescência e Stangl relembrar que não possuía um grande círculo de amizade, a autora descreve que ele “começou a chorar de mansinho e enxugou os olhos com as costas da mão” (SERENY, 1981, p. 26). E ainda sobre seu tempo de juventude, e após relembrar seu primeiro emprego e a forma que ganhava dinheiro dando aulas de cítara, a autora afirma que ele “começou a chorar; e chorou longamente: Desculpe-me...” (SERENY, 1981, p. 27)

Em outro momento do texto, Franz Stangl descreve seu ingresso no partido Nazista, e especifica como fez seu nome figurar na lista do partido, mesmo afirmando nunca ter participado do mesmo. Stangl afirma que após chegar à casa e dar essa notícia para sua esposa, ela ficou furiosa com ele, por considerar sua atitude uma traição ao casamento, e o enxergou como voluntariamente um nazista, e então a autora descreve que ele “chorou por um longo momento” (SERENY, 1981, p. 32).

O mesmo ocorre quando ele é questionado sobre o conhecimento das filhas a respeito de seu passado e se elas sabiam quem ele havia sido durante a guerra, e sobre isso ele afirma que as filhas acreditam nele, e sua família está do seu lado, entretanto a autora afirma que Stangl “começou a chorar” (SERENY, 1981, p. 279). Com a escolha da autora em trazer

essas descrições para o livro, é possível perceber que a emoção demonstrada por Stangl ao contar e lembrar sua história diante da autora é relevante.

É possível refletirmos que essas descrições demonstram parte daquilo que Sereny busca durante as entrevistas, ou seja, acessar aquilo que faz parte da vida privada dos entrevistados, aquilo que ajude a entender como ele lida com a responsabilidade e consequência de suas escolhas. Essas escolhas demonstram o caminho de construção da personagem de Stangl, e nos fazem perceber que a autora está tentando construir uma imagem que esteja próxima do emocional, próxima de sentimentos que todos aqueles que vão ler conseguem entender do que se tratam. Assim, o que podemos supor é que a autora utiliza das reações emocionais do entrevistado para aproximá-lo da ideia de homem *comum*, e para delimitar sua forma de lidar com a responsabilidade.

Quando olhamos para o livro sobre Albert Speer, também podemos enxergar descrições relacionadas ao estado emocional dele. Entretanto, essas descrições da autora não aparecem com tanta frequência em comparação ao livro sobre Franz Stangl. Ou seja, nesse ímpeto de utilizar as emoções percebidas pela autora como forma de entender como esse indivíduo lida com sua história, não são acionados como ferramenta principal. Isso acontece pois, Sereny entende que Speer, diferente de Stangl, exterioriza menos suas emoções.

Enquanto o livro sobre Franz Stangl traz muitos momentos em que o entrevistado demonstra um sentimento de tristeza a ponto de chorar, o livro sobre Speer nos apresenta apenas uma menção nesse sentido. Essa passagem se apresenta quando o segundo conta para Sereny sobre um episódio na prisão de Spandau no qual ele e outros prisioneiros foram obrigados a esfregar o chão do ginásio onde uma forca havia acabado de ser desmontada. A autora acredita que esse foi um episódio traumático para ele, e descreve que “seu rosto enrubesceu e, logo em seguida, empalideceu; quando de modo quase furtivo, passou nele o lenço seco e dobrado, notei que este ficara molhado” (SERENY, 2001, p. 21).

A maior incidência de descrições das emoções de Speer também é perceptível. Mais da metade das ocorrências, nas quais a autora descreve o estado emocional do entrevistado, ele esboça um sorriso ou uma risada. Uma dessas ocasiões está em uma fala sobre a possibilidade de se sentir mais à vontade na presença dos filhos, e Speer responde que não é possível para ele, porém na presença dos netos ele consegue, e então a autora descreve que “acrescentou, e riu” (SERENY, 2001, p. 40). Essa descrição acontece em outros momentos, como quando a autora o questiona se explicação para sua desistência em um possível atentado contra Hitler tinha sido seus sentimentos por ele, ou o perigo que se apresentaria

depois. Após responder que ambas as opções eram verdadeiras, “ele esboçou o pequeno e hesitante sorriso que eu o vira exibir antes quando se via diante de uma pergunta cuja resposta ainda não tinha ponderado” (SERENY, 2001, p. 667).

Os sentimentos de Speer também são demonstrados em outros pontos, porém em um processo de descrição mais voltado para as ações do entrevistado diante das conversas com a autora. Isso fica claro quando a autora confronta Speer sobre qual teria sido a atitude dele, no passado, se tivesse o conhecimento sobre aquilo que estava acontecendo com os judeus, e ele responde que se fez essa pergunta muitas vezes durante sua vida, e nesse momento “ele apoiou a cabeça nas mãos (escondendo parcialmente o rosto)” (SERENY, 2001, p. 519). Esse trecho também direciona o nosso olhar para a reflexão de Speer sobre seus atos, e o acesso da autora a essa reflexão.

Outro desses exemplos se dá em uma conversa com a autora sobre a prisão de Spandau, e ele descreve o cheiro do lugar, nesse momento a autora percebe que “num átimo, ele moveu o nariz, como se ainda pudesse sentir o cheiro” (SERENY, 2001, p. 827). Essas nuances que Sereny escolhe trazer para o livro, nos sugerem que se trata de uma investida de tentar compreender como o entrevistado lida com as lembranças da sua vida que estão sendo abordadas naquele momento.

Podemos notar, com relação a essas escolhas da autora em ambos os livros de trazer esse retrato sentimental, é a necessidade de apresentar as emoções de seus entrevistados diante de suas histórias como um meio de mostrar o lado mais *comum* desses indivíduos. Essa é uma forma dela de demonstrar que essas pessoas possuem sentimentos, e o fato de estarem envolvidas em crimes perpetrados pelos nazistas não anula a existência deles.

Sereny percebe os detalhes expressados por seus entrevistados, e isso se demonstra pelas minúcias que a autora traz para as páginas dos livros, descrevendo as reações dos indivíduos diante da conversa. A importância dessa escolha está na intenção de trazer aquilo que faz parte da vida privada dos personagens, para tentar entender dentro dos sentimentos demonstrados aquilo que é importante e relevante para cada um deles.

Outro procedimento presente nos livros diz respeito a tentar compreender os sentimentos do outro dando espaço para que ele fale, ou seja, os sentimentos dos indivíduos descritos por eles. Isso demonstra uma necessidade da autora em construir as personagens de seus livros não apenas pelas reações emocionais que ela consegue perceber, mas também refletindo sobre como eles afirmam ter se sentido em certos momentos de suas trajetórias.

Essa opção nos oferece a possibilidade de adentrar ainda mais naquilo que diz respeito ao aspecto privado dos sentimentos deles.

Quando pensamos sobre essa perspectiva, podemos refletir a respeito do livro sobre Albert Speer, no qual a autora utiliza desse mesmo mecanismo em diversos momentos. Sereny exhibe as próprias falas dele acerca da forma que se sentia, além de trazer cartas e memórias descritas em seus livros. Com isso, ela está induzindo essa compreensão por meio do próprio ponto de vista do entrevistado.

Trazer aquilo que Albert Speer fala, na intenção de demonstrar como ele lida com situações da sua vida, ocorre em muitos momentos. Um deles acontece quando Speer relembra uma fase, na qual não possuía emprego, assim ele e a esposa tiveram que viver sustentados pelo seu pai durante algum tempo, e essa tinha sido uma época considerada por Speer como extremamente difícil, assim ele afirma para a autora que “acho que posso dizer que fiquei muito deprimido” (SERENY, 2001, p. 144). Em outro momento, fala sobre como se sentiu a respeito de seu julgamento em Nuremberg:

[...] Pelo próprio julgamento em si, além de mais de seis meses antes e nove meses depois de sua realização, houve um período de mais de dois anos em que eu oscilei da euforia à depressão. Por estranho que pareça, o que eu mais senti, durante os dez meses que antecederam a minha condenação – ocasião em que eu tinha quase certeza de que seria condenado à morte -, foi realmente euforia, mas, depois disso, senti uma espécie de depressão entorpecedora durante um longo tempo, e que se estendeu aos primeiros meses de confinamento em Spandau (SERENY, 2001, p. 239).

Podemos perceber a escolha da autora em preservar os detalhes da fala de Speer sobre como se sentiu a respeito de Nuremberg, utilizando os sentimentos descritos pelo personagem para ajudar na reflexão sobre o que aquele momento significa para ele. O mesmo acontece quando, logo após a fala citada acima, ele descreve seus sentimentos ao deixar a prisão de Spandau já que, segundo Speer, “sair de lá foi pura alegria, mas voltar a viver no mundo real, aí sim, foi traumatizante” (SERENY, 2001, p. 239).

Aqui, novamente a autora opta por preservar a fala de Speer, em uma frase que demonstra ele lidando com um trauma, assim fazendo essa conexão entre a personagem demonstrando que havia sentimentos nesse indivíduo. Posteriormente, ele continua falando sobre seu tempo em Spandau, e em como os prisioneiros de Nuremberg foram tratados

dentro da prisão. E acaba por afirmar: “eu lhe asseguro: nada poderia ter sido mais bem concebido para fazer eu me sentir realmente muito humilhado” (SERENY, 2001, p. 828).

Portanto, percebemos com isso a escolha da autora em preservar as falas de Speer sobre seus sentimentos, e o quanto isso está ligado a essa necessidade de tentar entendê-lo mais profundamente. Sereny escolhe trazer os sentimentos de Speer sobre sua vida, da forma como ele os descreve para ela, levando a uma reflexão não só daquilo que a autora enxerga, mas também daquilo que ela não consegue ver e que ele precisa explicar e descrever para ela. Além disso, demonstra a necessidade da autora de conhecer a trajetória de Speer como um todo, não apenas uma parcela específica de sua vida, mas sim tudo aquilo que ele estiver disposto a compartilhar sobre qualquer momento.

Uma outra forma que a autora encontra de trazer os sentimentos para o livro por meio das palavras do entrevistado, se dá pela exibição das cartas escritas por ele. Muitas das cartas escritas por Speer, nas quais ele descreve seus sentimentos, foram escritas durante os 20 anos em que esteve na prisão. Assim, essas cartas demonstrariam as angústias, os questionamentos e as fragilidades desse período de sua vida. Isso fica nítido em uma carta a seu amigo Rudolf Wolters, na qual Speer descreve que:

“Eu tento – eu realmente tento – nunca demonstrar o desespero que sinto em certas ocasiões. O mais difícil para mim é não ter ninguém para conversar comigo aqui. Acho que sou mais sensível que os outros colegas de prisão. Bem, creio que não posso simplesmente pedir que prendam um segundo arquiteto aqui em meu benefício, posso?... É um alívio poder dizer-lhe o que me incomoda. Contudo, não se preocupe, eu aguentarei tudo...” (SERENY, 2001, p. 881)

É possível perceber as angústias e os questionamentos que permeiam sua mente dentro da prisão. Esse é um dos primeiros exemplos sobre essa opção da autora em trazer esse panorama sentimental de seu entrevistado para o livro. E isso vai acontecer outras vezes, com cartas endereçadas a outras pessoas. Outro bom exemplo desse procedimento é o uso pela autora de uma das cartas que Speer escreve à sua filha, Hilde, enquanto cumpre sua pena em Spandau, na qual ele descreve que:

“[...] quando me sinto deprimido, sem saber como continuar levando a vida aqui, minha ‘fé’ assume o lugar da minha ‘vontade’. Mas, quando eu passo a sentir-me bem, tudo volta imediatamente ao estado anterior, e minha

única esperança, então, é que não perca o gosto pela fé. Continuarei a ir à igreja quando voltar a unir-me a vocês? Fico perguntando-me isso...” (SERENY, 2001, p. 889)

A autora nos fornece a descrição do próprio entrevistado em algum momento de sua vida para construir uma personagem dentro do livro. Essas cartas ajudam Sereny a refletir sobre o passado dele, o tempo que passou na prisão e como se sentiu diante desses inúmeros acontecimentos. A opção por trazer esses sentimentos para as páginas do livro fica evidente também em uma carta ao marido de sua filha Hilde, Ulf, na qual afirma:

“É uma pena que você não possa dar uma palestra ao ar livre aqui num dos meus amáveis gramados – eu adoraria isso. O pomar viceja como o da casa de Heidelberg, e as flores estão literalmente projetando-se do solo. Uma estranha sensação de que eu jamais presenciarei isto aqui novamente: não exatamente um pesar, mas uma tristeza... Há momentos em que o futuro me assusta e acho que talvez a melhor coisa a fazer quando eu sair seja recriar a vida que tive em Spandau – um cômodo pequeno e isolado em algum lugar, uma espécie de cela, um jardim, silêncio e música, comunicação com os outros apenas por meio de cartas – talvez, dessa forma, eu seja um homem melhor... Sei que isso não passa de um sonho, pois sou fraco. Assim que eu sair, deixarei tudo acontecer...” (SERENY, 2001, p. 909)

Podemos ver a utilização das cartas escritas por ele na tentativa de a autora entender como Speer lida com as consequências de suas escolhas em vários momentos de sua vida. O interessante nessa escolha é que, conseguimos refletir sobre aquilo que a autora está utilizando para construir a personagem do entrevistado. No que diz respeito aos últimos fragmentos citados sobre Speer, fica ainda mais visível quando pensamos que são cartas escritas enquanto ele estava na prisão. Ou seja, um tempo muito específico que é resultado das escolhas feitas por ele durante a Segunda Guerra Mundial, e que impactaria não apenas aqueles 20 anos, como o resto da sua vida.

Por isso, podemos refletir que Sereny tenta entendê-lo não apenas no momento da entrevista, mas também com o esforço de resgatar seus sentimentos e percepções de outras épocas para que seja possível uma imersão na história desse indivíduo. Isso porque ela está tentando construir uma personagem que não se afasta do *comum*, daquilo que é conhecido pela grande maioria das pessoas, e os sentimentos são uma ferramenta para demonstrar isso.

Já no livro sobre Franz Stangl, esse recurso é menos utilizado. É relevante lembrarmos que, as circunstâncias das entrevistas são muito diferentes, isso porque, enquanto Speer já cumpriu seus anos de prisão em Spandau, Stangl havia acabado de ser condenado e ainda aguardava sua apelação. Entretanto, vale ressaltar que essa é também uma escolha da autora para o livro, que faz com que possamos questionar o motivo das diferentes abordagens. A influência da situação vivida pelo entrevistado fica clara quando autora afirma que:

Seu processo estava em fase de apelação e era claro que tinha sido aconselhado, ou que ele se havia autopersuadido, que essas entrevistas o auxiliariam (talvez pensasse que fosse esta sua verdadeira finalidade) a resolver seu caso da única forma que todos os casos iguais ao seu tinham sido resolvidos. Nuremberg, onde os argumentos da defesa apresentados por alguns acusados pareciam conter uma certa dose de verdade quase suficientes para levantar dúvidas a respeito da “natureza” da sua culpa, representava um precedente. Essa era a técnica que, na falta de melhor recurso, havia sido retomada posteriormente por todos aqueles que sucederam aos acusados de Nuremberg no banco dos réus, qualquer que tenha sido sua importância ou a natureza de sua participação. Mas eu não estava ali para discutir⁹¹. (SERENY, 1981, p. 23) [grifo nosso]

A própria autora acredita em uma possível influência do momento vivido por Stangl no decurso da entrevista, apesar de não explorar este tema. Apesar de Sereny não tratar do julgamento e de sua apelação no decorrer do livro, acreditamos que ela exista e que ajuda a construir vários dos diálogos presentes no livro. Outra diferença que pode explicar essa escolha mais contida da autora em trazer os sentimentos de Stangl descritos por ele mesmo pode ser explicada pelas fontes acessadas por Sereny. A autora não traz escritos de Stangl para demonstrar durante o livro, seja por inexistência deles ou por uma escolha prévia, diferente do caso de Speer.

Assim, podemos perceber que essas diferenças contam quando refletimos sobre as escolhas da autora, porque temos a possibilidade de observar descrições de Speer em outros momentos de sua vida, diferente de Stangl, que apenas observamos naquele momento específico ou por intermédio de outros.

⁹¹ - Grifo nosso. A frase “Mas eu não estava ali para discutir”, na versão em inglês se apresenta como “*But polemics was not what I had come for*”, podendo ter seu significado em tradução livre como “mas eu não tinha vindo atrás de polêmicas”. Isso é relevante pois, demonstra como a autora se coloca em relação ao dilema da influência do momento vivido por Franz Stangl e a realização das entrevistas.

O fato de não ser uma prática comum quando a autora fala sobre o último, não impede que ainda possamos encontrar esse tipo de escolha no livro. Observamos aproximadamente três vezes esse tipo de opção, nas quais Stangl resgata na memória seus sentimentos em outros momentos da vida. Um deles ocorre quando ele explica sobre sua chegada ao “Instituto de Eutanásia”, e a autora o questiona se ele sentiu “escrúpulos” nesse momento, ele afirma que:

- Sim, por muito tempo. Dois ou três dias depois da minha chegada, disse a Reichleitner que não estava seguro de acostumar-me. Tinha acabado de saber que meu predecessor havia sido retirado a pedido, pois ele ficou com dores de estômago. Eu também não conseguia comer. Não se podia mesmo (SERENY, 1981, p. 57).

Essa fala de Stangl vai ser o guia para as próximas perguntas de Sereny visto que, ela o questionará sobre a possibilidade de haver pedido transferência do “Instituto de Eutanásia”, que era parte de uma operação conhecida como T4⁹², considerando que se sentia tão mal no cargo. Há outro momento em que essas emoções ficam ainda mais nítidas, e mais palpáveis para a própria autora, quando, ao final do livro, Stangl assume a culpa por ainda estar vivo, e a autora o questiona que provavelmente não era isso que ele pensava naquela época. Ele responde que:

- É verdade, disse lentamente, talvez não compreendendo deliberadamente minha pergunta. – Tive um sursis de vinte anos – vinte anos que foram bons. Mas creia-me hoje, eu preferia estar morto... Acompanhou com o olhar a pequena sala da prisão. – Não tenho mais esperanças, disse ele em tom de constatação; e prosseguiu calmamente: - De qualquer forma, basta agora. Quero ir até o fim em nossas entrevistas e, depois que tudo acabar, que o fim chegue (SERENY, 1981, p. 294).

⁹² - No ano de 1940, Stangl foi designado para ser o Superintendente de polícia em um dos institutos de eutanásia pensados pela Alemanha nazista. A instituição foi um dos primeiros aparelhos de limpeza social do Estado alemão e estava localizada em Hartheim, perto de Linz, e era uma das seis instituições com o mesmo propósito: assassinar pessoas consideradas deficientes físicos e mentais. O escritório que responsável pela coordenação da instituição estava localizado na Tiergartenstrasse 4, em Berlim, por esse motivo o programa ficou conhecido como “T4”. Fonte: United States Holocaust Memorial Museum. “Euthanasia program and Aktion T4” Holocaust Encyclopedia. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/euthanasia-program>. Acesso em: 12/03/2023.

Essa é uma das últimas falas de Franz Stangl que o livro nos apresenta, nos mostrando o quão importante para a autora é esse sentimento que ele nutria naquele momento. As escolhas feitas pela autora são importantes para que possamos ponderar sobre como ela enxerga as pessoas sobre as quais está escrevendo. As opções feitas por ela demonstram que, não apenas o momento da entrevista é importante para refletir sobre seus entrevistados, mas acessar seus passados e seus sentimentos sobre o passado também são pontos relevantes. Isso nos faz perceber que a autora está refletindo sobre essas pessoas a partir de como eles descrevem sobre suas emoções, em uma tentativa de compreender suas responsabilidades a respeito de suas ações durante a vida, e assim construindo uma explicação sobre como se tornaram criminosos nazistas.

As questões relativas à culpa também são pontos chave para entender esses indivíduos. A autora toca nessa questão em ambos os livros e no decorrer dos escritos, conseguimos observar a tentativa de Sereny de refletir sobre como eles a enxergam e qual a forma como lidam com ela.

É no livro sobre Albert Speer que nos apresenta a questão de sua culpa de uma forma mais profunda. Essa reflexão em seu caso está presente ao longo de todo o livro, surgindo diversas vezes ao longo das entrevistas. Em determinada parte do texto essa questão aparece logo após Sereny perguntá-lo se ele acredita que lhe faltou coragem cívica e moralidade no período que esteve no partido, e Speer argumenta que:

Pois, logicamente, agora eu acho que isso foi imoral. Mas o que isso pode significar? Nada. Acho que poderíamos nos ajudar a entender aqueles anos, que é o que você e eu estamos tentando fazer aqui, eu presumo, dizendo “sim, sim, eu sou culpado por não ter feito nada”.

- Sim, claro, eu sou culpado, mas a questão é que não via as coisas da forma como as vejo hoje (SERENY, 2001, p. 407).

Esse é um ponto relevante para que seja possível refletir sobre o lugar que Speer acredita que sua culpa se enquadre. Segundo Speer, ele carrega a culpa por não ter feito nada para mudar o destino dos que estavam em perigo. A relevância da autora trazer essa fala está na busca dela por entender os motivos que fazem com que Speer se sinta culpado. Ademais, o trecho citado também demonstra que ele, no momento da entrevista, possui a consciência de sua responsabilidade para com as escolhas feitas no passado. Entretanto, ele deixa claro

que essa é uma conscientização ocorrida posteriormente, e que não existia quando os crimes foram cometidos.

Outros momentos nos apresentam outras possibilidades de refletir sobre o peso e as implicações que a culpa tinha em Speer. Isso é demonstrado quando Sereny diz que:

Foi próximo ao fim da minha pesquisa, muito depois da morte de Speer, que eu percebi que essa história, e a forma pela qual ele a relatou, tinha tudo a ver com o que Casalis chamou de “sua tortura íntima” com o destino dos judeus. Speer sabia muito bem, para seu próprio desespero, que, para o “homem diferente” que desejou tornar-se em Spandau, sob a orientação de Casalis, sua atitude de reconhecer sua própria culpabilidade moral não passou de uma manobra elegante; por trás dessa manobra, ocultava-se o pesadelo de conhecimentos inconfessados, sua mente minada de um sentimento de culpa incurável (SERENY, 2001, p. 649).

Fica nítido o entendimento da autora sobre a importância de refletir sobre aquilo que Speer havia contado, e tentar encaixar isso dentro da realidade do entrevistado. É importante ressaltar que Sereny não atribui culpa a Speer, mas ela racionaliza a culpa que ele mesmo atribuiu a si, e esse é um sentimento que o acompanha pelo resto de sua vida. Assim, para reconstruir, no livro, o estado emocional do entrevistado com relação a sua história, a autora faz essa reflexão sobre a questão de sua culpa em razão de, sem ela, parte de quem ele foi ficaria perdida.

Sereny volta ao tema da culpa de Speer quando o entrevistado fala sobre a partida de Georges Casalis da prisão de Spandau, e então a autora afirma que:

Ele manteve as três coisas mais essenciais dos seus três anos de aprendizado com Casalis: a convicção de que a vida tinha um sentido mais amplo do que aquele proporcionado pela inteligência e pela lógica, a graça salvadora da leitura disciplinada e, ainda que isso bloqueasse decididamente a pior parte da questão, uma consciência íntima e real de sua culpa (SERENY, 2001, p. 855).

É importante também fazermos uma reflexão sobre outra fala de Georges Casalis, que traz uma visão clara sobre sua percepção da importância da culpa para Albert Speer quando diz que:

Mas, durante aqueles anos, sua leitura, seus estudos, seus pensamentos originaram-se – e foram motivados – por seu profundo sentimento de culpa, que se prendia inteiramente ao assassinato dos judeus – a tal ponto,

aliás, que ele parecia ter-se esquecido dos outros crimes de Hitler. (SERENY, 2001, p. 844)

Desta forma, com as escolhas de Sereny para a construção do livro tornam nítido como ela compreende que a culpa é algo profundo e enraizado em Speer. Assim como é algo que o acompanha durante todas as suas tentativas de estar mais ligado ao lado espiritual após seu tempo preso em Spandau. Nesse sentido, a autora se mostra disposta a ouvir e a refletir, nos moldes do que o entrevistado acredita ser real, as formas que ele se sente culpado. Ela escolhe trazer para o livro os motivos que o fazem sentir culpa, bem como as implicações desse sentimento em outras áreas de sua vida. Além do mais, a culpa está diretamente ligada a consciência de Speer com relação aos seus atos e suas escolhas, assim a responsabilidade sobre as ações é parte importante de seu sentimento de culpa.

As questões relativas à culpa também estão presentes no livro sobre Franz Stangl, entretanto elas aparecem como sendo menos relevante em sua trajetória do que se vê no caso de Albert Speer. Segundo o que podemos compreender com a escrita da autora, Stangl não se mostrava tão explicitamente preocupado com a culpa quanto Speer. Há apenas dois momentos no livro em que a autora traz declarações de Stangl em que ele assume diretamente ser culpado por algo.

O primeiro desses momentos ocorre após Stangl afirmar que odiava os alemães, e que deveria ter morrido em 1938, assim ele conclui que “foi então que tudo começou para mim. Devo reconhecer minha culpa” (SERENY, 1981, p. 40). Essa fala nos permite refletir que, a culpa para ele está em ter seguido o caminho que foi mostrado sem questionamentos morais, a culpa está em ter aceitado passivamente. Para além da confissão de culpa, é relevante destacar o que a autora afirma a seguir, quando diz que:

[...] Eu tinha a impressão de que, reconhecendo espontaneamente sua culpa, em relação as falas relativamente menores do princípio, era como se sua necessidade de admitir “Sou culpado” não pudesse escapar de seus lábios, quando se tratasse da morte de 400.000, 750.000, 900.000, 1.200.000 pessoas (todos dados oficiais ou oficiosos que variam de acordo com a fonte). Ele procurava, pois, encontrar uma justificativa com a qual pudesse admitir sua culpa (SERENY, 1981, p. 40).

Ou seja, a autora indica que, mesmo muitas vezes não expressando em palavras esse sentimento de culpa, ele está presente e está sendo racionalizado pelo entrevistado. Assim, podemos tomar conhecimento da culpa não por falas de Stangl, mas sim por conclusões que

a autora chega nos diálogos com ele. Isso pode ser notado quando a autora se questiona sobre o motivo de algumas mentiras contadas pelo entrevistado, e ela conclui que:

De qualquer forma, minhas próprias reações a certas declarações de Stangl se modificaram ligeiramente, mais tarde, após as conversações que tive com sua mulher, pois tornava-se claro, pelo menos isto, que ele havia manipulado os acontecimentos, para atender à necessidade de racionalizar sua culpa, a consciência de sua culpa (nessa fase de nossas entrevistas) ou o fato de ter que encará-la (SERENY, 1981, p. 119)

Sereny opta por fazer uma leitura particular da figura de Stangl, baseada não só no que o entrevistado diz, mas também naquilo que ele não diz, ou no que tenta dizer. Isso fica nítido quando percebemos que a conclusão sobre a dificuldade dele em lidar com a culpa acaba por influenciar a maneira como ele conta sua história. Podemos perceber também o quanto, mesmo não falando da culpa diretamente, ela está presente no livro de alguma forma visto que, alguns movimentos do entrevistado são fruto desse complexo relacionamento dele com o fato de sentir-se culpado.

Essa relação é tão complicada e tão imbricada com Stangl que a própria autora chega a afirmar que, quando falamos sobre ele “os termos relativamente simples de “culpa” ou “inocência”, de “bem” ou de “mal” não poderiam ser aplicados” (SERENY, 1981, p. 183). Entendemos que a autora traz essa reflexão com a intenção de explicar o quanto Stangl se mostra uma pessoa complexa, e o quanto ela acredita que a realidade dele pode estar distorcida.

Podemos perceber isso em outro momento quando ela afirma que “ele dizia a verdade tal qual a tinha visto e ainda a via agora em 1971, e assim o fazendo, voluntária, mas inconscientemente, ele dizia mais do que a verdade: revelava sua dupla personalidade que havia adquirido para sobreviver” (SERENY 1981, 149). O mais importante aqui é que possamos perceber que a autora está tentando encontrar nuances nas entrevistas, na tentativa de construir um personagem baseando-se nas memórias que os entrevistados estão dispostos a compartilhar e em como eles enxergam suas histórias e suas ações.

É possível notar que, apesar de ser um tema importante e relevante nos dois livros, ele não tem o mesmo peso para os dois entrevistados. Isso pelo motivo de que a culpa em Speer é um assunto mais presente em sua figura dado que, ele demonstra ser mais atormentado por essa questão, como se fosse algo muito bem processado para ele e que o

acompanha a todo momento. Por conta disso, a autora tenta lidar com esse tema demonstrando a importância que ele tem para Speer.

Assim, Sereny não precisa tentar compreender onde encontrar a culpa em Speer, tão pouco atribui-la a ele, porque ele mesmo faz esse movimento, e ela só precisa compreender a importância que desse tema para o entrevistado e o quanto isso está entrelaçado com as outras decisões da sua vida.

A relação com Franz Stangl é bem diferente, isso porque a impressão que temos é que ele vai na contramão de Speer visto que, ele não demonstra estar no nível de racionalização da culpa que o outro entrevistado está. Um dos motivos para isso é a possibilidade de Stangl não se sentir culpado, assim não demonstra esse sentimento em suas entrevistas com Sereny.

Os momentos em que Stangl demonstra o sentimento de culpa dizem mais respeito a ter aceitado seu trabalho de forma passiva do que a culpa por assassinatos em massa. Assim, podemos inferir que ele entende a responsabilidade presente nas suas escolhas e suas ações durante a guerra, mas apesar disso, escolheu agir da forma que agiu. Essas duas razões distintas da culpa fazem com que a autora lide com a situação de forma diferente: nos diálogos com Stangl ela precisa adentrar nas nuances das falas dele para acessar esse tema, no caso de Speer não é necessário por ser um tema mais explícito.

Entretanto, há algo que une a questão da culpa em ambos os livros, a responsabilidade. A culpa para os dois entrevistados está carregada de uma consciência sobre a responsabilidade e consequência de suas escolhas, uma consciência que poderia não existir no momento dos crimes, e que foi desenvolvida anos após as ações. Essa reflexão é importante pois é o que pavimenta o caminho para explicar como esses indivíduos se tornaram criminosos.

2.3. Contrapondo os entrevistados

Outra escolha importante realizada pela autora no decorrer dos livros são as tentativas de contraposição do entrevistado. Em grande parte não há indicações de que essa ação aconteça nas entrevistas, mas apenas na escrita do livro. Durante o mapeamento, destacamos essas tentativas de contraposição como todos os momentos em que a autora se demonstra contrária ao que o entrevistado está afirmando.

Há determinadas partes dos livros em que a autora demonstra descrença a respeito da fala dos entrevistados. Um dos motivos para tal reside na importância em entendermos que a autora está na posição de tentar compreender os entrevistados, entretanto deixando claro que, nessas intervenções, a sua análise crítica dessa pessoa não está afastada da entrevista, mas sim está relacionada a ela. Desta forma, como vimos em outras escolhas feitas pela autora, as contraposições mudam de natureza quando mudam de indivíduo. Ou seja, em alguns momentos a autora tenta provar mentiras nas falas dos entrevistados, como acontece com Stangl, em outros ela faz apenas apontamentos mais simples, como é recorrente no caso de Speer.

No livro sobre Albert Speer pudemos mapear aproximadamente trinta e quatro momentos em que a autora diverge explicitamente das falas do entrevistado. Com esse mapeamento pudemos perceber que algumas das refutações da autora são de natureza muito relacionadas às suas conclusões sobre as falas do entrevistado. Um dos primeiros momentos em que podemos perceber isso é quando Speer afirma que, em sua juventude, ele não era muito afeito a questões políticas. Entretanto, ao contar à Sereny sobre um professor de arquitetura⁹³ que teve, e de quem ficou muito próximo, a autora se questiona sobre as aulas deste professor terem sido um centro de agitações de ideias nazistas, e afirma que “logicamente, é desnorteante que Speer tenha alegadamente desconhecido esses fatos” (SERENY, 2001, p. 112). Neste ponto a autora não tem nenhuma intenção de provar com fatos que Speer está mentindo, ela apenas sugere que o que ele diz pode não ser verdade. Ainda sobre esse tema, a autora diz que “com certeza nenhuma pessoa jovem e inteligente na Alemanha da década de 30 podia ser ‘apolítica’, eu disse a ele” (SERENY, 2001, p. 138), confrontando o entrevistado.

Esse tipo particular de abordagem, mais voltada para a divergência, acontece em outros pontos do livro. Um deles ocorre quando, após Speer ser questionado sobre o motivo de não falar em seu livro sobre a *Kristallnacht*⁹⁴, ele não demonstra nenhuma indignação

⁹³ - O professor era Heinrich Tessenow que foi um arquiteto, professor e urbanista alemão durante a República de Weimar. Estudou arquitetura na Escola Técnica de Munique, onde também lecionou. Tessenow lecionou no Instituto de Tecnologia em Berlin-Charlottenburg de 1926 a 1934, quando foi despedido pelos nazistas. Curiosamente Tessenow também é conhecido através do arquiteto do Terceiro Reich Albert Speer. Até o final da Segunda Guerra Mundial viveu aposentado em sua casa de campo passando a maior parte do tempo estudando a reconstrução de centros urbanos nas regiões da Pomerânia e Mecklemburgo. Após a guerra, ele foi convidado a lecionar na Universidade de Berlim pela administração soviética e foi nomeado professor emérito do mesmo instituto. Fonte: Architectuul, site sobre nomes da arquitetura. Disponível em: < <https://architectuul.com/architect/heinrich-tessenow>>. Acesso 11/03/2023.

⁹⁴ - Tradução: A noite dos cristais. O regime nazista organizou uma onda de violência antissemita na Alemanha a ser desencadeada na noite entre os dias 9 e 10 de novembro de 1938. Tal evento ficou conhecido como

sobre esse acontecimento, tão pouco demonstra alguma culpa pelo ocorrido. Assim a autora afirma que:

Sinto-me receosa com o fato de que a falta de indignação de Speer, e de que uma atitude semelhante em outros milhares de alemães, possa ser menor devido a uma possível insensibilidade ou crueldade da parte deles do que à notabilidade das técnicas de propaganda relativamente novas de Goebbels (SERENY, 2001, p. 240).

Esse é um tema decisivo que nos demonstra a crença de Sereny de que esses indivíduos estavam conscientes sobre suas atitudes, e não apenas seguindo as ações do coletivo. Assim, a autora aparece tecendo uma opinião própria sobre alguma fala do entrevistado. Muitas das intervenções não foram feitas para corrigir ou para apontar divergências na fala de Speer. Algumas apenas são críticas sobre a forma que ele teve de lidar com esse momento.

O mapeamento feito para a pesquisa aponta para aproximadamente onze vezes, durante todo o livro, em que a autora tenta provar, de forma explícita, erros de Speer ou divergências de informações. Grande parte dessas refutações são feitas com base nos livros escritos pelo próprio entrevistado.

Entretanto, há também algumas refutações com relação a divergências de informações, como podemos perceber quando Speer afirma que apenas se filiou realmente ao partido nazista em 1942, se colocando antes disso como apenas um “coligado”. Porém, a autora afirma que “isto – como veremos detalhadamente adiante – não foi um relato honesto, pois conforme os preservados registros da SS demonstram, Speer associou-se em 1931, não apenas ao partido, mas também à SA” (SERENY, 2001, p. 145). Sereny não realiza nenhuma reflexão sobre as divergências de informações presentes na fala de Speer, mas a escolha por trazer essa informação demonstra a importância de compreendermos que ele poderia não estar sendo verdadeiro.

Algumas dessas intervenções são feitas utilizando os livros escritos por Albert Speer. Isso pode ser percebido quando Sereny afirma que no “rascunho de Spandau” Speer deixa claro saber sobre a iminente anexação da Áustria, porém, em seu livro *Inside the Third Reich*

Kristallnacht, a “Noite dos Cristais” ou “A Noite dos Vidros Quebrados”, devido aos cacos das portas e vitrines de lojas espalhados pelas ruas após aquela onda de violência. Fonte: United States Holocaust Memorial Museum. “A noite dos vidros quebrados (kristallnacht)”. Holocaust Encyclopedia. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/the-night-of-broken-glass>. Acesso em: 28/01/2023.

isso muda, e então ele passa a impressão de que essa possibilidade nunca havia passado por sua cabeça “apesar de o *Anschluss* estar na boca de todas as pessoas do círculo de Hitler a semanas (...)” (SERENY, 2001, pp. 274 - 275). Posteriormente, a autora afirma que, no livro *Inside the Third Reich*, o entrevistado transmite a impressão de que sabia dos planos para a invasão da Rússia, ainda que no rascunho enviado ao amigo Rudolf Wolters ele afirme que a invasão do território russo foi uma completa surpresa (SERENY, 2001, p. 362). Isso nos permite sugerir que Sereny tenta mostrar as fragilidades no discurso de Speer.

Assim, é possível fazermos uma reflexão sobre o livro, em vista de Albert Speer não contar com um número grande de situações em que Sereny se contrapõe ou corrige o entrevistado. Sendo, portanto, um livro de mil páginas conta com apenas trinta e quatro intervenções desta natureza, um número extremamente modesto quando comparado ao livro sobre Franz Stangl que abordaremos mais à frente.

Essas intervenções nos mostram algumas coisas, como as opiniões e descrenças da autora com relação ao que está sendo contado pelo entrevistado. Com isso podemos perceber a opção de Sereny em demonstrar sua insatisfação ou desaprovação diante das atitudes do entrevistado, sem querer provar que ele está mentindo. Em paralelo a isso, temos também as intervenções de natureza mais direta, nas quais a autora tenta lidar com divergências reais presentes nas afirmações de Speer, normalmente presentes nos próprios livros dele. Nesse segundo modelo de intervenção, a autora continua não se preocupando em provar que o entrevistado está mentindo, escolhendo demonstrar as fragilidades e desconexões presentes no discurso de Speer.

No livro que trata sobre Franz Stangl, também podemos observar intervenções de refutação vindas da autora. Entretanto, essas intervenções são de um caráter muito mais objetivo neste escrito, visto que sempre estão atreladas a escolha de Sereny em mostrar que Stangl está mentindo em certos momentos. Essas intervenções acontecem aproximadamente trinta e cinco vezes no livro, o que é um número significativo quando pensamos que é um livro menor que o livro sobre Albert Speer. Ainda assim, contando com uma intervenção maior nesse sentido. Um ponto importante para compreendermos a natureza das refutações relacionadas a Stangl pode ser compreendida quando afirmado que:

Durante os três dias em que nos entrevistamos nessa parte de sua história, ele manifestou um intenso desejo de procurar a verdade e dizê-la. Esta necessidade, coisa estranha, era aumentada em vez de desmentida pela sua maneira às vezes incrivelmente brutal de expressar-se. Ele dizia a verdade tal qual a tinha visto e ainda a via agora em 1971, e assim o fazendo,

voluntária mas inconscientemente, ele dizia mais do que a verdade: revelava sua dupla personalidade que havia adquirido para sobreviver (SERENY, 1981, p. 149).

Por isso, é importante pensarmos não apenas sobre o número de refutações que a autora traz no livro, mas também a natureza desse tipo de procedimento e o que a autora pretende demonstrar com ele. Compreendemos que a grande motivação das correções, com relação a Franz Stangl, são uma tentativa de demonstrar que ele está mentindo em determinados momentos, ou tentando manipular sua história de vida.

Um dos primeiros momentos em que a autora demonstra essa necessidade acontece quando Stangl diz que sofreu represálias e foi perseguido, enquanto era policial em Linz, por um superior chamado Prohaska⁹⁵. Entretanto, a autora afirma que “existem apenas débeis provas para apoiar as afirmações de Stangl sobre a importância que ele atribui a Prohaska” (SERENY, 1981, p. 39).

Em outro ponto, Stangl cita as crianças assassinadas em seu período no “Instituto de Eutanásia”, porém a autora afirma, com base em outro depoimento, que crianças não eram assassinadas em Hartheim, mas sim que havia locais especializados para isso (SERENY, 1981, p. 56). Com base nisso, a autora dedica uma longa nota de rodapé para explicar como todo esse processo se dava, contrapondo assim o que o entrevistado havia afirmado. Posteriormente, Stangl diz se sentir traído por Stanislaw Szmajzner⁹⁶, e afirma que em seu livro, Szmajzner dedicou quarenta páginas para discorrer sobre ele. No entanto a autora pontua que “na verdade só há duas páginas que tratam diretamente de Stangl no livro (...)” (SERENY, 1981, p. 104).

Nesse procedimento de refutar algumas falas de Franz Stangl e tentar trazer os fatos de forma mais explícita para o livro, a autora faz uso de entrevistas com outros indivíduos para descobrir se o que o entrevistado diz condiz com a realidade. Um dos momentos em que a ela traz outra pessoa para contrapor Stangl, acontece quando ele afirma que fazia sua primeira ronda às 5 horas da manhã enquanto estava em Treblinka, e depois ia para o “campo da morte”, como era chamada a parte alta do campo. Porém, Sereny opta por trazer partes

⁹⁵ - Superior de Franz Stangl na polícia de Linz (SERENY 1981, 39).

⁹⁶ - Stanislaw Szmajzner nasceu em Pulawy, na Polônia, filho de uma família de judeus ortodoxos. Aos doze anos se tornou um ourives qualificado. Viveu nos guetos com a família, mas em 24 de maio de 1942 foram enviados para Sobibor. Já em Sobibor exerceu sua função de ourives, o que muito provavelmente impediu que fosse assassinado. Após a guerra, foi a única testemunha a atribuir a Franz Stangl um ato de violência pessoal. (SERENY, 1981, pp. 107 - 109)

da entrevista com Franz Suchomel⁹⁷ sobre o mesmo assunto, e é nesse ponto que a lembrança de Stangl é desacreditada, pois Suchomel afirma que “5 horas da manhã, disse, absurdo, porque se levantaria tão cedo? Ele tinha quem o fizesse no seu lugar” (SERENY, 1981, p. 149).

Um pouco adiante, sobre essa mesma fala de Stangl, Otto Horn⁹⁸, que trabalhou no campo do alto por um ano, disse que: “Stangl? Não o vi lá em cima senão duas vezes durante todo tempo que passei em Treblinka” (SERENY, 1981, p. 149). A autora chega a questionar Stangl se ele lia a noite, o entrevistado responde que não, pois as luzes eram cortadas às dez horas. Novamente somos levados a Franz Suchomel que afirma que “não posso compreender do que ele estava falando, quando disse que a luz era cortada às 10 horas, comentou Suchomel. Não faz sentido. Ela ficava ligada a noite toda; afinal, era preciso vigiar o lugar, e como poderíamos fazê-lo sem luz?” (SERENY, 1981, p. 152).

Partindo disso, podemos concluir que a autora realiza um cruzamento de informações entre aquilo que Franz Stangl conta e aquilo que ela consegue acessar através das entrevistas com pessoas que conheceram ou trabalharam com Stangl. Essa escolha demonstra a preocupação de Sereny em trazer veracidade para o livro, e também uma desconfiança sobre as falas de Franz Stangl.

A autora nos mostra que está disposta a corrigir até erros pequenos cometidos por Stangl. Isso pode ser notado quando, ao Stangl contar sobre sua transferência para Treblinka, a autora afirma que “pode-se pôr em dúvida o calendário que Stangl reconstituiu para mim, não apenas pela ligeira divergência entre sua versão do desenrolar dos acontecimentos e a de sua mulher” (SERENY, 1981, p. 144). Mais adiante, a autora confronta a fala de Stangl sobre um erro de nome, quando ele afirma que havia uma pessoa chamada Hulda, no Vaticano, que ajudava oficiais católicos da SS. Sereny, então, corrige o entrevistado dizendo que “Stangl errava no nome. Queria dizer monsenhor Alois Hudal, reitor de Santa Maria del Anima (...)” (SERENY, 1981, p. 232). Logo em seguida, ao ser questionado sobre haver protestantes que ajudavam oficiais da SS em Roma, ele afirma que sim, e ainda que se chamava Probst Heinemann. A autora imediatamente corrige a informação dizendo que havia “outro erro. Havia um certo curador Heinemann em Anima, com monsenhor Hudal,

⁹⁷ - “Trabalhava na seção de fotografia do Programa de Eutanásia (1940 - 1942) e, mais tarde, em Treblinka. Entrevistado em sua casa em Altötting, Baviera” (SERENY 1981, 15).

⁹⁸ - Soldado SS empregado durante um ano no campo do alto, para supervisionar a incineração dos corpos (SERENY, 1981, p. 149).

mas o pastor protestante que ajudava os fugitivos chamava-se Dahlgrun” (SERENY, 1981, p. 233).

Todas essas informações são importantes, pois nos ajudam a perceber que a autora está atenta a todos os detalhes e erros que Stangl possa cometer, o que não nos parece ocorrer em relação a Albert Speer. A relevância disso está em refletir que a autora não age como se esses erros fossem insignificantes na entrevista. Pelo contrário, a necessidade de correção de cada engano cometido por ele, por menor que ele seja, demonstra a importância que a autora atribui a cada fala de Stangl. Cada erro ou engano pode ter sido cometido de forma inocente, ou de forma proposital, motivados por inúmeras variáveis. Assim, Sereny tenta trazer à tona as reais informações sobre as falas do entrevistado.

Portanto, podemos perceber que as refutações a Franz Stangl demonstram um caráter diferente. Nele a autora tenta, de forma explícita, trazer veracidade para a história que ela está construindo no livro. Então, podemos perceber que, com relação a Stangl, as refutações têm um caráter muito mais relacionado à credibilidade dele, visto que em muitos momentos a autora realmente consegue demonstrar que aquilo que foi dito não era verdade. Isso é relevante pois demonstra a visão da autora de que nem tudo é como o entrevistado está contando, e que muitas coisas podem ter sido distorcidas ou mudadas para favorecê-lo de alguma forma.

Nos dois livros a autora escolhe fazer um procedimento similar, porém as diferenças de um livro para o outro chamam a nossa atenção. Um dos pontos mais importantes que devemos levar em consideração é o número de intervenções dessa natureza, já que temos um número muito aproximado desse procedimento em ambos os livros, ainda que eles contem com tamanhos muito distintos. Assim, pudemos perceber que a necessidade de refutação da autora está mais aparente no livro sobre Franz Stangl que no livro sobre Albert Speer.

Acreditamos que isso ocorra por alguns motivos. Um deles está relacionado ao momento da entrevista no qual Sereny demonstra acreditar que Stangl está tentando ter algum tipo de resultado com as conversas, o que o leva a ter menos credibilidade. Outro motivo pode estar relacionado à relação construída entre a autora e o entrevistado, que no caso de Speer é uma relação muito mais longa e mais próxima. Sendo assim, podemos supor que a autora direcione mais credibilidade a ele, que se tornou um amigo, do que a Stangl. Isso é relevante pois, no livro sobre Speer, as refutações são frutos de conclusões ou descrenças da autora, ou seja, os pensamentos dela em relação as falas do entrevistado. O livro sobre Stangl não conta com esse tipo de intervenção, uma vez que todas têm um caráter

mais ligado à tentativa de trazer fatos para o livro. A autora demonstra, desse modo, menos descrença dos fatos contados por Speer enquanto se preocupa com a possibilidade de Stangl estar mentindo a todo momento.

Portanto, podemos observar duas formas distintas de lidar com informações equivocadas nos dois livros; o procedimento é o mesmo, mas o motivo da intervenção da autora muda entre Speer e Stangl. Vale ser ressaltado que há uma sensação de que Stangl passa para Sereny, com relação a essa necessidade de alterar fatos, o que descredibiliza suas falas e faz com que muitas delas sejam motivo de desconfiança da autora. Ela nos demonstra essa preocupação com a veracidade nas falas de Stangl quando afirma que “ele dizia a verdade tal qual a tinha visto e ainda a via agora em 1971, e assim o fazendo, voluntária mas inconscientemente, ele dizia mais do que a verdade: revelava sua dupla personalidade que havia adquirido para sobreviver” (SERENY, 1981, p. 149).

A autora não demonstra em nenhum momento ter a mesma sensação nas entrevistas com Albert Speer, e possivelmente isso seja o principal motivo para uma atitude menos crítica com ele, o que gera menos intervenções e correções. Então, o que podemos notar são tentativas de Sereny em trazer a veracidade de alguns fatos para ambos os livros, o que influencia diretamente a percepção da autora sobre o entrevistado, e sobre a construção da personagem em cada livro.

2.4. A inclusão de pessoas

É muito comum, quando falamos sobre pessoas envolvidas com crimes de genocídio, que surja uma grande dificuldade em idealizar esses indivíduos como pessoas *comuns*. Dificilmente cogita-se que, por detrás dessas figuras, há também outras pessoas, família e amigos, pessoas para quem esse indivíduo significa muito mais do que simplesmente um criminoso de guerra.

Deve-se ter em mente que essas pessoas, assim como todas as outras pessoas no mundo, são filhos, podem ser pais, maridos e podem ser amigos muitos queridos para alguém, por isso devemos ter em mente que existe uma vida para esse indivíduo além dos crimes e atrocidades cometidos por eles. Isso é relevante para compreendermos que esses indivíduos não possuem uma característica singular, ou algo que faça-os ser destaques em meio à multidão, não há nada nessas pessoas que possa diferenciá-los das outras ao seu redor.

Em ambos os livros a autora escolhe fazer com que os familiares mais próximos do entrevistado estejam presentes nas páginas do livro. Esses familiares comumente fazem parte da família nuclear do indivíduo, ou seja, são as esposas e os filhos, e auxiliam Sereny a construir a história de vida da personagem em questão. A análise desse procedimento de inserir familiares é importante, visto que nos mostra o lugar no qual a autora quer inserir essas histórias de vida dentro do núcleo familiar. E para além disso, a presença da família ajuda a trazer os traços *comuns* dos entrevistados, isso porque nos mostra um núcleo afetivo do qual esse indivíduo faz parte, e assim não perdemos de vista quem esse indivíduo era para as pessoas que conviviam com eles.

No livro sobre Albert Speer, uma das figuras familiares mais exploradas é a de sua esposa, Margret Weber. A autora insere a esposa de Speer no livro de várias formas pois, além de trazer as entrevistas e impressões que teve pessoalmente sobre a senhora Speer, também são trazidas cartas que ela e Albert Speer trocaram ao longo de suas vidas. A autora traz um compilado de cartas fornecidas por Speer, e escritas por ele, que ela chama de “cartas de colegiais” (SERENY, 2001, p. 85), pelas quais ele e Margret Weber se comunicavam enquanto ela estudava em uma cidade diferente da qual eles haviam se conhecido.

As cartas, apesar de não serem perpassadas por um romantismo caloroso, ou declarações de amor, demonstram muito do pensamento de Speer. Pode-se notar também um pouco de seus sentimentos, sua rotina enquanto estudava, as atividades que gostava de fazer e tudo aquilo que ele achava de grande importância dividir com Margret Weber. Assim, temos acesso a partes da vida de Speer, que nos ajudam a compreender a importância que Margret Weber passou a ter. Para além disso, podemos ter uma ideia, pelo teor das cartas, desse período de estudo e as escolhas de Albert Speer.

Quando refletimos sobre a presença de Margret Weber no livro, podemos perceber que a autora tenta explorar uma carga de sentimento presente no relacionamento entre Speer e Weber. A autora opta por trazer o começo do relacionamento dos dois, mantendo os momentos de amizade e afeição que ambos demonstram. Em um dos exemplos disto, Sereny nos apresenta um depoimento de Margret Weber: “ele se apaixonou – disse Margret, com rara espirituosidade. – No começo, eu fiquei, principalmente, curiosa. Mais tarde e aos poucos é que me apaixonei por ele” (SERENY, 2001, p. 82). Com isso, podemos acompanhar a trajetória, não apenas de vida de Speer, mas também de seu casamento, sobre todo esse sentimento de juventude se amadurecendo e se desenvolvendo em um absoluto companheirismo de ambos, denotado pela autora em todos os momentos que descreve a

presença de Margret Weber durante as entrevistas com Speer na casa do casal. Sereny resume essa relação quando afirma que:

Mas a vida de Margret também fazia parte da história: a causa do namoro deles; a distância entre os dois imposta pela prisão de Speer, e, apesar disso, o amoroso e sincero sentimento dele pela esposa, e a ferrenha lealdade dela ao marido (...) (SERENY, 2001, p. 30).

Isso nos faz refletir sobre o quanto é importante trazer a figura da esposa de Speer para o livro. Isso porque, além de Weber ajudar a construir a história de vida de Speer com suas entrevistas e contando o que sabia sobre o marido, a própria história dela também se faz importante, visto que eles se conheceram muito jovens, então grande parte da trajetória de Speer foi trilhada ao lado dela. A grande importância da esposa está em demonstrar essa parte sentimental de Speer, e reafirmar que ele era uma pessoa que possuía sentimentos, aproximando-o assim de um homem *comum*.

O que também se faz presente no livro é a distância imposta ao casal por conta do trabalho de Speer para o Terceiro Reich. Esse é um assunto muito tratado, principalmente com relação aos filhos do casal, que tiveram muito pouco contato com o pai em sua infância, primeiro pela separação em decorrência da guerra, depois pela prisão de Speer. Em dado momento, Margret Weber chega a dizer que “os filhos mal o conheceram” (SERENY, 2001, p. 475), e ainda que “para todos os efeitos, os filhos não tinham pai” (SERENY, 2001, p. 475). Entretanto, apesar desses relatos mais incisivos de Margret Weber, ela não culpa Speer pelos acontecimentos, nem o recrimina por eles.

A autora também traz questões relativas aos filhos para o livro, principalmente na figura de Hilde Speer, filha do casal. Hilde Speer aparece de diversas formas no livro, seja proporcionando depoimentos em entrevistas com a autora, ou pela exibição das cartas trocadas entre ela e o pai. Dentre todos os filhos de Albert Speer, ela manteve um contato muito próximo com seu pai durante todo o tempo em que ele esteve preso em Spandau. Os assuntos presentes nas cartas eram dos mais variáveis, e iam desde a fé de Speer, passando pela sua vivência na prisão, como os livros que estava lendo e indicações de livros para a filha. Passando também sobre música, e iam até conselhos do pai sobre como se portar em uma abordagem por jornalistas, o que acontece em uma carta escrita por Speer algumas semanas antes de sua filha embarcar para um intercâmbio nos Estados Unidos da América.

Dentre os assuntos conversados por pai e filha, um dos mais importantes é a respeito da culpa de Albert Speer. Hilde Speer escreve para o pai pedindo que ele explique a razão

de sua culpa, e esse diálogo resulta em uma das cartas mais importantes do livro, que inclusive é apresentada pela autora duas vezes, na qual Speer escrever que:

Você pergunta... sobre os nazistas... e também como uma pessoa inteligente pôde deixar-se levar por tal coisa. Vou explicar-lhe, usando a mim mesmo como exemplo, como isso pode acontecer. Permita-me começar com a parte mais difícil: uma vez que você queira, covardemente, evitar encarar a verdade, você tem que admitir que não há como se desculpar, e muito menos como se justificar. É neste sentido que eu estou convencido da minha própria culpa. Sabe, existem coisas das quais você tem de carregar a culpa, mesmo que consiga encontrar desculpas no fato de que o cometimento de certos atos tem origem na iniciativa alheia: a imensidade dos crimes perpetrados e a sua inação diante da realidade da qual você faz parte anulam qualquer tentativa posterior de justificação... (SERENY, 2001, p. 43)

Esta carta, de maio de 1953, é importante por alguns motivos, dentre eles por Speer admitir tão abertamente a culpa por seus atos durante a guerra, e por admitir não ser possível justificar seus atos. Além disso, é importante percebermos o impacto que a carta de Hilde Speer causou em seu pai, dado que, segundo Sereny “essa carta foi tremendamente perturbadora para ele. Antes de tê-la recebido, nunca lhe havia ocorrido que qualquer filho dele – ou qualquer pessoa jovem – pudesse questioná-lo daquele jeito (...)” (SERENY, 2001, p. 44). Aqui é possível perceber a proximidade dos dois, bem como fica nítido que a preocupação da filha com a moralidade do pai o impacta ao ponto de que ele se permita, talvez, ser sincero em admitir a responsabilidade sobre suas escolhas. Essa proximidade é muito nítida também para Gitta Sereny, visto que, em dado momento, a autora comenta sobre as cartas entre pai e filha e afirma que “nelas, mensagens cheias de amor e de calor humano, estava o homem que ele queria ser, mas que apenas lhe era possível ser no papel: o pai, o amigo, o pensador – um homem moralista” (SERENY, 2001, p. 32).

As cartas são utilizadas como ferramentas para apresentar a profundidade e o afeto de um relacionamento entre pai e filha, que foi extremamente fortalecido pela necessidade que Speer tinha de apoio enquanto cumpria sua pena. A última carta enviada a filha demonstra, nas palavras de Speer, a importância que a relação teve durante todos aqueles anos:

Espero que seja a última carta; a última em resposta à energia extraordinária e ao amor que você despendeu num esforço para fazer parecer menor o tempo que eu passei em Spandau. Você escreveu uma vez que estava desapontada com o fato de sua missão ter fracassado. Mas não

vejo nenhum fracasso. Graças a você eu fui de esperança em esperança e isso foi vital, pois, sem esperança ninguém consegue viver...⁹⁹ Mas, o que foi mais importante para mim foi o amor que você manifestou ao abraçar uma tarefa tão ingrata. Seu amor para comigo foi o maior dos presentes, algo que jamais será perdido ou esquecido – ele permanecerá comigo para sempre. Era isso o que eu queria dizer a você, ao fim destes muitos milhares de palavras. Nenhum “obrigado” pode ser suficiente. (SERENY, 2001, p. 911)

A última carta de Speer para a filha parece ser um reflexo da relação de ambos durante todos esses anos. Nela, Speer consegue se referir ao amor, tão importante para sua jornada, e demonstra a consciência da dificuldade nessa trajetória de sua filha em seus anos de prisão. Além disso, ele admite o quanto esse relacionamento foi necessário para que sua esperança não fosse minada pelos anos na prisão. Com isso, a autora consegue nos fazer compreender como um pai, ainda que cumprindo pena pelos seus crimes, podia, mesmo à distância, manter um relacionamento amoroso e afetivo com a sua filha. Desta forma, a relação de Hilde e Albert Speer ajuda a extrapolar a figura dele.

A importância que as figuras de Margret Weber e Hilde Speer possuem na história de vida do entrevistado é um dos nossos pontos principais, pois ambas possuem papéis relevantes na trajetória de Speer, seja antes, durante ou depois da guerra; e essa relevância também auxilia no processo de *compreensão* individual da figura de Speer. Com a escolha da autora em trazer essas figuras, temos a possibilidade de expandir a visualização da personagem, isso porque nos apresenta o olhar que outras pessoas tinham sobre Speer, em seus relacionamentos familiares. Por isso, acreditamos que a inserção da esposa e da filha existe com o intuito de romper com a ideia de ausência de sentimentos nas figuras envolvidas com crimes contra a humanidade, e incluir esses indivíduos em um núcleo familiar e afetivo.

Com relação ao livro de Franz Stangl a autora se propõe a realizar o mesmo procedimento, também com o intuito de explorar figuras familiares importantes para o entrevistado. Nesse caso, a figura mais explorada é a de sua esposa, Theresa Stangl, tendo sido até mesmo objeto de parte de um estudo preliminar sobre o livro¹⁰⁰. A esposa é inserida em diferentes pontos do livro, e, principalmente, utilizando as entrevistas realizadas com ela na casa da família no Brasil (SERENY, 1981, p. 41). Ela casou-se com Franz Stangl em outubro de 1935 (SERENY, 1981, p. 45), e esteve ao seu lado durante todos os anos de

⁹⁹ - Grifo nosso.

¹⁰⁰ - Ver MARIANO, Nathara M. A construção da imagem de Franz Stangl em “No meio das trevas” da autora Gitta Sereny, em 1974. Seropédica: UFRRJ, 2022.

guerra, bem como em sua fuga para Damasco, na Síria, no pós-guerra e em todo o tempo que ele viveu no Brasil, até ser capturado e levado de volta para a Alemanha.

O que chama atenção, e é explorado e utilizado pela autora, é a proximidade e o amor que Sereny consegue perceber entre ambos, e que escolhe expor no livro. Dentro da história de vida de Stangl está muito presente a relação dos sentimentos que ele possuía por sua esposa, bem como os que ela possuía por ele. Esse sentimento que é nutrido por ele com relação à sua esposa fica explícito em alguns momentos, o primeiro deles quando a autora percebe, e opta por enfatizar, que:

Stangl dissera que seu único desejo era ver-se a sós com sua mulher; e a primeira vez que ele chorou do fundo do coração, foi pela lembrança de seu primeiro desentendimento com ela, quando ela pensara que ele havia mentido sobre sua filiação ao partido nazista “ilegal”. Em seguida, cada vez que mencionava sua mulher (e não era raro) lágrimas de desespero vinham-lhe aos olhos. A extensão de seu amor por ela, de sua necessidade de ser amado e aprovado por sua esposa em retorno, não poderia ser posta em dúvida; nenhuma dúvida a este respeito: qualquer que tivesse sido sua transformação mais tarde, ele era capaz de amar. (SERENY, 1981, p. 41)

Pode-se notar relevância do relacionamento deles, algo crucial para *compreensão* da figura de Stangl. Sereny traz, nesse momento, de forma muito contundente, o quanto a relação do casal tem impacto sobre o entrevistado, o quanto o ato de falar sobre a esposa é algo doloroso para ele naquele momento, e o tamanho do espaço que toda a lembrança da vida do casal ocupa dentro dele. Esse amor dele por sua esposa também é expresso em sua tentativa de afastamento de Theresa Stangl enquanto ele estava na prisão, visto que, após a esposa reclamar para a autora que ele não queria conversar com ela, Sereny afirma que:

Stangl tinha excelentes motivos para isto: sabia que naquele momento ela tinha lido tudo o que aparecera sobre seu processo e sobre ele. Desejava perdidamente sua presença – ela estava autorizada a beijá-lo, abraçá-lo – mas temia suas perguntas, e seu tagarelar insistente com os guardas servia para evitá-las a qualquer custo. O que ficou evidente de forma nítida de minhas conversas com ele é que a única coisa que importava para ele, no fim, era a fidelidade e o amor de sua mulher e suas filhas; o outro motivo é que ele compreendia perfeitamente a profunda aversão de sua mulher pelo que ele havia feito. (SERENY, 1981, p. 289)

O que podemos notar que é perceptível para Gitta Sereny, é o cuidado e o zelo de Stangl por sua esposa, e a importância que sua família ocupa em sua vida. Mesmo no momento possivelmente mais complexo de sua trajetória, em relação ao processo no qual

foi condenado e provavelmente ficaria preso pelo resto de sua vida, a preocupação de Stangl girava em torno de como sua esposa o enxergaria, bem como na necessidade de poupá-la do sofrimento de vê-lo naquela situação. Assim, conseguimos perceber alguns dos sentimentos que fazem parte da vida privada do casal, e com isso conseguimos compreender melhor a figura que Sereny está construindo deste indivíduo.

Além disso, a autora traz de forma explícita a aversão da esposa de Stangl para com os atos do marido, e a consciência dele quanto a isso. Esse é um momento em que a autora lida, mesmo que de forma pouco nítida, com o fato de Stangl ter noção da responsabilidade de suas ações naquele momento. O entrevistado sabe que aquela realidade é fruto das consequências de suas escolhas durante os anos de guerra, e que essas escolhas são absurdas para outros indivíduos, incluindo sua esposa.

Entretanto, não apenas os sentimentos de Franz Stangl são tratados no livro, e grande parte da importância de Theresa Stangl está relacionada aos relatos dela para a autora. Isso porque a esposa acaba por se tornar um símbolo do amor entre os dois, quando, apesar de todo o tempo de guerra e de todas as divergências que houveram durante a vida de casados, principalmente a respeito das atividades de Stangl durante a guerra, ela afirma que em nenhum momento pensou em deixá-lo ou em desistir de apoiá-lo. Muito pelo contrário, a autora faz questão de trazer o quanto o pós-guerra foi difícil para a esposa e os filhos de Stangl, que chegaram a passar fome nesse momento, além de terem sofrido retaliações de pessoas próximas. Entretanto a própria Theresa Stangl afirma que:

De todas as mulheres que eu conhecia, eu fui a única a recusar entrar para a organização de mulheres (Frauenshaft) e para o Partido. Hoje, na minha situação, não faz muita diferença se eu fui nazista ou não. De qualquer forma, fico ao lado do homem que amei, não importa o que ele tenha feito, e caio com ele. Aliás, nada desejo senão isto. (SERENY 1981, 225).

Pode-se perceber que a autora escolhe demonstrar que o sentimento existente entre Franz e Theresa Stangl é algo recíproco e que os mantém unidos ao longo da vida. É relevante que possamos nos ater a esse detalhe do livro, que ajuda a construir um caráter mais humano e *comum* para a personagem de Stangl, que é moldado com o auxílio da demonstração de sentimentos envolvidos na relação matrimonial. Com isso, podemos notar que, sempre que Sereny trata do relacionamento do casal, esses momentos são trazidos junto com relatos sobre os sentimentos que eles nutriam um pelo outro.

As falas da senhora Stangl são tão importantes que acreditamos que o livro não é construído apenas pelas entrevistas com Stangl, mas sim em uma relação entre o que ele e a esposa dizem à autora. A esposa de Stangl é fundamental na construção sentimental da personagem de Stangl, mas também é importante no preenchimento de lacunas deixadas por ele. Isso pode ser notado com o relato da senhora Stangl sobre os acontecimentos pós 1944, as dificuldades que passou com as filhas, bem como tudo que aconteceu a Stangl quando foi preso, e sobre esses momentos a autora afirma que:

Foi principalmente por intermédio de Frau Stangl que eu soube o que foram para eles os dois anos que se seguiram ao fim da guerra. O próprio Stangl (se bem que eu tivesse a intenção de interrogá-lo mais um pouco sobre este ponto, o único que não debatemos o tempo suficiente) não parecia muito inclinado a falar sobre esse período, principalmente sobre as semanas que precederam sua prisão como oficial SS pelos americanos (SERENY 1981, 220).

Sereny deixa explícita a importância das entrevistas com a esposa de Stangl na construção da personagem do livro. Ela não é tratada como apenas mais uma pessoa na história dele, e sim como alguém que acompanhou grande parte da vida de Stangl, e que sempre esteve presente. Então, os relatos da senhora Stangl são de extremo valor para que Sereny possa reconstruir a trajetória de vida de Stangl com um pouco mais de veracidade, bem como para que ela possa observar uma versão do entrevistado que não seja a descrita por ele, e sim pela esposa.

A figura das filhas de Stangl não são amplamente exploradas, e grande parte daquilo que conseguimos perceber da imagem dele como pai é construído pelas falas da autora ou de Theresa Stangl. Sereny opta por mostrar que a família Stangl é muito próxima, e nutrem muito afeto uns com os outros, e principalmente, que Franz Stangl foi um pai, apesar de ausente no período de guerra, muito amoroso e presente na vida das filhas. A escolha de trazer essa relação fica nítida com o único relato de uma das filhas dele, Renata Stangl, que após a morte de seu pai diz que:

Tudo o que posso dizer, explicou ela, em um repente, naquela noite no carro, é que li o que escreveu sobre meu pai. Mas nada – nada neste mundo – vai me persuadir de que ele tenha feito qualquer coisa errada. Sei que isto não é lógico; sei de tudo o que se diz no processo; e agora sei o que ele lhe disse. Mas foi meu pai. E me compreendia. Esteve ao meu lado em meus piores momentos e, quando pensei que minha vida estava destruída, ele me salvou. Ele me disse uma vez: - Lembre-se, lembre-se sempre, sempre que

...você precisar de ajuda, eu irei até o fim do mundo por você. – Pois bem, quando ele morreu em Düsseldorf, eu tinha acabado de ser operada, mas resolvi que seria eu quem iria buscá-lo de avião, para o trazer de volta ao Brasil – para perto de nós – para ser enterrado. Eu também irei até o fim do mundo por ele – ir para a Alemanha para mim é isto. Espero que hoje, lá onde ele está, ele saiba disto. Que eu o amo - e sempre o amarei (SERENY, 1981, p. 279).

Apesar de ser um dos poucos momentos em que podemos realmente presenciar a figura da filha de Stangl, é um relato no qual podemos notar algumas coisas. Uma delas é a proximidade entre pai e filha. A conexão amorosa presente nessa relação fica nítida na fala de Renata Stangl. Isso nos mostra que a paternidade foi algo muito importante na vida de Franz Stangl, o que pode ser percebido ao notarmos a força do vínculo criado entre os dois, que perdura até depois da morte dele. Essa relação demonstra o amor e o sentimento potente que uma filha pode ter pelo pai. E mais que isso, Sereny traz a crença da filha de que ele era para o mundo o homem que era para elas, já que, evidentemente, mais que amar o pai, a filha acreditava nele. Acreditava em sua não capacidade de realizar os atos inimagináveis que sabemos que ele realizou.

Podemos perceber que, Theresa Stangl é parte primordial do livro, isso porque ajuda a traçar a trajetória do marido, sanando lacunas na história e nos proporcionando uma visão por outro ângulo da figura de Stangl. Assim, parte importante do livro está relacionada com a demonstração do sentimento mútuo que existia entre Franz Stangl e sua esposa, o que auxilia na construção de uma imagem *comum* e humana da figura dele. A presença da filha do casal Stangl, que apesar de não ser utilizada amplamente no livro, aparece para nos proporcionar um relato de amor pelo pai, demonstrando a importância que ele tinha em sua vida.

Além disso, como dito anteriormente, essa demonstração dos sentimentos do entrevistado, bem como as demonstrações de sentimento de outras pessoas por ele, nos auxilia na desconstrução dessa mentalidade de afastamento dessas pessoas de uma vida sentimental, e coloca-os exatamente como pessoas que amam e são amadas por outros. Com essas escolhas, a autora abre precedentes para que se possa construir a imagem desses indivíduos enxergando aquilo que há além dos crimes cometidos por eles, e principalmente, aquilo que faz com que eles sejam humanos. A relevância dessa ação está em acreditarmos que esse é um dos objetivos de Sereny, o de afastar essas pessoas da monstruosidade e construir uma imagem mais próxima do *comum*.

2.5. A relação da autora com os criminosos

É fundamental para a resolução dos questionamentos propostos na pesquisa, que a relação de Gitta Sereny com Franz Stangl e com Albert Speer seja analisada. Esse é um questionamento relevante, em razão de que o entendimento da relação entre a autora e os entrevistados podem proporcionar respostas para algumas escolhas de Sereny nos livros. Para que essa análise fosse realizada de forma pertinente, utilizamos fontes de apoio para além dos livros analisados, que nos ajudem a compreender um pouco mais sobre essas relações. Utilizamos outro livro de Gitta Sereny chamado *O trauma alemão: Experiências e reflexões, 1938 - 2000*, bem como uma entrevista concedida por ela a Christopher Sykes, disponível integralmente no canal do YouTube chamado *Web of Stories - Life Stories of Remarkable People*.

Vale a pena ressaltar que o tempo de duração das entrevistas, bem como o arcabouço de fontes disponíveis para pesquisa sobre os entrevistados são tópicos que diferem nos dois livros. Como citado anteriormente, as entrevistas com Franz Stangl totalizam setenta e duas horas e foram realizadas enquanto ele estava preso e após ser condenado a prisão perpétua.

Em contrapartida, as entrevistas com Albert Speer ocorrem ao longo de algumas semanas, e são realizadas no interior da residência dos Speer em sua terra natal. Além disso, Stangl não conta com nenhuma publicação literária e tão pouco fornece fontes secundárias para a imersão de Sereny em sua trajetória, diferente de Speer que, além de ter livros publicados, se mostra extremamente solícito em compartilhar outros escritos com a jornalista. Desta forma, é provável que tanto o arcabouço de fontes, como a duração das entrevistas, tenha impactado diretamente a construção da relação da autora com seus entrevistados.

É possível notar que a visão pessoal de Sereny constrói sobre os entrevistados é diferente. Quando a autora discorre sobre Stangl, ela enxerga o processo de corrupção de pessoas que se envolvem com os crimes do Terceiro Reich, que fica evidente quando a autora afirma que “para mim, ter estado com esse homem serviu para mostrar-me, de maneira que nenhum outro poderia fazê-lo, a essência do processo de corrupção” (SERENY, 2007, p. 121). Assim, apesar de não atrelar uma imagem monstruosa, e tão pouco aproximar Stangl de uma maldade inata, Sereny enxerga nele uma corrupção, uma fratura moral que o acompanha desde o princípio de seu envolvimento com o partido nazista.

Em contrapartida, a visão que Sereny nos apresenta de Speer vai por outro caminho. Ao falar sobre o ex-ministro, a autora enxerga um homem perseguido por sua própria consciência, e isso pode ser observado em mais de um momento, como quando é afirmado que “Albert Speer não é nenhum mártir. Mas também não é farsante. Ele é um homem perseguido pela própria consciência que luta há três décadas para recuperar a moralidade perdida” (SERENY, 2007, p. 329). Bem como quando Sereny comenta que:

Pareceu-me uma espécie de vitória o fato de esse homem - justamente esse homem -, oprimido por um sentimento de culpa insuportável e insuperável, ter tentado, com a ajuda de um capelão protestante, um monge católico e um judeu rabino, tornar-se um homem diferente. (SERENY, 2001, p. 988).

Com isso podemos analisar que as percepções que Sereny desenvolve de forma pessoal sobre os entrevistados é distinta no que concerne a sua própria natureza. Enquanto Stangl representa uma corrupção maior e um desvio moral mais acentuado, Speer traz, para a autora, uma aproximação com o tormento e o pesar pelas escolhas que foram feitas.

Além disso, é importante destacar que o desfecho a respeito da culpa é apresentado de forma distinta para cada um dos criminosos. Em ambos os casos, a culpa só encontra uma espécie de resolução, ou resposta no final dos livros, quando ambos assumem sua responsabilidade por algo, porém as percepções sobre esse desfecho são distintas. No que diz respeito a Franz Stangl, a culpa está em um lugar mais punitivo, a responsabilidade construída na figura de Stangl traz um pesar maior, o que está atrelado ao fato de ser um criminoso mais próximo dos massacres.

A impressão construída pela autora é que a culpa de Stangl leva diretamente à morte, e o momento de enfrentá-la é o desfecho para que ele possa morrer. Isso pode ser notado quando percebemos que o último parágrafo do livro sobre o ex-comandante, e após a morte dele, traz a seguinte afirmação “mas creio que se ele morreu naquele momento, foi porque finalmente - por breve que tenha sido - ele enfrentara e dissera a verdade: e foi para ele um esforço gigantesco tornar-se, naquele instante fugaz, o homem que ele deveria ter sido” (SERENY, 1981, p. 295).

A resolução da culpa, no caso de Speer, traz outro caráter. Nesse caso, a personagem é construída já possuindo essa perseguição de sua própria consciência proporcionada pela culpa. A impressão criada é de que, apesar de não ter assumido a responsabilidade de saber sobre os massacres em outros momentos, Speer é construído como uma figura que lida mais de perto com a racionalização da culpa após a guerra. Por isso, após a morte dele, a reflexão

da autora é de que “a menos que neguemos a todos os homens a oportunidade de regeneração, a esse homem, creio, devemos conceder agora a paz” (SERENY, 2007, p. 329).

Portanto, os dois livros contam com essa reflexão de culpa após a morte, porém de forma muito distinta. Enquanto a culpa de Stangl só é racionalizada e aceita no momento da morte, Speer trilha esse caminho durante toda a sua vida, o que faz com que a morte seja o momento do livramento desse pesar.

A visão construída pessoalmente por Sereny também é diferente no decorrer dos livros. A autora escolhe trazer para o livro sobre Franz Stangl a percepção de outro indivíduo sobre ele não possuir traços observáveis de brutalidade, demonstrado quando nos deparamos com o relato de um dos funcionários do presídio de Düsseldorf sobre Stangl:

"Nós o vemos como um homem", ele disse. "Você sabe o que estou dizendo: um ser humano inteligente. Não o bruto que foi. Talvez agora, depois de tanto tempo, alguém tenha coragem de explicar à minha geração como uma pessoa consciente, inteligente e sensível pôde ter pensado em fazer o que fez; não cabe a nós dizer se um homem é culpado ou não por ter sido condenado, mas por ter presenciado o que foi feito e permitido que continuasse sendo feito." (SERENY, 2007, p. 125)

Esse trecho corrobora com a percepção da própria autora quando, ao ser questionada, na entrevista, sobre a percepção que tinha sobre Stangl, Sereny afirma que:

Mas ele era, e não era um bruto. Ele era exatamente o que estou dizendo. Ele era um homem provincial austríaco. E qualquer pessoa que conhecesse a Áustria saberia imediatamente o que ele era. Acho que ele sempre se esforçou muito para falar comigo, mas se chama Hochtdard, você sabe, um alto alemão, para não falar no seu dialeto, austríaco. Ele pensou que isso me faria pensar diferente. Era muito, muito importante para ele, como eu pensava nele. Você sabe. Bem, claro, é totalmente irrelevante o que penso dele, mas foi muito, muito importante. Foram algumas semanas estranhas

que tive, mas ele, de novo, me ensinou muito, a outra coisa é claro, quando ele está preparado para aprender com essas pessoas.¹⁰¹

Em outro ponto, durante a mesma entrevista a autora, descreve como se lembra de Stangl com a frase “Eu me lembro de um homem simples”¹⁰². Logo na sequência, ao ser questionada sobre o mal em Stangl, Sereny responde que:

Você sabe, mal é uma palavra muito forte. Na verdade, não havia nada de mal em Stangl. Eu sei que deve parecer muito estranho, mas não houve. Não houve. Ele não era um homem mau. Ele era um homem simples. E o fato de estar envolvido na matança de milhões, que foi o que aconteceu. Não é por isso que ele está tão vivo.¹⁰³

Entretanto, mesmo a criação dessa imagem simples e desgarrada da figura do mal que Sereny nutriu por Stangl, a autora afirma que seus sentimentos pessoais com ele não eram de afeição, que ficam nítidos quando a autora afirma que “não gostei particularmente de Stangl, por exemplo. Há pessoas entre as quais eu gosto bastante. Eu particularmente não

¹⁰¹ - Original: “But he was not a brute. He was exactly what I'm saying. He was an Austrian provincial man. And anybody who would know Austria would immediately know what sort of was. I think he was always try very hard to speak to me, but it's called *Hochtdard*, you know, a high German, not to speak in his, in his sort of dialect, Austrian. He thought that would make me think differently. Very, very important to him, how I thought of him. You know. Well, of course, it's entirely immaterial how I think of him, but it was very, very important. It was a strange few weeks I had, but he, again, he taught me a lot of the other thing is that of course, when he's prepared to learn from these people”. Fonte: SYKES, Christopher. Web of Stories - Life Stories of Remarkable People. Gitta Sereny - Who was Franz Stangl? (3/20). YouTube, 2008. Disponível em: https://youtu.be/fJMttyISNeg?si=LY1y3WvW1_Z7Dra5. Acesso em: 27/10/2023.

¹⁰² - Tradução nossa: “I remember this simple, simple man”. Fonte: Fonte: SYKES, Christopher. Web of Stories - Life Stories of Remarkable People. Gitta Sereny - The banality of evil (8/20). YouTube, 2008. Disponível em: <https://youtu.be/Msj6uw2bj2Q?si=yovPozHmOWSDQVVg>. Acesso em: 27/10/2023.

¹⁰³ - Original: “You know, evil is a huge word. Actually, there was nothing evil about Stank. Not really. I know that must sound very strange, but there wasn't. There wasn't. He was not an evil man. He was a simple man. And the fact of being involved in the killing of millions, which is what it was. It isn't how he's so alive”. Fonte: Fonte: SYKES, Christopher. Web of Stories - Life Stories of Remarkable People. Gitta Sereny - The banality of evil (8/20). YouTube, 2008. Disponível em: <https://youtu.be/Msj6uw2bj2Q?si=yovPozHmOWSDQVVg>. Acesso em: 27/10/2023.

gostei de Stangl.”¹⁰⁴. Ou seja, naquilo que nos demonstra a autora, a proximidade propiciada pelas entrevistas não gerou um sentimento de afeto em Sereny por Stangl.

A construção dessa imagem no caso de Albert Speer é distinta, visto que, em determinados momentos, fica explícito que a autora nutre um sentimento de afeto pelo entrevistado, que pode ser notado quando a autora descreve que:

Aquilo que eu não sabia ainda e que só saberia muito depois era que ele se consumira em torturas pelo assassinato dos judeus. Levei muito tempo para começar a gostar de Speer, mas, lá pela terceira de nossas três primeiras semanas juntos, eu já acreditava plenamente, adorava-o mesmo, naquele seu sentimento de culpa. (SERENY, 2007, p. 313)

Com base no trecho citado acima, também podemos analisar que esse sentimento desenvolvido por Sereny a respeito de Speer, proporcionou uma aceitação maior daquilo que era falado pelo seu entrevistado. Ou seja, a autora não está imparcialmente ouvindo um relato de vida, mas sim reconstruindo a trajetória de alguém por quem ela tem afeição. Podemos perceber que a autora nutre por Albert Speer um sentimento totalmente diferente daquele que foi desenvolvido com por Franz Stangl. A entrevista da autora corrobora com essa percepção quando, ao ser questionada sobre Speer, Sereny responde:

Mas certamente gostei de Speer. Quer dizer, eu estava muito ciente do Speer. Eu tinha plena consciência de que ele era mais inteligente do que eu. E era um homem superior. E eu sabia que poderia aprender muito com ele. E certamente nunca conheci ninguém com quem tenha aprendido tanto quanto com Speer.¹⁰⁵

Ainda durante a entrevista utilizada na pesquisa, Gitta Sereny faz uma afirmação importante quando diz que “eu não poderia ser amigável com essas pessoas, mas eu poderia ser normal com eles, e se não fosse, eles não poderiam ter me contado essas coisas”¹⁰⁶.

¹⁰⁴ - Original: “I didn't particularly like Stangl, for instance. There are people amongst my quite liked. I didn't particularly like Stangl”. Fonte: SYKES, Christopher. Web of Stories - Life Stories of Remarkable People. Gitta Sereny – Albert Speer (16/20). YouTube, 2008. Disponível em: https://youtu.be/m3dD_Bka_kc?si=BjCecqLs_6Cx1Sgy. Acesso em: 27/10/2023.

¹⁰⁵ - Original: “But I certainly liked Speer. I mean, I was very aware about the Speer. I was very aware that he was more intelligent than I. And he was a superior man. And I knew that I could learn enormously from him. And I certainly have never met anyone from where I've learned as much as from Speer.”. Fonte: SYKES, Christopher. Web of Stories - Life Stories of Remarkable People. Gitta Sereny – Albert Speer (16/20). YouTube, 2008. Disponível em: https://youtu.be/m3dD_Bka_kc?si=BjCecqLs_6Cx1Sgy. Acesso em: 27/10/2023.

¹⁰⁶ - Original: ““I couldn't be friendly to these people, but I could be normal with them, and if I hadn't been they couldn't have told me this things””. Fonte: SYKES, Christopher. Web of Stories - Life Stories of

Entretanto, baseado em tudo que analisamos até o momento, podemos inferir que a autora nutre por Stangl e Speer sentimentos muito distintos. Apesar de afirmar lidar com esses entrevistados de forma normal em ambos os casos, a opinião que a autora constrói vai além das entrevistas, e rompe a fronteira daquilo que consta nos livros sobre os criminosos. Essa afirmação encontra razão de ser, pois o tempo e a disponibilidade emocional que essa aproximação com esses indivíduos denota é muito alta, e assim sendo, é compreensível serem formadas opiniões externas aos trabalhos realizados nos livros.

A razão pela qual Sereny possui sentimentos tão distintos a respeito dos entrevistados não fica explícita em nenhum momento. Entretanto, alguns pontos podem ser levantados que corroboram na *compreensão* deste fato. Um deles gira em torno de Albert Speer não estar diretamente ligado ao massacre de pessoas, sendo seus crimes cometidos de outra natureza que não assassinato em massa. Em contrapartida, Franz Stangl está diretamente ligado aos massacres como comandante de grandes campos de extermínio. Esse é um fator relevante, que deve ser levado em consideração, principalmente por Sereny estar inserida no contexto dos conflitos da Segunda Guerra Mundial e, por isso, lida-se com um episódio de genocídio que ocorreu no tempo da autora.

Além disso, a realidade dos entrevistados também deve ser levada em consideração. Speer havia sido julgado logo após a guerra e cumprido seus anos de prisão, porém Stangl tinha sido um fugitivo durante muitos anos, se escondendo e escapando de pagar por seus crimes. A diferença de acontecimentos no pós-guerra pode ser um motivo de certa revolta na autora, que pode enxergar uma injustiça no caso de Stangl, que não aconteceu no caso Speer.

Porém, apesar de ser possível refletir sobre os motivos pelos quais Sereny desenvolve sentimentos distintos por Stangl e Speer, o fato relevante é que os sentimentos são diferentes, e isso não pode ser tido como menos importante. Quando levamos esse fato em correlação com a análise dos livros, podemos ressaltar tópicos muito importantes. Um deles é o livro sobre Stangl contar com mais críticas quando relacionado ao livro sobre Speer, bem como, com mais correções e insinuações de inverdades na fala do entrevistado. Com isso, a autora constrói Stangl como uma pessoa mais difícil, diferente de como a figura de Speer é construída, pois é como se esse mentisse menos. Isso também demonstra a aceitação pela autora do discurso de cada entrevistado.

Remarkable People. Gitta Sereny – Albert Speer (16/20). YouTube, 2008. Disponível em: https://youtu.be/m3dD_Bka_kc?si=BjCecqLs_6Cx1Sgy. Acesso em: 27/10/2023.

CAPÍTULO III

O PENSAMENTO DE GITTA SERENY: UMA ANÁLISE

Para que seja possível adentrar em uma análise a respeito do pensamento de Gitta Sereny, faz-se necessário que retomemos a discussão que permeia a pesquisa na totalidade: a problemática de estarmos lidando com livros produzidos por uma intelectual mulher. Como foi defendido no decorrer da argumentação, Gitta Sereny faz parte de uma mudança na forma de pensar criminosos nazistas, e esse fato é de extrema importância quando lidamos com a subjugação da intelectualidade feminina por milênios. Defendemos isso à luz do pensamento da historiadora Gerda Lerner quando afirma que:

Estamos no processo de formação. Mas já sabemos que a mente da mulher, enfim liberta após tantos milênios, também poderá oferecer visão, ordem, soluções. As mulheres por fim estão exigindo, como fizeram os homens no Renascimento, o direito de explicar, o direito de definir. As mulheres, pensando elas mesmas além do patriarcado, somam *insights* transformadores ao processo de redefinição (LERNER, 1986, pp. 311-312).

Desta forma, é relevante que tenhamos em mente que acreditamos na importância da discussão de gênero no caso da produção intelectual de Gitta Sereny, dado que a maneira apresentada por ela de refletir sobre criminosos nazistas traz uma forma diferente de pensar esses indivíduos que apenas havia sido utilizada pela filósofa Hanna Arendt. Essa pode ser considerada uma contribuição expressiva a um campo de estudo que vinha se consolidando a muitos anos. Assim, não é irrelevante pensarmos que essa renovação na forma de pensar esses criminosos é desenvolvida por mulheres¹⁰⁷, em um momento em que essas intelectuais estão reivindicando para si a autonomia de pensar e explicar o mundo à sua maneira.

É importante deixar claro que não há, no decorrer dos livros, a possibilidade de defender que eles trazem uma mudança na perspectiva de pensamento sobre criminosos nazistas apenas pelo advento de serem produzidos por uma mulher. Ou seja, a produção da autora não carrega nenhum traço distintivo que seja próprio de sua identidade de gênero. O que defendemos é que a ascensão da forma diferente de pensar, que Gitta Sereny aplica em seus livros, é fruto da necessidade de intelectuais mulheres reivindicarem a sua autonomia na produção intelectual.

¹⁰⁷ - Aqui nos referimos também a filósofa Hannah Arendt, figura importante na renovação da forma de pensar criminosos nazistas.

Devemos considerar a importância que há em Sereny publicar um livro seguindo uma linha de pensamento similar à defendida pela filósofa Hannah Arendt, e pela qual essa já havia sido duramente criticada nos anos anteriores¹⁰⁸. Assim, o pensamento da autora é significativo não apenas por ser uma forma diferente de perceber criminosos nazistas, mas também por essa forma ter sido criada e executada por uma mulher em um contexto de predominância da intelectualidade de homens.

É de grande valor que possamos alocar Sereny no mundo e na realidade da qual ela fez parte e que possibilitou que essas obras fossem idealizadas. O significado disso está em acreditarmos que todos escrevem partindo de um lugar social. Podemos argumentar sobre isso utilizando a perspectiva de Michel De Certeau quando afirma que o historiador escreve de algum lugar e:

Certamente não existem considerações, por mais gerais que sejam, nem leituras, tanto quanto se possa estendê-las, capazes de suprimir a *particularidade* do lugar de onde falo e do domínio em que realizo uma investigação. Esta marca é indelével. No discurso onde enceno as questões globais, ela terá a forma *do, idiotismo*: meu patoá representa minha relação com um lugar (CERTEAU, 1982, p. 55).

Apesar de Gitta Sereny não ser uma historiadora, a fala de Certeau nos ajuda a compreender que as vivências e experiências são importantes para a formação do indivíduo, sendo refletidas na produção intelectual por meio das escolhas feitas nos escritos. No caso de Sereny, a autora viveu em meio aos acontecimentos relacionados à Segunda Guerra Mundial, o que certamente é importante para as escolhas que a autora realiza nos livros. Assim, podemos afirmar que Gitta Sereny tem o objetivo principal de compreender a trajetória de vida desses indivíduos, e em como eles chegaram ao patamar de envolvimento com um dos maiores genocídios do século XX. Porém, mais do que isso, podemos notar que a autora tenta, em ambos os livros, desconstruir essa imagem monstruosa dos entrevistados, sempre utilizando os mecanismos que destacamos para aproximá-los da humanidade.

Sereny está construindo uma argumentação sobre como esses homens se tornaram criminosos sobre dois pilares. O primeiro pilar está ligado à responsabilidade sobre as escolhas feitas e as consequências de suas decisões. Os entrevistados trilham o caminho para o crime ao deixar-se perder em meio a acontecimentos, e aceitar aquilo que deveria ser moralmente inaceitável, isso fica claro quando a autora afirma que:

¹⁰⁸ - Essa afirmação baseia-se nas críticas tecidas ao livro sobre Adolf Eichmann lançado em 1963.

Existe em nós um pequeno núcleo ainda mal definido e desconhecido que, recebendo essa liberdade, alcança uma existência própria, como um segundo nascimento que se desprende de nós, liberta-nos de qualquer influência intrínseca e orienta nossa conduta e nosso desenvolvimento moral. Não creio que existam monstros ao nascer; um monstro é o fruto desse desenvolvimento entravado.

Ignoro o que possa ser esse núcleo, o conhecimento, a alma ou talvez uma energia moral que ainda não tem nome. Mas estou convencida de que não pode existir uma personalidade, no sentido mais profundo da palavra, senão quando esse núcleo emerge; a partir do momento, em qualquer idade (bem pequenos, se tivermos essa oportunidade) no qual começamos a responder por nossos atos e nos tornamos cada vez mais responsáveis.

A moralidade social depende da aptidão de um indivíduo para tomar decisões responsáveis, e fazer a escolha fundamental entre o bem e o mal; e essa aptidão tem sua origem no núcleo misterioso - verdadeira essência do ser humano.

Essa essência, entretanto, não pode alcançar a vida no vácuo. É extremamente vulnerável e inteiramente submetida ao clima da vida, à liberdade no seu sentido mais fundamental; não a licença, mas a liberdade de desabrochar-se; no seio da família, da coletividade, da nação e da humanidade em seu todo. Consequentemente, a realidade dessa existência, enquanto que indivíduos dignos deste nome - é testemunha da interdependência humana e da responsabilidade recíproca de cada um de nós em relação ao outro (SERENY, 1981, p. 297).

Esse trecho delimita o pensamento de Gitta Sereny a respeito de Franz Stangl e Albert Speer, aproximando-os da humanidade e colocando neles toda a responsabilidade moral das escolhas feitas no decorrer de suas vidas.

O conceito de *banalidade do mal* da filósofa Hannah Arendt, apresentado anteriormente, dialoga com essa perspectiva, e traz a ideia de que esses criminosos nazistas estão tão imersos em seus “deveres” como cidadãos, e como parte integrante da máquina de extermínio nazista, que “praticam o mal sem motivos especiais, de maneira gratuita, sendo tão pouco capazes de conceber ressentimentos quanto de refletir sobre seus feitos” (TIZZO, 2017, p. 33).

Assim, ao analisar Adolf Eichmann, a filósofa está desconstruindo essa imagem monstruosa, como se o mal fosse algo inato e natural a essas pessoas, e construindo um mal impessoal, praticado de forma sistemática, provocando aquilo que Arendt chama de “massacres administrativos”¹⁰⁹. A filósofa delimita o argumento quando afirma que:

¹⁰⁹ - “Pois o conceito de genocídio, introduzido especificamente para cobrir um crime antes desconhecido e embora aplicável até certo ponto, não é inteiramente adequado, pela simples razão de que os massacres de povos inteiros não são sem precedentes. Eram a ordem do dia na Antiguidade, e os séculos de colonização e imperialismo fornecem muitos exemplos de tentativas desse tipo, mais ou menos bem-sucedidas. A expressão “massacres administrativos” é a que parece melhor definir o fato. O termo surgiu em relação ao imperialismo

Ele não era burro. Foi pura irreflexão - algo de maneira nenhuma idêntico à burrice - que o predispsôs a se tornar um dos grandes criminosos desta época. E se isso é "banal" e até engraçado, se nem com a maior boa vontade do mundo se pode extrair qualquer profundidade diabólica ou demoníaca de Eichmann, isso está longe de se chamar lugar-comum. Certamente não é nada comum que um homem, diante da morte e, mais ainda, já no cadafalso, não consiga pensar em nada além do que ouviu em funerais a sua vida inteira, e que essas "palavras elevadas" pudessem toldar inteiramente a realidade de sua própria morte. Essa distância da realidade e esse desapego podem gerar mais devastação do que todos os maus instintos juntos - talvez inerentes ao homem; essa é, de fato, a lição que se pode aprender com o julgamento de Jerusalém. Mas foi uma lição, não uma explicação do fenômeno, nem uma teoria sobre ele. Aparentemente mais complicada, mas, na verdade, muito mais simples que examinar a estranha interdependência entre inconsciência e mal, é a questão relativa aos tipos de crime de que se tratava ali - um crime, além do mais, que todos concordam ser sem precedentes (ARENDDT, 1999, p. 311).

Desta forma, podemos perceber a presença do conceito de *banalidade do mal* na argumentação de Gitta Sereny a respeito de criminosos nazistas. Assim, acreditamos que, da mesma forma que Arendt acredita que Eichmann era irreflexivo com seus atos, Sereny acredita que Stangl e Speer eximiram-se da responsabilidade com o outro ao fazerem suas escolhas durante o regime nazista. Por isso, além da autora ter sido influenciada pelo pensamento de Hannah Arendt, visto que algumas edições de seus livros contam com a obra sobre Adolf Eichmann na bibliografia, ainda é possível notar uma perspectiva parecida com a da filósofa em seus escritos.

É importante ressaltar que há uma linha, que muitas vezes pode ser tida como tênue, quando falamos sobre a *compreensão* de criminosos nazistas. Esse tipo de análise, que é extremamente sensível por lidar com um evento da magnitude e da brutalidade do Holocausto, pode ser entendida como uma forma de atenuar a culpa e eximir esses criminosos de seus crimes. Isso porque coloca os indivíduos que participaram do funcionamento do regime como objeto principal de análise e compreensão, o que pode gerar a impressão de uma tentativa de justificação dos crimes ou compreensão dos mesmos,

britânico; os ingleses deliberadamente rejeitaram esse procedimento como meio de manter seu domínio sobre a Índia. A expressão tem a virtude de dissipar a suposição de que tais atos só podem ser cometidos contra nações estrangeiras ou de raça diferente." (ARENDDT, 1999, p. 311)

quando na verdade o objetivo é compreender o caminho trilhado até que esses indivíduos se tornem criminosos.

Entretanto, esse não é o objetivo das obras, dado que a autora, assim como Arendt, não banaliza a execução do mal, a escolha por fazer o mal, mas sim o caminho que se percorre até a execução e a própria forma do crime em si. Isso nos coloca diante de um problema de raízes muito profundas, que podem estar presentes no cotidiano: a ideia de que criminosos envolvidos com crimes brutais, como o genocídio, não possuem traços distintivos, e estão vivendo em sociedade como qualquer outro indivíduo.

O segundo pilar sobre o qual Sereny desenvolve suas análises está na forma de pensar criminosos nazistas, ligada a uma necessidade de afastar esses criminosos de uma perspectiva monstruosa. O objetivo de Sereny, em ambos os livros, gira em torno de afastar esses criminosos de uma imagem do mal místico, aquele que nasce e cresce com o desenvolvimento pessoal do ser humano, e traz esses indivíduos para a realidade palpável, aquela que pode ser observada no decorrer da vida.

Os livros mostram o direcionamento do olhar da autora para a vida dos entrevistados na tentativa de compreendê-los, não apenas como pessoas que desempenhavam funções no Estado nazista, mas sim como indivíduos que possuíam uma história para além dos crimes cometidos durante a Segunda Guerra Mundial.

Nesse ponto, com relação a monstruosidade desses criminosos, os livros também se relacionam diretamente com o pensamento da filósofa Hannah Arendt sobre Adolf Eichmann. Isso pode ser notado quando a filósofa afirma que:

Apesar de todos os esforços da promotoria, todo mundo percebia que esse homem não era um “monstro”, mas era difícil não desconfiar que fosse um palhaço. E uma vez que essa suspeita teria sido fatal para toda a empresa, além de dificilmente sustentável diante dos sofrimentos que ele e seus semelhantes causaram a milhões de pessoas, suas piores palhaçadas mal foram notadas e quase nunca reveladas na imprensa (ARENDR, 1999, p. 67).

Desta forma, podemos perceber que Arendt também está preocupada com a desconstrução dessa perspectiva monstruosa que se abate sobre esses criminosos. Assim, apesar de Sereny não citar Arendt de forma explícita, podemos perceber o pensamento da filósofa sendo trabalhado nos escritos de Sereny. Isso pode ser notado com base na afirmação da autora quando explicita que possuía a expectativa de abordar Franz Stangl “não como

monstro, mas como ser humano” (SERENY, 2007, p. 118), e isso pode ser observado também no processo de construção da figura de Albert Speer.

A forma que Sereny apresenta de pensar esses criminosos está voltada para uma necessidade da autora de entender como esses homens se tornaram criminosos, e isso pode ser observado quando a autora afirma que:

Pois aquilo que sempre me motivou assim como a muitos outros escritores de minha geração – a qual foi testemunha de duas das mais catastróficas ditaduras da História – foi saber por que os seres humanos são levados, amiúde e tão prontamente, a abraçar a violência e a amoralidade (SERENY, 2001, p. 12).

Deste modo, pode-se perceber que o olhar direcionado por Gitta Sereny para esses indivíduos busca entender como esses homens se tornaram criminosos de guerra e foram capazes de compactuar com uma das maiores barbaridades da história. Isso é pertinente para compreendermos que a autora não busca condenar os entrevistados pelos crimes cometidos, tão pouco busca eximi-los de tais crimes. O grande diferencial no pensamento de Sereny é colocar esses homens como protagonistas de suas próprias histórias, tentando entender aquilo que os levou até aquele ponto.

Além disso, a autora também possui a intenção de entender aquilo que foi importante na vida desses indivíduos para além de seus crimes. Desconstruir essa imagem mística monstruosa desses homens é relevante para alocá-los dentro da realidade, e demonstrar que pessoas comuns cometem crimes bárbaros.

Sendo assim, podemos concluir que o pensamento de Gitta Sereny, a respeito de seus entrevistados, está direcionado a encontrar o lugar no mundo ao qual esses criminosos pertencem. A autora trata esses indivíduos como entrevistados comuns, tentando entender suas trajetórias de vida, passando por suas responsabilidades para com seus crimes, aquilo que amaram e odiaram, suas famílias e seus amigos, seus anseios e suas dúvidas. Os livros são uma junção da vida privada de Franz Stangl e Albert Speer com o caminho trilhado até se tornarem criminosos de guerra, o que nos faz crer que esses dois pontos estão intimamente ligados e são complementares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar o pensamento de Gitta Sereny e entender como ela pensa criminosos nazistas foi nosso grande objetivo no decorrer da pesquisa. Foram expostos fragmentos dos livros que auxiliam na percepção das escolhas da autora nos escritos, bem como apontam para as motivações de Sereny. Esse movimento permite nos defrontar com aquilo que existiu de comum ou diferente entre os dois livros analisados. Além disso, a sistematização apresentada nos capítulos anteriores nos permite estruturar uma análise sobre como a autora reflete sobre esses criminosos para que possamos responder o questionamento principal da pesquisa: ao compararmos os livros escritos pela jornalista Gitta Sereny sobre criminosos nazistas, é possível encontrar uma explicação para como pessoas comuns cometeram crimes monstruosos?

Como foi possível perceber, o contato de Sereny com nazistas começou ainda criança, e continuou com a tomada de Viena, o local que ela tinha como lar, a necessidade de fugir para escapar de perseguições, a visão do início do conflito tomando a França, e a fuga da Europa, sua terra natal. Todo esse contexto forma, certamente, a autora, e principalmente, propicia que floresçam as questões principais que Sereny traz em seus livros: a busca por entender o que leva essas pessoas a cometerem esse tipo de crime, como a própria autora afirma.

Portanto, a importância do contexto vivido por Sereny está na decisão da autora em utilizar como objetos de estudos pessoas envolvidas com acontecimentos brutais que permeiam a geração na qual ela vive. Por tudo isso, esta análise das reflexões de Gitta Sereny sobre criminosos nazistas considerou todos os pontos citados anteriormente.

Gitta Sereny nos entrega uma escrita simples, de fácil compreensão e que tem o objetivo de traçar uma linha temporal reconstruindo uma trajetória de vida. Com isso, o livro sobre Franz Stangl, bem como sobre Albert Speer, são leituras que, apesar de exigirem uma sensibilidade grande, por lidar com crimes brutais, se mostram fluidas. A autora está muito presente nos livros tecendo sua opinião e percepções sobre os entrevistados, ajudando a proporcionar profundidade de compreensão aos livros, bem como em entender as impressões pessoais da autora. Entretanto, os livros não perdem a fundamentação baseada nas entrevistas realizadas, e demonstra uma escuta atenta da autora para com os entrevistados e suas lembranças.

A estrutura temática dos livros aponta para um objetivo muito bem fundamentado na escrita de Sereny, a necessidade de trazer para os livros a trajetória de vida dos entrevistados, compreendendo aquilo que os fez se tornarem criminosos. Por isso é significativo ressaltar que os questionamentos dos livros tomaram caminhos diferentes em dado momento, e esse momento ocorre após a descrição do ingresso de Stangl e Speer para Partido Nazista. Após a entrada de ambos para o Partido, os questionamentos feitos para cada entrevistado são diferentes. Essa estrutura temática nos faz perceber que Sereny não tem a pretensão de descrever Speer como alguém parecido com Stangl. Há uma consciência de que os indivíduos trilharam caminhos diferentes durante a vida, e esses caminhos distintos formam pessoas distintas, porém que cometeram crimes de uma mesma natureza.

Assim, essa estrutura temática, da forma que foi analisada, aponta para a necessidade de preservação das particularidades da vida de cada um, e em nenhum momento forçar uma imagem única e um padrão na atitude ou trajetória desses criminosos. Sereny lida com ambos mirando em um objetivo comum: entender como cada um se tornou um criminoso, porém sem perder as particularidades de cada indivíduo.

Quando olhamos para o procedimento de compreensão realizado por Sereny, fica explícito que esse foi o objetivo da autora em ambos os livros. Isso pode ser percebido nas falas demonstradas no decorrer da análise, bem como nas escolhas feitas pela autora para a composição dos livros. O objetivo de compreensão foi o mesmo em ambos os casos, a apreensão de sentido naquilo que se ouve e naquilo que se vê, utilizando o lado emocional e empático para realizar o esforço de compreender aquilo que vem do outro, tal qual defendido por Max Weber. Entretanto, as escolhas realizadas nas obras são diferentes, e não poderiam deixar de ser, pois como afirmamos, Sereny tem a consciência de estar lidando com pessoas que possuem trajetórias de vida distintas.

Isso explica o motivo do livro sobre Franz Stangl contar com mais descrições do lado emocional do entrevistado, normalmente muito relacionado à tristeza por alguns momentos de sua vida, denotando arrependimento ou pesar. Pode-se notar que as emoções de Stangl são importantes para a construção da argumentação da autora, uma vez que trazer esses sentimentos é uma forma de aproximá-lo das emoções humanas mais comuns, e conhecidas por grande parte daqueles que lerão o livro.

Por isso, Sereny escolhe demonstrar as emoções de Stangl descrevendo aquilo que ela percebe nas entrevistas, então temos relatos de choros de Stangl e de seu olhar perdido. Porém, a autora também deixa que ele fale sobre suas emoções, em alguns poucos casos.

Esse é um procedimento pensado para construir a imagem de uma pessoa que possui sentimentos, tentando encontrar pontos de argumentação não apenas naquilo que Stangl diz, mas também naquilo que a autora observa durante as entrevistas.

O livro sobre Albert Speer traz menos essas demonstrações de emoções já que a autora descreve com menor frequência as atitudes emocionais de Speer. Entretanto, quando essas atitudes aparecem, tomam um lugar distinto daquele que ocupa no livro sobre Stangl. Sereny traz um Speer que sorri, as emoções dele não estão sempre ligadas ao pesar e a uma tristeza inata, ele toma o lugar de alguém de emoções menos densas que Stangl.

Da mesma forma que as emoções são importantes no livro sobre Stangl, elas são no livro sobre Speer por auxiliarem na construção dessa memória sobre seu passado pessoal, e são esses sentimentos que auxiliam em uma lembrança valiosa. Assim, a autora traz os sentimentos de Speer de outra forma, deixando-o falar por si no livro, seja por meio de falas na entrevista ou por meio de cartas que a autora escolheu expor na obra. Então, as angústias e as frustrações de Speer também ganham espaço no livro, assim como no caso de Stangl.

Desta forma, podemos perceber que, em ambos os casos, as emoções percebidas por Sereny durante os momentos de entrevista, bem como aquelas que os entrevistados afirmam ter, são extremamente importantes para a reflexão da autora. Essas emoções são um dos mecanismos acionados por Sereny para aproximar esses criminosos da humanidade. Trazer esses sentimentos é uma forma de humanizar esses indivíduos, demonstrando que aquilo de mais natural que existe em todos os seres humanos, as emoções, também estão presentes em indivíduos que cometem crimes brutais. Isso não os isenta da gravidade dos crimes, apenas rompe com a barreira que imagina esses indivíduos como vazios e afastados das emoções, e coloca-os em uma realidade conhecida a todos.

Outro ponto relevante no procedimento de compreensão realizado por Gitta Sereny é a tentativa de perceber como cada criminoso lida com a questão da culpa. Nos dois livros essa é uma questão que está presente, atravessando as histórias do início ao fim, demonstrando o quanto compreender esse aspecto é importante para a construção da imagem desses indivíduos. Acreditamos que a relevância não esteja em compreender como esses criminosos lidam com a culpa, mas inserir essa questão nos livros para nos direcionar a pensar sobre a noção de responsabilidade desses criminosos sobre os crimes que cometeram. O tema da culpa nos faz refletir sobre a questão da consequência que gera a punição pelos crimes, e da tomada de consciência sobre as escolhas que esses homens fizeram ao longo da vida.

No livro sobre Speer, a culpa ganha um significado: ela traz um pesar maior, como um peso que Speer é obrigado a carregar em qualquer lugar que ele vá. O caso de Stangl difere, a culpa tem um significado de racionalização menos evoluído, como se ele ainda estivesse tentando refletir sobre os motivos de ser culpado, apesar de admitir que é culpado. Assim, esse procedimento de tentar compreender a natureza da culpa que cada um carrega também é uma forma de aproximar esses criminosos da humanidade, dado que a culpa é um sentimento sobre o qual todos já ouviram falar, e muitas vezes conhecem muito bem.

Os procedimentos de contraposição também foram explorados e analisados nos capítulos anteriores da pesquisa. Fica evidente que essa é uma forma da autora se posicionar nos livros, visto que é o momento em que ela faz escolhas explícitas baseadas naquilo que ela acredita ou não como sendo verdade. Essas escolhas ficaram muito evidentes quando analisamos os volumes dessa ação nos dois livros, e nos deparamos com a mesma quantidade de contraposições nas duas obras que possuem diferenças consideráveis de tamanho.

Entretanto, apesar das diferenças que devem ser consideradas, essa ação é importante para compreendermos os livros. Na medida em que Gitta Sereny se coloca nas obras, corrigindo erros ou apontando inverdades, a autora se previne de transmitir a ideia de acreditar em todas as falas de seus entrevistados, além de trazer uma sensação de maior objetividade para o texto. Além disso, essa é uma das maneiras da autora estar presente na escrita, colocar sua percepção pessoal sobre aquilo que ela acredita ser verdade, bem como sobre aquilo que ela acredita não ser verdade. E essa é mais uma forma de aproximar o leitor de uma pessoa comum, construindo a imagem desses criminosos como indivíduos com lapsos de memória, ou que às vezes querem convencer os outros, e a si mesmos, de que a realidade vivida foi diferente.

Outro ponto crucial nos livros que foi amplamente discutido no capítulo anterior, gira em torno da inserção de pessoas nas obras, dando enfoque para a presença das famílias na construção dos livros. Gitta Sereny escolhe utilizar amplamente figuras familiares para construir a imagem dos dois criminosos, sempre recorrendo ao familiar mais próximo emocionalmente.

A forma que os familiares são trazidos, bem como o modo em que essas relações se desenvolvem nos livros diferem, e não poderia ser de outra forma uma vez que a autora tem consciência de estar lidando com indivíduos diferentes. Porém, é nítida a importância que a presença da família tem para Sereny, pois, sem esse elemento, os livros poderiam não se estruturar profundamente em uma análise da vida privada desses criminosos. Trazer esposas

e filhos para os livros faz parte de uma escolha da autora na construção da imagem dos entrevistados, e são o ponto mais importante do aprofundamento na história pessoal desses indivíduos.

Além disso, a escolha de Sereny por utilizar amplamente figuras de familiares no decorrer dos livros está intimamente ligada ao seu objetivo em desconstruir essa imagem monstruosa desses criminosos. No decorrer dos livros temos mais do que a reconstrução de uma trajetória de vida, temos a construção desses indivíduos em um núcleo familiar. A autora está construindo a imagem de um pai, um marido, um amigo, e tentando mostrar que, assim como a maioria dos outros seres humanos, esses criminosos foram amados por alguém, e amaram em retorno.

As ferramentas utilizadas pela autora, como cartas e falas advindas de pessoas próximas, proporcionam a profundidade emocional que apenas esses recursos poderiam trazer. Além disso, a autora não fala por eles, ela deixa que falem por si, e traz todo o sentimento possível presente nessas demonstrações de afeto. Assim, a autora consegue, de uma forma muito pertinente, construir laços de afeto entre os criminosos e suas famílias, onde podemos notar demonstrações de amor e de carinho que seriam impensáveis de serem ditas sobre esses indivíduos em momentos anteriores.

Esse é um ponto fundamental para compreendermos o que a autora pensa sobre esses criminosos, e sobre como ela quer construir a imagem deles. A autora aprofunda ainda mais, e de forma ainda mais emocional, sua expectativa de construir esses indivíduos como pessoas comuns, e colocar sobre eles um véu de humanidade. Para isso, ela utiliza das relações familiares e construídas por eles, e do afeto presente nas falas, afastando assim esses indivíduos de uma percepção monstruosa, e aproximando ainda mais esses homens da realidade conhecida pelas pessoas que lerão sobre eles.

A relação da autora com os entrevistados também é importante para entendermos o pensamento construído no decorrer dos livros. As relações pessoais desenvolvidas com as entrevistas demonstram que, apesar dos livros possuírem o mesmo objetivo inicial, a autora se relaciona com os entrevistados distintamente. Fica nítido que Sereny gosta de Speer e nutriu um afeto por ele, um sentimento de amizade.

Entretanto, quando ela fala sobre Stangl, a autora afirma não gostar pessoalmente dele, ou seja, não foi desenvolvida uma amizade ou coisa que o valha. As explicações para as distinções nessas relações podem ser encontradas nas diferenças pessoais entre os dois entrevistados: Speer não estava diretamente ligado ao assassinato em massa de pessoas,

enquanto Stangl foi comandante de campos de extermínios. No imediato pós-guerra, Speer colaborou com os aliados e foi julgado em Nuremberg, diferente de Stangl que fugiu de uma prisão americana. Além disso, Speer cumpriu uma pena de 20 anos por seus crimes, enquanto Stangl apenas foi preso em 1967. Essas podem ser explicações para a grande diferença que os livros trazem em sua natureza, como o tamanho das obras e outras particularidades citadas.

O fato é que a relação que se cria entre Gitta Sereny e seus entrevistados difere, e isso não deve ser considerado algo de menor importância. Entretanto, o objetivo principal, o de compreender a atitude mesma desses indivíduos, não se altera no decorrer dos livros. Então, apesar de nutrir sentimentos diferentes por ambos, Sereny não deixa de construir uma imagem humana de Speer e Stangl por conta disso. Isso não quer dizer que a afeição da autora por Speer não tenha nenhum impacto na construção do livro, pelo contrário, esse afeto pode ter sido o motivador das escolhas feitas pela autora na estrutura do livro.

Porém, apesar de afirmar não gostar de Stangl, ela não o constrói como um monstro, nem o afasta da humanidade. Ao contrário, Franz Stangl é o primeiro criminoso nazista que faz Sereny buscar abolir o mito de que esses indivíduos eram monstruosos. Desta forma, na medida do que é possível afirmar, o fato da autora demonstrar ou não de afeto pelos entrevistados não altera a forma como ela os constrói nos livros: como pessoas *comuns*.

Desta forma, podemos inferir que o ponto crucial para Sereny está em encontrar explicações plausíveis e racionais para o caminho trilhado por cada um de seus entrevistados, e entender como esses homens se tornaram criminosos. É derrubada a forma de vê-los como monstros, que faz com que seus atos sejam quase incompreensíveis. Isso nos leva a crer que a autora, diferente de muitos pensadores de sua época, não acreditou que os atos desses indivíduos fossem incompreensíveis, e assim sendo, se dedicou a encontrar uma forma de explicá-los. Com isso, podemos perceber que a intenção é romper com essa crença de que esses indivíduos são monstros incompreensíveis, apresentando seus atos, suas trajetórias de vida, e buscando aquilo que os tornou criminosos.

Assim, quando nos dedicamos a perceber se é possível encontrar uma explicação para como pessoas comuns cometeram crimes monstruosos, os livros de Sereny nos permitem afirmar que é possível. Isso pois a autora trabalha os escritos partindo de dois pontos importantes, um que direciona o olhar para desconstruir a imagem que esses homens carregavam, e outro tentando compreender aquilo que os leva a se tornarem criminosos. Descrevê-los como pais, maridos e bons amigos é extremamente relevante para demonstrar

que esses homens não são monstros, que são indivíduos pertencentes a um núcleo familiar e social.

Além disso, a autora apresenta que: esses criminosos envolvidos com a prática de genocídio não possuem nenhum traço distintivo de qualquer outra pessoa. Com isso, não puderam ser identificadas rupturas que os transformassem em criminosos, ou seja, não há um padrão de abuso, subjugação ou qualquer outro possível trauma que pudesse fundamentar uma explicação para a escolha de fazer parte de um crime tão brutal.

Pudemos perceber que Sereny propõe que o caminho trilhado até o crime é construído pela falta de responsabilidade com o outro. Essa responsabilidade, segundo a concepção da autora, está ligada a responder pelos atos, a tomar decisões e fazer escolhas pelas quais o indivíduo possua a consciência das consequências. Sereny acredita que a moralidade é a aptidão para escolher entre o “bem e o mal”, e isso faz parte da essência do ser humano. Essa essência é desenvolvida na coletividade, na conexão com a família e amigos, na relação com a nacionalidade e a humanidade. Assim, o que faz com que esses indivíduos escolham caminhos que os levam ao crime está em um núcleo formativo não identificável, que leva a falta de responsabilidade com o próximo e a irreflexão sobre seus atos.

Desta forma, aquilo que os torna criminosos são suas escolhas no decorrer de suas vidas, baseadas na falta de responsabilidade com o outro, e a irreflexão sobre as consequências de suas ações. É nesse ponto crucial que um criminoso nazista se diferencia de outros indivíduos comuns, pois a escolha por ser responsável por suas ações e se preocupar com as consequências de seus atos podem ser tomadas por qualquer um, entretanto alguns escolhem não tomar para si a responsabilidade dessa escolha. A autora acredita que a aptidão para essa escolha advém de um núcleo misterioso, que não temos como explicar. Está, portanto, além da compreensão das atitudes, seria a compreensão da essência de cada um, que apenas pode ser observada por seus atos.

FONTES

SERENY, G. *No Meio das Trevas - Da eutanásia ao assassinato em massa: um exame de consciência*. Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, 1981.

SERENY, G. *Albert Speer - Sua luta com a verdade*. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2001.

JORNAIS E FONTES ELETRÔNICAS

SYKES, Christopher. Web of Stories - Life Stories of Remarkable People. Gitta Sereny – Albert Speer (16/20). YouTube, 2008. Disponível em: https://youtu.be/m3dD_Bka_kc?si=BjCecqLs_6Cx1Sgy. Acesso em: 27/10/2023.

SERENY, Gitta. My Journey to Speer, 29 de set. 1992. Disponível em: < <https://www.independent.co.uk/arts-entertainment/my-journey-to-speer-1603539.html> > Acesso em 29/11/2022

Penguin Random House, site da editora. Disponível em: < <https://www.penguinrandomhouse.com/authors/3727/alan-bullock/>>. Acesso 11/03/2023.

SERENY, Gitta. Bekenntnisse eines Biedermanns. Die Zeit, 8 de out. 1971. Disponível em: < <https://www.zeit.de/1971/41/bekenntnisse-eines-biedermanns/komplettansicht> > Acesso em 29/11/2022

SERENY, Gitta. Ich war gefangen in der Falle. Die Zeit, 15 de out. 1971. Disponível em: < <https://www.zeit.de/1971/42/ich-war-gefangen-in-der-falle/komplettansicht> > Acesso em 29/11/2022

SERENY, Gitta. Es war Dantes Inferno. Die Zeit, 22 de out. 1971. Disponível em: < <https://www.zeit.de/1971/43/es-war-dantes-inferno/komplettansicht> > Acesso em 29/11/2022

SERENY, Gitta. Why Nazi trials must end: The story behind the likely acquittal of John Demjanjuk provides powerful reasons to abandon war-crimes cases, says Gitta Sereny. The Independent, 20 de ago. 1992. Disponível em: < <https://www.independent.co.uk/voices/why-nazi-trials-must-end-the-story-behind-the-likely-acquittal-of-john-demjanjuk-provides-powerful-reasons-to-abandon-war-crimes-cases-says-gitta-sereny-1541676.html> > Acesso em 29/11/2022

SERENY, Gitta. Die falsche Schuld. Die Zeit, 23 de out. 1992. Disponível em: < <https://www.zeit.de/1992/44/die-falsche-schuld/komplettansicht> > Acesso em 29/11/2022

SERENY, Gitta. Der falsche Mann. Die Zeit, 6 de ago. 1993. Disponível em: < <https://www.zeit.de/1993/32/der-falsche-mann/komplettansicht> > Acesso em 29/11/2022

SERENY, Gitta. A nazi Hunter run to Earth. The Independent, 9 de jul. 1992. Disponível em: < <https://www.independent.co.uk/arts-entertainment/a-nazi-hunter-run-to-earth-1534130.html> > Acesso em 29/11/2022

SERENY, Gitta. A nazi Hunter run to Earth. The Independent, 12 de set. 1992. Disponível em: < <https://www.independent.co.uk/arts-entertainment/the-ales-of-a-blind-eyewitness-1551184.html> > Acesso em 29/11/2022

SERENY, Gitta. With Hitler on his conscience, 9 de set. 1995. Disponível em: < <https://www.independent.co.uk/arts-entertainment/with-hitler-on-his-conscience-1599234.html> > Acesso em 29/11/2022

SERENY, Gitta. Speer's battle with truth, 9 de set. 1995. Disponível em: < <https://www.independent.co.uk/arts-entertainment/speer-s-battle-with-truth-1600342.html> > Acesso em 29/11/2022

SERENY, Gitta. My Journey to Speer, 29 de set. 1992. Disponível em: < <https://www.independent.co.uk/arts-entertainment/my-journey-to-speer-1603539.html> > Acesso em 29/11/2022

SERENY, Gitta. Inside the minds of the Nuremberg Nazis, 7 de dez. 2004. Disponível em: < <https://www.thetimes.co.uk/article/inside-the-minds-of-the-nuremberg-nazis-pjph2qfgglr> > Acesso em 02/12/2022

SERENY, Gitta. Naive and “Intoxicated by Hitler”, but Leni Riefenstahl was not a nazi, 11 de set. 2003. Disponível em: < <https://www.thetimes.co.uk/article/naive-and-intoxicated-by-hitler-but-leni-riefenstahl-was-not-a-nazi-z6r9bmg9bqw> > Acesso em 02/12/2022

SERENY, Gitta. Speer: architect of a lie?, 18 de mai. 2005. Disponível em: < <https://www.thetimes.co.uk/article/speer-architect-of-a-lie-cxtk0jldq7pb> > Acesso em 02/12/2022

Southern Poverty Law Center, site que monitora atividades de grupos de ódio. Disponível em: < <https://www.splcenter.org/fighting-hate> >. Acesso 11/03/2023.

The pol Roger Duff Cooper Prize, site em inglês sobre a premiação. Disponível em: <<https://duffcooperprize.org/>>. Acesso 09/09/2023.

United States Holocaust Memorial Museum. “Annexation of Austria”. Holocaust Encyclopedia. Disponível em: <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/photo/annexation-of-austria>>. Acesso em: 08/11/2022

United States Holocaust Memorial Museum. “Klaus Barbie: O carniceiro de Lyon”. Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/nikolaus-klaus-barbie-the-butcher-of-lyon>. Acesso em: 19/01/2023

United States Holocaust Memorial Museum. “Processos subsequentes de Nuremberg (Artigo resumido)”. Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/subsequent-nuremberg-proceedings-abridged-article>. Acesso em: 11/03/2023.

United States Holocaust Memorial Museum. “Euthanasia program and Aktion T4” Holocaust Encyclopedia. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/euthanasia-program>. Acesso em: 24/03/2023.

United States Holocaust Memorial Museum. “*Perpetradores (Artigo Resumido)*”. Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/perpetrators-abridged-article?parent=pt-br%2F11436>>. Acesso em: 09/02/2023

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAL, F. C. *Visitantes indesejados: Os pedidos de extradição de Franz Stangl e Gustav Wagner em uma análise histórico jurídica*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2012.
- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- AGUIAR, O. A. Injustiça e banalidade do mal em Hannah Arendt. *Pensando - Revista de Filosofia*, 11(22), pp. 1 - 10, 2020.
- ARALDI, L., & SVARTMAN, E. M. Rede Atlas, think tanks e a construção da liberalização econômica no Brasil: Uma análise do Instituto Millenium e do Instituto Ludwing Von Mises Brasil. *Conexão – Comunicação e Cultura*, 18, pp. 317-339, 2019.
- ARENDT, H. *Eichmann em Jerusalém - um relato sobre a banalidade do mal*. Companhia das Letras, 1999.
- ARENDT, H. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das letras, 2012.
- ARENDT, H. *Pensar sem corrimão: compreender 1953-1975*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- BARRETO, J. Nacional-catolicismo: origens e carreira de um conceito. Em C. GASPAR, F. PATRIARCA, & L. S. MATOS, *Estado, regimes e revoluções: estudos em homenagem a Manuel de Lucena* (pp. 405 - 456). Lisboa: ICS, 2012.
- BARROS, J. D. História Comparada - Um novo modo de ver e fazer história. *Revista de História Comparada*, 1, 1 - 30, 2007.
- BIAGI, O. L. O imaginário da Guerra Fria. *Revista de História Regional*, 1, pp. 61-111, 2001.
- BOBBIO, N. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo: UNESP, 1997.
- BROWNING, C. *Nazi policy, Jewish workers, German killers*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- BROWNING, C. *Ordinary Men - Reserve police battalion 101 an the final solution in Poland*. London: PENGUIN BOOKS, 2001.
- CERTEAU, M. *A Escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHARTIER, R. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- CORREIA, A. *Arendt e Kant: banalidade do mal e mal radical*. *Argumentos*(9), 2013.

- FEIERSTEIN, D. *Seis estudios sobre genocidio - Análisis de las relaciones sociales: otredad, exclusión, exterminio*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Editores del Puerto s.r.l, 2008.
- FEIJO, R. Ludwig von Mises: as Bases de sua Epistemologia e uma Proposta de Crítica Internalista. *Revista de Economia Política*, 20, pp. 311-329, 2000.
- FERNANDES, M. A reunificação política da Alemanha (1989/1990) : no contexto das relações entre as grandes potências. *Lusíada. Política Internacional e Segurança*, 10, pp. 83-123, 2014.
- FEST, J. *The Face of the Third Reich*. Penguin Books, 1979.
- FEST, J. *Speer: The Final Verdict*. Florida: Harcourt Inc, 2001.
- FEST, J. *Conversas com Albert Speer*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- FEST, J. *The Face of the Third Reich*.
- HILBERG, R. *Perpetrators victims bystanders : the Jewish catastrophe*. New York: Collins Publishers, Inc, 1992.
- HILBERG, R. *A destruição dos judeus europeus*. Barueri - SP: Amarilys, 2016.
- JAPIASSÚ, H., & MARCONDES, D. *Dicionário Básico de Filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- JOLIVET, R. *Vocabulário de filosofia*. Rio de Janeiro : Livraria Agir Editora, 1975.
- KELLENBACH, K. V. *The Mark of Cain: Guilt and Denial in the Post-War Lives of Nazi Perpetrators*. New York: Oxford University Press, 2013.
- KERSHAW, I. *Hitler: Um perfil do poder*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- KERSHAW, I. *Hitler, the Germans, and the Final Solution*. London: Yale University Press, 2008.
- LERNER, G. *A criação do patriarcado: História da opressão das mulheres pelos homens*. São Paulo: Editora Cultrix, 1986.
- LEVI, P. *Si esto es un hombre*. Barcelona: Muchnik Editores, 1987.
- LONGERICH, P. *Heinrich Himmler - Uma biografia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.
- LONGERICH, P. *Joseph Goebbels: uma biografia*. Rio de Janeiro : Objetiva, 2014.
- LONGERICH, P. *Hitler - A life*. Oxford University Press, 2019.
- MENEZES, E., & CRUSOÉ, N. M. Elementos da sociologia compreensiva de Max Weber: aplicação categorial para a pesquisa em educação. *Educ. Pesqui*, 48, pp. 1 - 17, 2022.

- MISES, L. V. Introdução à Burocracia. *Revista Interdisciplinar de Filosofia, Direito e Economia*, 3, pp. 251-262, 2015.
- MISES, M. V. *My years with Ludwing Von Mises*. New York: Arlinngton House Publishers, 1976.
- MORA, J. F. *Dicionário de Filosofia*. Lisboa: Dom Quixote, 1978.
- MUNHOZ, S. J. Para além do Muro de Berlim e de outras muralhas. *Revista Espaço Acadêmico*, pp. 50 - 61, 2009.
- OLIVEIRA, M. G. Os sons do silêncio: interpelações feministas decoloniais à história da historiografia. *História da Historiografia*, 11(28), 104-140, 2018.
- PAI, R. A. *Instituto Ludwing Von Mises Brasil: Os arautos do anarcocapitalismo*. Marechal Cândido Rondon: Unioeste, 2017.
- RAGO, M. Epistemologia feminista, gênero e história. Em M. P. GROSSI, & J. M. PEDRO, *Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade* (pp. 21 - 41). Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.
- RODRIGUES, R. R. A estrutura temática em A HORA DA ESTRELA. *Domínios de Linguagem*, 6, pp. 166 - 187, 2012.
- SCOTT, J. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, 15, pp. 71 - 99, 1990.
- SERENY, G. *Gritos no vazio - A história de Mary Bell*. São Paulo: Gutenberg, 2002.
- SERENY, G. *O trauma alemão: Experiências e reflexões, 1938 - 2000*. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2007.
- SILVA, M. d. *O retrato de Adolf Hitler na biografia Hitler: A study in tyranny escrita por Alan Bullock, em 1952*. Seropédica: UFRRJ, 2019.
- SOIHET, R., & PEDRO, J. M. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. *Revista Brasileira de História*, 27, pp. 281-300, 2007.
- SPEZIA, L. P. *Mecanismos de propaganda utilizados pelos Estados Unidos para conter a disseminação de ideais comunistas na Guerra Fria: O caso da Guerra do Vietnã*. Brasília: UNICEUB, 2015.
- SZEJNMANN, C.-C. W. Perpetrators of the Holocaust: a Historiography. Em C.-C. W. SZEJNMANN, & O. JENSEN, *Ordinary People as Mass Murderers - Perpetrators in Comparative Perspective* (pp. 25 - 54). New York: PALGRAVE MACMILLAN, 2008.
- TIZZO, F. M. A banalidade do mal e o julgamento de Eichmann. *Revista Brasileira de Sociologia do Dir*, 4(1), pp. 22 - 37, 2017.

WASSERMAN, C. História intelectual: Origem e abordagens. *Tempos Históricos*, 19, 63-79, 2015.

WEBER, M. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.

WEBER, M. *Conceitos Sociológicos Fundamentais*. Covilhã: LusoSofia: press, 2010.